

ADEMAR ALVES DA SILVA

**A PRESENÇA DA IGREJA BATISTA NO CONTEXTO DO
DESENVOLVIMENTO DA CIDADE DE TRÊS LAGOAS, MT
(1920-1940)**

UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS

2009

ADEMAR ALVES DA SILVA

**A PRESENÇA DA IGREJA BATISTA NO CONTEXTO DO
DESENVOLVIMENTO DA CIDADE DE TRÊS LAGOAS, MT
(1920-1940)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Grande Dourados, para a obtenção do título de Mestre em História.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Cândida Graciela Chamorro Argüello.

Dourados – Junho de 2009

286
S586p

Silva, Ademar Alves da.
A presença da Igreja Batista no contexto do desenvolvimento da cidade de Três Lagoas, MT (1920-1940) / Ademar Alves da Silva. Dourados, MS : UFGD, 2009.
125 p.

Orientador: Prof. Dr^a. Cândida Graciela Chamorro Argüello.
Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal da Grande Dourados.

1. Igrejas Batistas – Três Lagoas – Mato Grosso do Sul. 2. Batistas e desenvolvimento– Três Lagoas, MS. 3. Identidades batistas. 4. Denominações Batistas – Três Lagoas – MS. I.Título.

ADEMAR ALVES DA SILVA

**A PRESENÇA DA IGREJA BATISTA
NO CONTEXTO DO
DESENVOLVIMENTO DA CIDADE
DE TRÊS LAGOAS, MT (1920- 1940)**

COMISSÃO JULGADORA

DISSERTAÇÃO PARA A OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE

Presidente e orientadora:

Prof^ª. Dr^ª. Cândida Graciela Chamorro Argüello (UFGD)

2º Examinador Prof. Dr. Eudes Fernando Leite (UFGD)

3º Examinadora Prof^ª. Dr^ª Renata Lourenço (UEMS)

Dourados, 30 de Junho de 2009.

DADOS CURRICULARES

ADEMAR ALVES DA SILVA

NASCIMENTO 19/12/78 – TRÊS LAGOAS, MS

Filiação: Agenor Alves da Silva
Maria Zenaide da Silva

2000/2003

Curso de Graduação em História
Campus Universitário de Três Lagoas – Universidade Federal de Mato Grosso
do Sul – UFMS

2007/2009

Curso de Pós-Graduação em História, nível de Mestrado, na Universidade Federal
da Grande Dourados – UFGD – Dourados – MS.

RESUMO

Este trabalho trata da implantação, do desenvolvimento e da influência da Igreja Batista na cidade de Três Lagoas, Sul de Mato Grosso, no período de 1920 até 1940. Para contextualizar esse processo específico na sociedade brasileira da época, apresentamos fatos e mentalidades que marcaram a chegada dos primeiros protestantes e dos batistas ao Brasil e ao Mato Grosso, como a perseguição religiosa e a liberdade de culto religioso no país, o protestantismo e os ideais do liberalismo, os batistas perante a luta entre escravagistas e abolicionistas, frente à maçonaria e à dominação das mulheres na sociedade e na congregação religiosa. No âmbito de Três Lagoas, a Igreja Batista acompanha a história do lugar, sendo a primeira igreja protestante do município. Organizada no mesmo ano em que é fundada a cidade, a igreja batista se desenvolveu com a cidade, tendo se dado importantes e consolidadoras mudanças nas décadas de 1920 a 1940 tanto na instituição religiosa como na cidade. A influência da igreja batista foi marcante nas áreas da educação, saúde e segurança do município.

Palavras chave: Protestantismo – batistas – desenvolvimento – Três Lagoas

ABSTRACT

This paper approaches the implantation, development and influence of Baptist Church in the city of Três Lagoas, in the south of Mato Grosso, since 1920 to the decade of 1940. To contextualize this specific process in the Brazilian society, we introduced facts and ideologies that define the arrival of the first protestants and baptists in Brazil and in Mato Grosso, as the religious persecution and the liberty of religious cult in the country, the protestantism and the ideals of liberalism, the baptists facing the fight between the escravagists and abolitionists, forward the masonry and the domination of the women in the society and in the religious congregation. In the ambit of Três Lagoas, the Baptist Church followed the history of the place, being the first protestant church of the town. Organized in the same year that the city is founded, the baptist church has developed with the city, passing by important and consolidating changes in the decades of 1920 to 1940, both at the religious institution as in the city. The influence of the baptist church was outstanding in the areas of the education, health and security of the town.

Keywords: Protestantism – baptists – development – Três Lagoas

A todos os batistas que persistiram e persistem em conquistar um espaço no território brasileiro por meio de muitos esforços.

Os meus pais Agenor Alves da Silva e Maria Zenaide da Silva, os meus mais sinceros votos de agradecimentos por sempre terem me apoiado em meus estudos.

AGRADECIMENTOS

São muitas pessoas que me incentivaram durante a realização deste trabalho de pesquisa. Entre elas estão:

Em primeiro lugar Deus que sempre tem me dado ânimo e muita saúde para desenvolver uma das atividades que mais gosto de fazer, que é pesquisar sobre fatos relacionados com a história das religiões e religiosidades.

Aos meus pais, irmãos, parentes e amigos que me auxiliaram sempre em meus estudos e tiveram paciência comigo durante a minha ausência em meu “doce lar” na cidade de Três Lagoas.

Programa de Mestrado em História da Universidade Federal da Grande Dourados pela grande oportunidade que me deu para realizar esta pesquisa tão pretendida por mim.

Professora Dr^a Cândida Graciela Chamorro Argüello por ter me orientado com muita responsabilidade assim me ensinando com paciência o melhor caminho para eu desenvolver um trabalho bastante proveitoso.

Professor Dr. Eudes Fernando Leite por sempre ter me incentivado a fazer o Mestrado em História, indicando-me fontes e apontando caminhos.

Professor Dr. Damião Duque de Farias pela grande ajuda que me deu durante as suas orientações em minha qualificação.

Professora Dr^a Maria Celma Borges, professor Dr. Vitor Wagner Neto de Oliveira e o professor Mestre Nazareth dos Reis, todos da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) do Campus de Três Lagoas (CPTL), que desde a minha graduação me aconselharam a fazer Mestrado em História com uma pesquisa que focaliza a Igreja Batista em Três Lagoas.

Toda comunidade batista de Três Lagoas, de Dourados, de Campo Grande, entre outras que sem as quais o trabalho não seria realizável; principalmente aos professores teólogos da Faculdade e Seminário Batista “Ana Wollerman” de Dourados, que sempre estavam a minha disposição para esclarecer as dúvidas acerca deste trabalho, como Sérgio Nogueira, Marcelo Moura da Silva e Gustavo Soldati Reis.

Também não posso deixar de agradecer ao pastor e professor de história João Luiz da Silva e seus familiares da cidade de Três Lagoas pelo grande apoio prestado a pesquisa em questão. Assim como também ao pastor Jonathan de Oliveira e sua esposa Alice Borges, da Igreja Batista de Campo Grande, MS.

Os integrantes do Seminário Batista do Oeste do Brasil de Campo Grande e da Convenção Batista Sul-Mato-Grossense (CBMS) por sempre ter aberto as portas das instituições referidas para eu desenvolver esta pesquisa.

Aos entrevistados da Denominação Batista local, como a senhora Fé Pereira da Silva, Gércia Mendes do Amaral, o saudoso Luis Mendes do Amaral, entre outros.

A jornalista Stella Zanchett, que fez correções e sugeriu melhorias na escrita desta pesquisa.

A minha amiga Isa Aparecida Arruda Pradela, seus familiares e amigos, que estiveram muito presentes no meu cotidiano na cidade de Dourados. São pessoas que sempre estiveram junto de mim tanto na minha tristeza quanto na minha alegria e que estavam muitos dispostos a me animar para lutar pelos meus sonhos.

Meus amigos Carlos Barros Gonçalves, Paulo Vasconcelos Silva, Allisson Moraes Moreira e Roney Salina de Souza, que não posso esquecer jamais pelo motivo de ter sido mais que amigos para mim, ou seja, meus irmãos.

Professores do Núcleo de Tecnologia Educacional (NTE) de Dourados, que sob a orientação do Professor Mestre Reissoli Venâncio da Silva atendem e orientam com muita competência os pesquisadores que utilizam das ferramentas tecnológicas para desenvolver suas pesquisas científicas.

A equipe do Centro de Estudos Exppert de Dourados que torceram muito por mim nesta grande conquista de tornar-me um Mestre em História.

A Fundect (Fundação de Desenvolvimento em Educação Ciência e tecnologia), pela bolsa concedida.

É melhor tentar e falhar, que preocupar-se e ver a vida passar. É melhor tentar, ainda que em vão, que sentar-se, fazendo nada até o final. Eu prefiro na chuva caminhar, que em dias frios em casa me esconder. Prefiro ser feliz embora louco, que em conformidade viver.

Martin Luther King (1929- 1968)

SUMÁRIO

| | |
|---|-----|
| RESUMO | 6 |
| ABSTRACT | 7 |
| INTRODUÇÃO | 13 |
| OS BATISTAS NO CONTEXTO DO PROTESTANTISMO BRASILEIRO | 18 |
| Um breve histórico do protestantismo no Brasil | 18 |
| Protestantismo e liberalismo no Brasil..... | 27 |
| Os Batistas no Brasil..... | 30 |
| Doutrinas e costumes batistas..... | 35 |
| Os batistas e a escravidão no brasil..... | 37 |
| Batistas e a maçonaria no Brasil..... | 42 |
| A PRESENÇA BATISTA EM MATO GROSSO | 46 |
| A fundação da Igreja Batista no MT | 46 |
| Dados sobre o crescimento da Igreja Batista no MT | 54 |
| Represálias contra protestantes no Mato Grosso: o caso dos batistas | 59 |
| Machismo como obstáculo na pregação batista no Mato Grosso..... | 63 |
| FUNDAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DA IGREJA BATISTA NA CIDADE DE TRÊS LAGOAS | 67 |
| Breve histórico de Três Lagoas e a instalação dos primeiros batistas na cidade..... | 67 |
| A relação dos batistas com a Igreja Católica | 89 |
| A contribuição social dos batistas para o desenvolvimento de Três Lagoas..... | 92 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 99 |
| REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA | 105 |
| Almanaques | 109 |
| Atas | 109 |
| Fontes orais..... | 110 |
| ANEXOS | 111 |

INTRODUÇÃO

A presente dissertação tem como objetivo apresentar a história da Igreja Batista de Três Lagoas, já que esta é uma das instituições presentes desde a fundação do município e que teve influência no seu desenvolvimento, especialmente nas décadas de 1920 a 1940, os primeiros anos da cidade.

Para contextualizar a história da Igreja Batista de Três Lagoas, se fez necessária uma pesquisa que abarca desde a chegada dos primeiros protestantes ao Brasil, até a entrada pioneira dos missionários batistas no Mato Grosso e o desenvolvimento do município de Três Lagoas. Para fins de organização de conteúdo, este trabalho foi dividido em três capítulos.

No primeiro, procuramos resgatar a história da Igreja Batista no Brasil iniciando com um breve relato sobre a chegada dos protestantes, as atitudes preconceituosas e a conquista da liberdade religiosa no país, com um enfoque maior na denominação batista. Para o desenvolvimento desse capítulo, as obras de Azevedo (1996) e Mendonça (1995) foram indispensáveis, pois descrevem detalhadamente a vinda dos protestantes ao Brasil. Além disso, essas obras apontam a visão de progresso que os reformadores tinham e desejavam implantar na América Latina entre os séculos XVI e XIX.

O segundo capítulo tem como objetivo analisar a presença dos batistas no Sul de Mato Grosso (atual Mato Grosso do Sul), buscando entender como estes trabalharam e implantaram a sua fé no decorrer do desenvolvimento do Estado. Com relação a este capítulo, nos foi essencial a leitura da dissertação de Nogueira (2004), que aborda a causa de os protestantes, principalmente os batistas, terem vindo residir, trabalhar e praticar sua fé no Estado.

Neste capítulo ainda apresentamos dados sobre as represálias contra protestantes no Mato Grosso, com um olhar voltado para os batistas. No próprio meio batista do MT existiam proibições por parte de alguns pastores em relação a aceitação de pastoras batistas, o que nos levou a uma reflexão sobre a questão de gênero dentro desta igreja.

O terceiro capítulo trata da presença da Igreja Batista em Três Lagoas. Para isso, foi construído um estudo que retrata o desenvolvimento do referido município e contextualiza a Igreja Batista neste processo. Apresentamos o movimento dos batistas três-lagoenses e a sua participação frente aos trabalhos sociais na cidade de Três Lagoas, assim como a sua posição em torno das decisões doutrinárias e políticas no Município.

A presente dissertação é a continuação de uma pesquisa iniciada ainda durante a graduação, quando da realização do trabalho de conclusão do curso de História na UFMS (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul), Campus de Três Lagoas. Neste período de pesquisa, acumulamos um grande número de fontes de informação, das mais diferenciadas.

A pesquisa em pauta se baseia na utilização das fontes escritas, orais e bibliográficas. A pluralidade de fontes nos ofereceu um painel detalhado sobre a presença dos batistas no Brasil e no Mato Grosso, de forma a enriquecer nossa visão sobre a referida denominação e sua atuação. Os jornais da Igreja Batista, por exemplo, foram fontes muito importantes na construção desta pesquisa, uma vez que consideramos que a visão de mundo dos batistas é mais nítida nos jornais da própria instituição. Os batistas costumam utilizar este modelo de imprensa para registrar e divulgar suas ações em torno das decisões políticas e doutrinárias que envolvem as denominações batistas, especificamente no Brasil¹.

Também nos detemos em uma cuidadosa análise das atas da Igreja Batista em Três Lagoas, tendo em vista a natureza institucional do objeto. Além disso, utilizamos autobiografias, livros acadêmicos de pesquisa histórica, entre outros.

As fontes apontadas são usadas de maneira que se complementam no desenvolvimento da pesquisa, não no sentido de que uma venha a legitimar a outra, pois todas são indispensáveis, não havendo caráter de superioridade ou inferioridade entre as fontes consultadas.

Os estudos históricos no Brasil costumam dar pouca atenção para os fatos divulgados pela imprensa, usando-se dela somente como fonte de confirmação de análises centradas em outros modelos de documentos. Como já afirmamos, nesta pesquisa consideramos as informações de jornais tão valiosas quanto aquelas que obtivemos em atas, diários, autobiografias ou em livros acadêmicos. A escolha dos jornais como fonte para o estudo de nosso objeto, se justifica por compreendermos a imprensa como algo além de um “veículo de comunicação”, mas sim como um “instrumento de manipulação de interesses e de intervenção na vida social, inserido na verdade política e social” de seu tempo (LUCA, 2005, p. 118).

Os jornais que abordam os assuntos do meio batista são representados tanto pela

¹ Os jornais são distribuídos mensalmente para seus assinantes. Tratam de diversos assuntos que envolvem as igrejas batistas locais, regionais, nacionais e internacionais. Também extrapolam o campo religioso, abordando assuntos relacionados à própria comunidade, como, por exemplo, prestações de contas, políticas, campanhas missionárias e assuntos que serão e foram resolvidos em suas convenções anuais. Observa-se que nem todos os batistas têm acesso aos impressos da sua denominação porque não são assinantes. Porém, muitas das informações que estão relacionadas ao ser batista são repassadas pelos dirigentes da igreja durante as reuniões e cultos.

imprensa de caráter nacional quanto regional. Os jornais impressos analisados, que são analisados para a realização desta pesquisa, são: Jornal O Batista da Convenção Batista Brasileira (CBB); Jornal O Batista da Convenção Batista sul-mato-grossense (CBSM); Jornal O Batista Mato-Grossense (CBMT), entre outros. Em Três Lagoas, foi analisado o arquivo do jornal Boas Novas (2000-2007). Esse jornal é publicado pela Igreja Batista Independente², que abrange noticiários de diversas igrejas, como as metodistas, presbiterianas, batistas tradicionais, luteranos e Assembléias de Deus.

Quanto às atas da Igreja em estudo, são consideradas pela historiografia como fontes “oficiais”. A utilização destas fontes está, usualmente, ligada à historiografia tradicional, de caráter positivista, que carrega uma visão de “cima”: centra a história nos feitos dos grandes homens (estadistas, gerais ou eclesiásticos), enquanto os demais indivíduos permanecem num papel secundário (BURKE, 1992, p. 12).

Contudo, apesar de serem documentos oficiais, as atas que analisamos não se limitam às informações referentes aos personagens representativos da Igreja Batista. Nestes documentos, encontramos relatos das ações que diversos membros adultos, adolescentes e crianças realizaram nas suas dependências em torno das práticas religiosas, administrativas, e no desenvolvimento do trabalho social, que por sua vez, constituem informações relevantes para realização desta pesquisa. As atas, que se encontram nos referidos seminários de Teologia, são importantes para a investigação sobre a Igreja Batista em Três Lagoas, já que trazem noticiários das diversas congregações batistas dos vários Estados do Brasil. Apesar de a presente pesquisa se limitar a descrever o período compreendido entre 1920 até 1940, isto não quer dizer que deixamos de analisar as fontes que retratam a história da Igreja Batista nos anos posteriores.

Devemos ressaltar que toda documentação consultada na Igreja Batista local assim como nos seminários teológicos batistas está em perfeito estado de conservação e muito bem organizada.

Também lançamos mão de fontes orais. Para evitar a construção de uma história positivista, a utilização da oralidade é muito importante para obter relatos de “pessoas comuns” da Igreja, que nunca tiveram a oportunidade de opinar sobre as decisões da mesma. Em documentos oficiais e materiais de divulgação da Igreja estão expressas as opiniões e decisões tomadas por autoridades da instituição religiosa, o que exclui os depoimentos das “pessoas comuns”. Utilizando fontes orais podemos enriquecer o painel

² A Igreja Batista Independente surgiu em 1960 de uma dissidência da Igreja Batista de Três Lagoas, objeto aqui estudado.

que traçamos sobre a Igreja Batista em Três Lagoas, obtendo informações peculiares sobre a experiência de cada indivíduo com relação à Igreja e suas diferentes versões para acontecimentos e momentos históricos que presenciaram.

Optamos pelas fontes orais também para esclarecer alguns pontos de dúvida quando as fontes escritas apresentavam contradições entre si e também quando as informações das atas, jornais ou livros abordavam apenas superficialmente algum assunto.

Contudo, tivemos o cuidado de não tomar os relatos (ou mesmo os registros oficiais e jornalísticos) pelo fato. Percebemos nos trabalhos desenvolvidos com as fontes orais que “as histórias de vida não esclarecem necessariamente os fatos passados, mas são interpretações atuais deles” (JANOTI; ROSA, 1993, p. 13).

É necessário um especial cuidado com a seleção do conteúdo coletado nas entrevistas, pois o relato oral tende a privilegiar certos acontecimentos que a memória do entrevistado deseja que venham à tona, em contrapartida oculta outros fatos. Há também a influência da versão coletiva dos fatos, que pode modificar a visão individual do indivíduo. Jacques Le Goff (1996, p. 423), enfatiza que o indivíduo pode guardar na memória “impressões ou informações passadas, ou que o mesmo representa como passadas”. Nos casos de divergências entre os relatos e registros, levamos em conta o fato de a memória humana ser seletiva, e nos limitamos a expor e problematizar as contradições.

As entrevistas foram realizadas de forma aberta para obtenção de informações sobre os membros mais antigos e recentes da Igreja em estudo. Para tanto, elaboramos um roteiro de entrevistas para utilizar com as pessoas pertencentes ao movimento batista local. As entrevistas foram feitas com João Luís da Silva, Luís Mendes do Amaral, Fé Pereira da Silva, Jonathan de Oliveira e Gércia Mendes do Amaral.

Aos entrevistados fizemos perguntas sobre por que, quando e como ocorreu a sua conversão e o seu batismo; qual era sua religião anterior; qual é (ou foi) a sua participação na Igreja Batista e qual a importância do seu trabalho para a igreja; se sofreu preconceito ou enfrentamento pela sua escolha religiosa; quais as suas lembranças sobre a cidade de Três Lagoas de 1920 e 1940, quando tanto a cidade como a igreja ainda dava os primeiros passos em direção ao desenvolvimento; quais foram as mudanças na cidade e qual a participação dos batistas no desenvolvimento de Três Lagoas.

Esperamos que esta pesquisa não fique restrita apenas aos indivíduos do meio acadêmico, mas para toda sociedade que se interessar por assuntos relacionados às religiões. Acreditamos na relevância deste estudo por se tratar da primeira Igreja Protestante fundada na cidade de Três Lagoas, uma das mais antigas do Estado e também

por ser a maior Igreja protestante histórica no Brasil.

OS BATISTAS NO CONTEXTO DO PROTESTANTISMO BRASILEIRO

Antes de iniciar a discussão sobre a instalação dos protestantes³ no Mato Grosso e, mais especificamente, sobre a contribuição da Igreja Batista no contexto do desenvolvimento do município de Três Lagoas, gostaria de discorrer sobre a presença de igrejas protestantes no Brasil, pontualmente durante a colônia e de forma permanente depois da independência.

Um breve histórico do protestantismo no Brasil

Igrejas protestantes são aquelas que estão em sintonia com os princípios da Reforma, de *sola gratia, sola fides e sola scriptura*. Concretamente, esses significam que a salvação do ser humano procede da Graça Divina, não das obras humanas, mas depende da fé dos seres humanos. A Bíblia é a fonte de autoridade entre Deus e os seres humanos, não o papa nem a tradição. As igrejas protestantes mais importantes no Brasil são: a Luterana, a Batista, a Presbiteriana, a Metodista e a Anglicana⁴. Esses cinco ramos do protestantismo dividiram-se em diversos sub-ramos, que por preservar os princípios fundantes da Reforma podem ser considerados pertencentes ao universo protestante. Como conservam os princípios da Reforma, as igrejas batistas fazem parte do protestantismo chamado tradicional ou histórico (MENDONÇA apud FERREIRA, 2006, p. 01).

A primeira chegada de protestantes no Brasil pode ser chamada de “um protestantismo de piratas”, já que fôra contemporânea das primeiras empresas colonizatórias não-portuguesas, que ambicionaram ancorar seus navios nas costas do Brasil. A maior parte desses navios tinha dono protestante; neles, havia incluso piratas europeus (AZEVEDO, 2004, p. 150).

Segundo Mendonça (1995, p. 23, 24), a primeira presença protestante no Brasil

³ O termo protestante nesta investigação se aplica às igrejas oriundas da Reforma Protestante. No Brasil, as palavras “crentes”, “evangélicos” e “protestantes” são nomes que identificam o mesmo grupo de indivíduos e instituições (WATANABE, *apud* MENDONÇA, 2008, p. 3).

⁴ Alguns pontos em comum da doutrina dessas instituições religiosas são a crença na Bíblia como única fonte de regra e fé, a livre interpretação da Bíblia, crêem na salvação individual sem intermediários ou intercessores, não acreditam nas penitências como confissão e indulgência por meio do terço dando crédito às orações feitas espontaneamente (FERREIRA, 2006).

iniciou pouco depois da colonização portuguesa (1532), com a vinda da expedição de Villegaignon, em 1555. O conquistador francês Villegaignon contou com o apoio tanto do partido católico quanto de lideranças protestantes na realização da sua expedição ao Brasil, o que se justificou pela tensão existente na Europa, num período de completo fervor reformador e de pressão da Contra-Reforma.

A empresa contou com o apoio do líder huguenote⁵ Conde Coligny, que objetivava fundar a França Antártica, um refúgio onde os huguenotes pudessem realizar em liberdade o culto reformado. Os calvinistas que se associaram à empresa tinham uma “visão do paraíso”, pois, a França Antártica seria um local onde os mesmos poderiam, pela pregação do evangelho, construir de novo o cristianismo em sua pureza original. Calvino se interessou pela empresa e, assim, enviou pastores e os orientou para manter a pureza da doutrina reformada (MENDONÇA, 1995, p.23-24). Isso, no entanto, não ocorreu. Um dos pontos centrais da Reforma, a divergência com relação ao valor dado aos elementos da eucaristia, passou a ser ignorado nas Igrejas da França Antártica, onde começaram a se fundir tradições católicas, como, por exemplo, o uso do sal e do óleo, junto à água do batismo. Influenciado pelo frade Jaen Cointac, Villegaignon deixou transparecer sua identidade católica, passando a acrescentar aos cultos crenças do catolicismo, como: as orações pelos mortos, o purgatório, sacrifício da missa e a invocação aos santos.

Isso ocasionou o fracasso do projeto de evangelização protestante. Como os calvinistas não aceitaram essas modificações na celebração, reproduziram-se sob os céus da América as tensões e as lutas da Reforma que aconteciam na Europa. O pequeno grupo de franceses logo deixou de persistir nos seus intentos religiosos de unidade e tranquilidade.

Os fatores de ordem não-religiosa que contribuíram para o declínio da França Antártica foi a resistência portuguesa. Com a expulsão de Villegaignon e a destruição da Colônia da Guanabara em 1560 estava acabado o primeiro plano de fundação do protestantismo na América do Sul. Todavia, couberam àqueles huguenotes colonizadores o mérito de terem organizado a primeira igreja protestante, de acordo com o modelo da Igreja Reformada de Genebra, e de terem realizado o primeiro culto protestante, sob os céus da América, no dia 10 de Março de 1557 (MENDONÇA, 1995, p. 23-24).

A mais séria e durável tentativa de instalação de uma igreja protestante no Brasil ocorreu no período em que os holandeses se fixaram no Nordeste, devido à ocupação da

⁵ Huguenote é um termo que foi aplicado aos protestantes franceses (quase sempre calvinistas) durante os séculos XVI e XVII.

Companhia Neerlandesa das Índias Ocidentais. Os holandeses trouxeram consigo a sua organização eclesiástica nos mesmos moldes da Igreja Calvinista de Genebra⁶. Não existem vestígios comprovados de que a intenção dos holandeses, ao dominarem o Nordeste, era religiosa, no sentido de uma visão da “terra prometida”, mas essa hipótese jamais deve ser totalmente descartada, devido ao contexto da época, já que poderia existir entre os holandeses protestantes o objetivo de tanto colonizar quanto evangelizar (MENDONÇA, 1995, p. 23-24).

Para Mário Ribeiro Martins⁷, o protestantismo celebrou seu primeiro culto no Brasil em 14 de fevereiro de 1630, data do desembarque dos holandeses, quando o Reverendo Baers pregou a fé da Igreja Reformada no Brasil. Semanas após, a Páscoa foi comemorada pelos protestantes no antigo templo da Igreja Católica em Salvador, já em poder dos invasores.

Entre os anos de 1630 e 1645, as regiões de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará, Maranhão e Alagoas eram consideradas protestantes, devido à presença da Igreja Evangélica Calvinista no Brasil Holandês. Num primeiro momento, essas igrejas foram fundadas apenas para atender aos imigrantes holandeses protestantes, que tinham funções militares, sendo responsáveis pela dominação e administração do novo território. Posteriormente, algumas das igrejas protestantes passaram dessa fase militar e assumiram projetos pastorais, realizando cultos também em língua francesa e inglesa para os imigrantes protestantes, e atividades missionárias buscando a conversão e instrução de indígenas, para isso aprendendo as línguas dos nativos e dos colonos que haviam se instalado no Brasil⁸.

É importante lembrar que o empreendimento holandês em terras brasileiras se deu no período da União Ibérica⁹. A Companhia das Índias tinha o comércio do açúcar como foco da expansão colonialista e capitalista no Brasil. Contudo, mesmo que para a União Ibérica a missão religiosa no Brasil fosse apenas secundária, “a história tem provado que o

⁶ João Calvino fundou a Igreja Calvinista em Genebra, com influência da Reforma Protestante de Lutero, baseado nas Sagradas Escrituras. Sua principal visão era de promover os homens e as mulheres para uma nova relação com Deus, através do conhecimento das palavras bíblicas. A teologia de Calvino exigia que seus membros fossem assíduos aos cultos e tivessem retidão de caráter para que se aproximassem novamente de Deus, como lhes ensinou Jesus Cristo, que foi enviado por Deus para promover a religião (de religare) aos homens (AZEVEDO, 2007).

⁷ MARTINS, Mário Ribeiro. A Igreja Evangélica no Brasil holandês. *O Batista*, Rio de Janeiro, 26 maio. 1974, p. 05.

⁸ MARTINS, Mário Ribeiro. A Igreja Evangélica no Brasil holandês. *O Batista*, Rio de Janeiro, 26 maio. 1974, p. 05.

⁹ De 1580 até 1640, o rei da Espanha passou a ser, ao mesmo tempo, rei de Portugal, dando início ao período conhecido como “União Ibérica”.

conquistador quase sempre acabou impondo a sua cultura juntamente com o sistema religioso” (MENDONÇA, 1995, p. 24). Por esse motivo, para Mendonça, após a invasão holandesa, mesmo que a conquista portuguesa tivesse sido definitiva, seria pouco provável que o Brasil continuasse católico, ao menos, uniformemente católico devido à presença dos holandeses que influenciaram outras pessoas com suas culturas e religiões (MENDONÇA, 1995, p. 24).

A igreja reformada da Holanda tinha vínculo com a igreja da França e da Suíça, pelo fato de todas elas serem calvinistas. Com os conselhos das congregações locais, estava instalada completamente a organização eclesiástica calvinista no Brasil. As atas antigas e Sinodais deixam claro o quanto a Igreja Reformada Holandesa no Brasil fora totalmente puritana e rígida na sua disciplina, pois exigia ordem e silêncio nas proximidades dos lugares de culto, santificação absoluta no domingo, tendo como proibição do trabalho e de diversões aos domingos, proibição de juramentos, praguejamentos e duelos, que são práticas que recordam Genebra nos tempos de Calvino¹⁰.

No século XVII, os franceses novamente persistiram em ocupar um lugar no Brasil. A expedição de Rasilly e La Ravardiere tinha como objetivo fundar a França Equinocial¹¹, no Maranhão. Apesar de Rasilly ser católico militante e de vir acompanhado por uma grande quantidade de capuchinhos, tinha na expedição um número expressivo de huguenotes. Existia uma liberdade religiosa sob a inspiração do Édito de Nantes¹². Com a presença maior de católicos e por meio da liderança religiosa dos frades capuchinhos, os protestantes se restringiram somente às devoções particulares domésticas. Com a restauração dos portugueses no comando da colonização, em 1640, os indícios institucionais do cristianismo reformado no Brasil desapareceram por bastante tempo (MENDONÇA, 1995, p. 24).

De acordo com Mendonça, o século XVIII representou a era da Inquisição no Brasil. A intensificação das atividades do Santo Ofício e a legislação limitada em torno da imigração quase cessaram a vida na colônia. A partir de 1720, uma lei determinou a proibição de qualquer pessoa estrangeira no Brasil, a menos que fosse para prestar serviço

¹⁰ Idem.

¹¹ Dá-se o nome de “França Equinocial” aos territórios ocupados pelos conquistadores franceses em torno da linha do Equador (antigamente denominada de linha Equinocial), no século XVII.

¹² Documento assinado em Nantes, na França, no ano de 1598, pelo Rei Henrique IV. O Édito oferecia aos huguenotes a garantia de tolerância após 36 anos de perseguição e massacres por todo o país, com destaque para o massacre da noite de São Bartolomeu, em 1572. Com o Édito de Nantes ficava estipulado que a confissão católica permanecia a religião oficial do Estado, mas era agora oferecida aos protestantes a liberdade de praticar o seu próprio culto (GIUMBELLI, 2001).

à Coroa ou à Igreja. Por esse motivo em 1800, o Barão Von Humboldt foi impedido de entrar na colônia, pois poderia influenciar o povo com “novas idéias e falsos princípios”, já que o barão pertencia a um país protestante.

Até a chegada da Família Real, no ano de 1808, não houve mais a manifestação pública de protestantes no Brasil. Somente após a vinda de D. João VI, especialmente devido à dependência portuguesa em relação à Inglaterra, expressa no ato de Abertura dos Portos “às nações amigas”, é que protestantes anglo-saxões obtiveram relativa liberdade para suas práticas religiosas no Brasil (MENDONÇA, 1995, p. 24- 26). O status jurídico do protestantismo foi se modificando aos poucos, ao passo em que foram ganhando mais espaço na sociedade brasileira. O protestantismo foi tolerado no Império e “liberado” na República (AZEVEDO, 2004, p. 152).

Baseado em Mendonça (1995, p. 27), podemos afirmar que os tratados de Aliança e Amizade e Comércio e Navegação, celebrados com a Inglaterra a partir de 1810, diminuíram a hegemonia do catolicismo no Brasil, uma vez que a não-tolerância religiosa seria considerada um forte impedimento à execução dos tratados, tendo como consequência, dificuldades políticas à Coroa por causa de sua situação de dependência para com a Inglaterra. O artigo XII do Tratado do Comércio e Navegação, assinado no ano de 1810 por Inglaterra e Portugal, prometia para os súditos britânicos e demais estrangeiros uma:

Perfeita liberdade de consciência e licença para assistirem e celebrarem o serviço divino em honra do Todo-Poderoso Deus quer seja dentro de suas casas particulares, quer nas suas igrejas e capelas, (...) contanto porém que as sobreditas igrejas e capelas sejam construídas de tal modo que extremamente se assemelhem as casas de habitação; e também que o uso dos sinos não lhe sejam permitido para o fim de anunciarem publicamente as horas do serviço divino, [comprometendo-se todos a] se conduzirem com ordem, decência e moralidade e de modo adequado aos usos do país, ao estabelecimento religioso e político (AZEVEDO, 2004, p. 152).

Em 1823, durante os debates da elaboração da Constituição Brasileira, a liberdade religiosa foi uma questão polêmica. Dos 90 constituintes, 19 eram padres. Por outro lado, havia um número expressivo de parlamentares, portadores de visões liberais, que propugnavam uma abertura maior às diversas religiões e pressentiam a inevitabilidade de uma ligação cada vez mais intensa com nações do ramo protestante.

Por fim, o catolicismo permaneceu, a partir da Constituição de 1824, como a

“religião oficial” do Estado. Contudo, manteve-se a “tolerância” do Tratado de Comércio e Navegação. O Código Criminal procurava defender os cultos não-católicos, impedindo que se viesse a “abusar ou zombar de qualquer culto estabelecido”. O Código Criminal ainda impedia o ato de se “propagar (...) doutrinas que diretamente destruam as verdades fundamentais da existência de Deus e da imortalidade da alma”, pechas que não se podiam imputar à religião protestante (REILY apud AZEVEDO, 2004, p. 152).

Se mantiveram algumas restrições quanto à aparência das igrejas e capelas, e também quanto à divulgação e propaganda das religiões protestantes. Soma-se ainda que os cemitérios eram dirigidos exclusivamente pela Igreja Católica. Em algumas localidades, os católicos mantinham portas fechadas aos que não pertenciam à Igreja oficializada, o que dificultou para alguns protestantes o sepultamento de seus falecidos (MENDONÇA, 1995, p. 27).

A partir de 1824, um maior número de ingleses, alemães, suecos e norte americanos protestantes chegaram ao Brasil, onde viveram sua crença conforme a situação lhes permitia. Os ingleses implantaram comunidades religiosas fechadas à população brasileira, ao passo que grande parte dos alemães e suecos, pela ausência inicial de assistência religiosa, abandonaram a antiga fé. Existem alguns referenciais sobre a presença de comerciantes escoceses, dinamarqueses e suecos, especialmente na região norte do Brasil, porém de curta permanência, sendo provável ter havido muitos protestantes entre eles (MENDOÇA, 1995, p. 26).

Durante a República foi determinado, pó meio do Decreto 119, que todas as confissões religiosas teriam “por igual a faculdade de exercerem o seu culto, regerem-se segundo a sua fé e não serem contrariados nos autos particulares ou públicos”, a todos cabendo “o pleno direito de se constituírem disciplina, sem intervenção do poder público” (REILY apud AZEVEDO, 2004, p. 152).

Mendonça (1995, p. 27, 28), frisa que os protestantes aproveitaram as oportunidades que o clima de tolerância oferecia. No final do século XIX, já estavam estabelecidas no Brasil todas as principais igrejas do protestantismo.

Conforme Azevedo (2004, p. 152), foi neste contexto histórico de liberdade de culto religioso em que os batistas começaram sua migração para o Brasil, a partir metade do século XIX. Essa migração também foi resultado do desenvolvimento protestante norte-americano de forma geral, e da religião batista, em particular. Para o autor, após a chegada da Família Real e subsequente proteção legal para a religião protestante, aconteceu a segunda chegada de reformadores, caracterizada por um “protestantismo de estrangeiros”

realizado por técnicos, funcionários de missões diplomáticas, colportores (vendedores de Bíblias e livros cristãos), marinheiros, entre outros, para os quais eram oferecidos serviços religiosos em suas línguas (AZEVEDO, 2004, p.150).

Ainda conforme Azevedo, a imigração de europeus marca um terceiro momento da colonização protestante no Brasil. Esses imigrantes vieram ao país para trabalhar e conquistar sua propriedade, mas trouxeram consigo os costumes religiosos, que foram mantidos dentro das suas colônias, fechadas e semi-fechadas. Entre esses grupos de imigrantes se destacam protestantes anglicanos (1810), espalhados pela região costeira; suíços luteranos no Rio de Janeiro (1824); alemães luteranos (1863) que se instalaram especialmente na região Sul; norte-americanos batistas (1859/1882) que se fixaram em São Paulo e os batistas vindos da Letônia, que ficaram em Santa Catarina (1892)¹³ (AZEVEDO, 2004, p. 151).

Como consequência da manifestação migratória, teve início, a partir da segunda metade do século XIX, uma onda de imigração missionária. Com tantos imigrantes protestantes no Brasil, as igrejas de outros países tiveram necessidade de enviar missionários assalariados para pastorear esses fiéis que estavam residindo no Brasil. Vieram, nessa manifestação, agentes congregacionais no Rio de Janeiro, batistas na Bahia e episcopais no Rio Grande do Sul. De acordo com Azevedo, o projeto dos missionários contemplava um “novo” modelo de protestantismo, não em relação à doutrina, mas a um projeto para o Brasil que almejava o progresso da nação (AZEVEDO, 2004, p. 151).

O último período da instalação do protestantismo no Brasil se dá durante a República Velha, quando há uma nova onda de missionários estrangeiros chegando ao Brasil. Só que dessa vez, eles não contam com os recursos e assalariamento de uma igreja. São missionários que se dispõem a “viver pela fé”. Foram fundadas, no decorrer dessa etapa, igrejas tais como: Congregação Cristã no Brasil (1910) e Assembléia de Deus (1911), pois, são instituições religiosas, que se desenvolveram nos anos de 1930, com ramificações e sub-ramificações (AZEVEDO, 2004, p. 151).

Mendonça (1995) estabelece que a luta dos protestantes por um espaço religioso na sociedade brasileira se desenvolveu em três níveis: o polêmico, o proselitista e o educacional.

No campo do proselitismo, a distribuição de bíblias foi considerada um

¹³ A segunda metade do século XIX também foi o período de inserção das igrejas: Congregacional (1855), Presbiteriana (1862), Metodista (1878), Episcopal (1889), além dessas, em 1903 a Igreja Presbiteriana “dividiu-se”, originando a Igreja Presbiteriana Independente do Brasil.

importante fator estratégico para a penetração do protestantismo no território brasileiro, especialmente nos primeiros anos de abertura às diversas religiões. Os distribuidores de bíblias encontravam simpatia e facilidades por parte das pessoas de diversas camadas da sociedade, que tinham boa vontade em recebê-las.

A distribuição de bíblias não se restringiu somente às cidades onde o potencial de leitores era mais significativo. Os missionários entraram pelas áreas rurais, em que poucos indivíduos eram alfabetizados (MENDONÇA, 1995, p. 27). Para Santos (2005, p. 183-184), o analfabetismo foi um assunto que os missionários precisaram enfrentar para conseguirem o sucesso durante a implantação e expansão do protestantismo no Brasil.

Inclusive, a educação foi usada como estratégia pelos missionários norte-americanos batistas. Eles se desempenhavam no duplo papel de evangelistas e professores. A Junta Missionária buscava incluir no seu quadro de pessoal especialistas na área da educação, especialmente mulheres. Algumas delas ganharam reconhecimento na educação brasileira, como: Márcia Browen, Marta Watts e Carlota Kemper (MENDONÇA, 1995, p. 95).

No campo da educação, as igrejas batistas de procedência norte-americana deram ênfase à criação de escolas privadas como forma de propagar, ainda que indiretamente, as idéias cristãs, através de uma pedagogia inovadora que conservaria, ao mesmo tempo, contato com os valores espirituais praticados pelo protestantismo (SANTOS, 2005, p. 183-184).

Em 1869, com a denominação de “Colégio Internacional”, surgiu em Campinas o primeiro desses educandários, tendo como fundador o missionário presbiteriano Nasch Morton¹⁴. Assim sendo, a partir da década de 1930 e posteriormente, a Igreja Luterana e entre outras igrejas fundaram escolas públicas e privadas para atender os brasileiros e estrangeiros que se encontravam no referido país (LEHMANN e TREVISOL, 2007, p. 01).

Santos (2005, p. 183, 184), lembra que apesar da interferência protestante na educação do Brasil, a colonização portuguesa, predominantemente católica, influenciou praticamente todo o sistema de ensino brasileiro. Durante muitos séculos, a visão de educação adotada por Portugal para suas colônias predominou e criou formatos que ainda hoje se encontram presentes no âmbito educacional do país.

¹⁴ Almanaque Batista da Convenção Batista Brasileira. Estatística geral das Igrejas Batistas, referente ao ano de 1948. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1950, p.34.

O jesuíta, por conseguinte, plantou, para sempre, a educação cristã na carne e na alma do brasileiro. O longo tempo de colonização do português, a união da Igreja Católica com o Estado em Portugal e no Brasil, o ensino exclusivamente nas mãos de padres, a participação efetiva e profunda dos filhos de Santo Inácio de Loyola na construção de todos os setores do Brasil (...) o ensino e a educação de dois séculos e a própria política educacional do jesuíta constituem alguns dos fatores que marcaram indelevelmente o Brasil, fazendo da educação cristã e do cristianismo coordenadas em que se encontram o Brasil e os brasileiros de todos os tempos (TOBIAS apud SANTOS, 2005, p. 183-184).

As instituições educacionais batistas foram implantadas tendo como pano de fundo as desigualdades de idéias políticas, o advento do regime republicano, o crescimento do comércio externo, o aparecimento de pequenas indústrias, a necessidade de novas habilitações, entre outros, ligados às ideologias inovadoras que os missionários das igrejas protestantes e a organização batista traziam consigo (SANTOS, 2005, p. 190-191).

Os missionários da Igreja Batista, assim como de outras denominações evangélicas, enxergavam o catolicismo brasileiro como uma religião supersticiosa, sincrética e medievalista (BAGBY, GRAHAM e TAYLOR apud CAVALCANTI, 2001, p. 09). Para os pregadores inspirados na Reforma, a Igreja Católica não tinha nenhuma condição de auxiliar o Brasil a se tornar um país moderno. As festas religiosas, procissões, dentre outras práticas do ramo católico apenas serviriam para o atraso do país (BELL, CRABTREE e WILLEMS apud CAVALCANTI, 2001, p. 09). Os protestantes, por sua vez, eram vistos como gente que tinha uma visão progressista, comprometida com o avanço intelectual e tecnológico do Brasil.

Ainda de acordo com Santos, inicialmente as escolas protestantes concentraram seus serviços nos cursos secundários, atualmente ensino médio, que era sujeito a pouca regulamentação governamental. Na sua maioria, os cursos secundários foram freqüentados pelos filhos de componentes da classe alta e média. Havia a possibilidade de atrair esse público para convertê-lo a religião protestante e para colocá-lo em contato com a “cultura protestante”.

Com a conquista das camadas mais proeminentes da sociedade, que conservavam uma parcela do poder político, o grupo evangélico conquistou a autoridade e a respeitabilidade de que tanto precisava (SANTOS, 2005, p. 190-191).

Protestantismo e liberalismo no Brasil

Nos primeiros anos da segunda metade do século XIX, o Brasil enfrentou um período de modernização vinculado ao auge do café. O progresso comercial e industrial exigia um imenso contingente de mão-de-obra qualificada e, como as fronteiras brasileiras já estavam abertas para a entrada de imigrantes, o processo de imigração foi intensificado (PINHEIRO, 2004, p. 06).

O recrutamento de imigrantes começou por volta do ano de 1820, porém alcançou seu apogeu somente na segunda metade desse século (BURNS apud CAVALCANTI, 2001, p. 06). O país recebeu entre quatro e meio a cinco milhões de estrangeiros europeus e norte-americanos. A maior parte deles se instalou em províncias sulistas. Uma grande parte dos estrangeiros que chegou ao Brasil era de origem européia e católica. Outra pequena parcela, protestante, era provinda dos EUA (BURNS, CARNEIRO LUEBKE; WILLEMS, apud CAVALCANTI, 2001, p. 06).

Como no período do Brasil Colônia, a modernização do Brasil Império esteve ligada à influência européia. A urbanização, especialmente no eixo Rio de Janeiro e São Paulo, se deu por referência às cidades da Europa, e, conseqüentemente, facilitou maior acesso às novidades do mundo cultural do hemisfério norte (BARMAN; GRAHAM apud CAVALCANTI, 2001, p. 04).

O crescimento da exportação cafeeira e a Guerra do Paraguai (1865-1870) são considerados dois dos aspectos que colaboraram para o aceleração da importação de novas tecnologias para o Brasil (BELLO, BURNS; POPPINO apud CAVALCANTI 2001, p. 04). No decorrer do surto modernizador, o país refez os seus sistemas de transporte, produção industrial e comunicações. As bases da transformação são realizadas nas décadas de 1840 e 1850, com a passagem de legislação pró-indústria (a lei Alves Branco de 1844, a permissão para a importação de maquinário industrial no ano de 1846), a construção de novas instituições financeiras (a lei de incorporação comercial de 1849, o código comercial de 1850, e a implantação do Banco do Brasil a partir de 1851) e a ordenação de altas tarifas de importação (BURNS, POPPINO; VIOTTI da COSTA apud CAVALCANTI, 2001, p. 04).

Em torno dos transportes, o país desenvolveu aceleradamente uma rede ferroviária para não dificultar o escoamento de seus produtos agrícolas para as cidades portuárias. No ano de 1874, o Brasil possuía cerca de 800 milhas de estrada de ferro. Entre 1875 e 1879, foram construídas mais 1023 milhas. De 1880 até 1884 mais 2200 milhas são

implantadas. De 1885 a 1889, outras 2500 expandem o sistema ferroviário. Até a criação da República, o Brasil contou com 6000 milhas de ferrovias. Com esse patamar, quatorze das vinte províncias brasileiras estavam ligadas por meio da rede ferroviária, apesar da maioria das linhas se localizarem na região Sul do país (BURNS apud CAVALCANTI, 2001, p. 04).

Na área das comunicações, as transformações foram bastante radicais. Os correios, em 1880, distribuíram cinquenta milhões de cartas e atingiram o nível de distribuição de duzentos milhões de cartas em 1890 (BELLO apud CAVALCANTI, 2001, p. 04). Nesse mesmo ano ocorreu a implantação do telégrafo no Brasil. Em 1896, a rede telegráfica se expandiu até as mais longínquas regiões do país como, por exemplo, ao Estado do Amazonas e do Mato Grosso. De dez estações telegráficas existentes em 1861, com quarenta milhas de cabo transmitindo duzentas e trinta e três mensagens, o Brasil chegou a ter cento e setenta e uma estações a partir de 1896, com seis mil e quinhentas milhas de cabo, processando seiscentas mil mensagens (BURNS apud CAVALCANTI, 2001, p. 04). A partir de 1874, o país ficou ligado com a Europa por intermédio do cabo trans-oceânico e, na década de 1880, quatro centros urbanos, Salvador, São Paulo, Campinas e Rio de Janeiro, foram servidas por telefonia (BURNS, VIOTTI da COSTA apud CAVALCANTI, 2001, p. 04).

Os liberais e maçons, que ansiavam pelo “desenvolvimento” do país, acreditavam que os imigrantes eram os trabalhadores qualificados de que o Brasil precisava. Tratava-se de mão-de-obra habilitada tecnicamente e capaz de levar a nação para o rumo da modernização. Nessa época, o Brasil chegou até a financiar as despesas de transportes dos novos imigrantes, assim contando com a chegada de 133.000 imigrantes durante o ano de 1888 (PINHEIRO apud CAVALCANTI, 2001, p. 07). Na perspectiva da ideologia do liberalismo, a nação representava a evolução alcançada durante a metade do século XIX. A construção da “nação”, sinônima de “progresso”, significou a assimilação de grupos e povos menores. Isso não afetou, necessariamente, o abandono de antigas lealdades e sentimentos, embora pudesse ocorrer (HOBSBAWN, 1990, p. 51).

Para Richard Bellamy (1994, p. 12-13), o liberalismo é considerado uma ideologia burguesa que é impossível de tornar-se real devido ter como principal característica uma visão que está relacionada ao interesse individual ligado à independência na sociedade capitalista. O interesse liberal tem um discurso moral vinculado ao individualismo, que oferecia de qualquer forma o caminho ideal para a realização do controle e de uma sociedade harmoniosa, economicamente contra a injustiça

e totalmente a favor da melhoria da condição de vida conseguida pelo esforço próprio e não por privilégio. A distribuição diferente da riqueza resultava com frequência na satisfação dos caprichos dos ricos em prejuízo das mais urgentes necessidades dos pobres. Dessa maneira, a ética liberal do mercado tem sido praticamente contraditória em torno do pensamento individual que se caracterizou na prática (BELLAMY, 1994, p. 12-13).

A abertura para novas idéias trouxe ao Brasil, no último quartel do século XIX, diversas ideologias, como o Iluminismo, o Positivismo e o Darwinismo, que auxiliaram fomentar nas classes médias a pretensão de reformas sociais mais amplas. Os intelectuais, oficiais do exército, profissionais de classe média, dentre outros grupos urbanos fundaram associações para promover causas liberais, como por exemplo, federalismo, o abolicionismo, o favorecimento da imigração europeia, a reforma eleitoral, a separação entre a Igreja e o Estado, assim como as idéias dos republicanos (BURNS, AZEVEDO, LUSTOSA; VIOTTI da COSTA apud CAVALCANTI, 2001, p.05).

Os imigrantes norte-americanos trouxeram para o Brasil suas tecnologias e seus costumes, bem como a sua religião. Esse conjunto de práticas e saberes foram considerados por esses imigrantes como mais “desenvolvidos” e “modernos” (GOLDMAN, WEAVER; WILLIAMS apud CAVALCANTI, 2001, p. 06). Entre outras tecnologias que foram trazidas por imigrantes norte-americanos, encontram-se novas técnicas de transporte de carga e de lavragem de terra, fogões modernos (bem como outros utensílios de cozinha e copa), casas de tijolos, lâmpadas de querosene, trituradores de café, agrimensura, máquinas de costura, e quatro novas culturas agrícolas, como: o algodão de serra, a melancia americana, nozes e uvas (DAWSEY and DAWSEY, DUNN, MENDONÇA; WEAVER apud CAVALCANTI, 2001, p. 06).

As missões protestantes modernas chegaram ao Brasil no período do reinado de D. Pedro II, a partir de 1831 (FLYNN apud CAVALCANTI, 2001, p. 04). O sistema político da época tem como referência a monarquia francesa e a economia se pautava na exportação de matérias primas, integrando o país aos princípios básicos do liberalismo do século XIX (BARMAN; GRAHAM apud CAVALCANTI, 2001, p. 04). Na mesma época, o Brasil viveu um surto modernizador estimulado pelos interesses do imperador e das elites econômicas (BARMAN, SIMMONS; WILLIAMS apud CAVALCANTI, 2001, p. 04).

Os missionários, ao chegarem ao Brasil, desfrutaram de um contexto social aberto às inovações de comunicação e transporte. Tais “melhorias” garantiram aos missionários protestantes uma comunicação mais estreita com as suas denominações religiosas de origem e uma maior integração dos pontos missionários estabelecidos pelo país

(CAVALCANTI, 2001, p. 05).

Podemos observar que os batistas no Brasil ao implantar sua ideologia¹⁵ de progresso econômico e espiritualidade, não foram capazes de realizar essa pretensão sem o apoio de outros grupos.

Desses dados percebemos que a presença protestante representou para o Brasil um movimento importante que contribuiu para a modernização e transformação tanto no sistema econômico, político e social. A presença protestante significou uma “nova cultura” para o povo brasileiro que era apenas católico por convicção ou por obrigação, sendo o protestantismo uma forma de religião constantemente vigiada pelo clero católico.

Os batistas no Brasil

Existe uma grande disputa entre os batistas acerca da vinda da denominação para o Brasil. Alguns pesquisadores batistas consideram como marco inicial a instalação da Igreja Batista de colonos norte-americanos em Santa Bárbara d’Oeste, São Paulo, em 1871. Outros defendem o ano de 1882, quando os missionários da Junta de Missões Estrangeiras da Convenção Batista do Sul dos Estados Unidos chegaram ao Brasil e fundaram a Igreja Batista de Salvador, na Bahia.

Os batistas norte-americanos acreditavam que possuíam uma missão no mundo: salvar pessoas, implantar sua democracia e espalhar sua ideologia de progresso econômico. Na América Latina, a estratégia inicial se deu por meio do envio de *colportores* (vendedores de Bíblias e livros cristãos), que no retorno ao seu país, levavam informações sobre o Brasil. Um deles, ao escrever uma carta em 1840, sugeriu a imigração de norte-americanos e a atuação de “evangelizadores piedosos” como primordiais para prosperidade do país. Essas duas estratégias foram utilizadas (AZEVEDO, 2004, p. 191-194).

Após enviarem missionários à China, à Índia e à África, os batistas do Sul dos Estados Unidos começaram a viajar para os países vizinhos. Assim, em 1851, o relatório de uma comissão especial questionava: “será que a parte sul de nosso próprio continente não apresenta clamores especiais para nossa obra missionária?”. Em 1857, a Convenção Batista do Sul dos Estados Unidos voltou o olhar para o Japão e para o Brasil “como importantes e proeminentes campos de trabalho missionário”. Então, ficou decidido que, a partir de 1859, o Brasil seria recomendado como um campo missionário para os batistas sulinos dos

¹⁵FERREIRA, Ebenézer Soares. Há cem anos igreja e pastor metodista se tornavam batistas. *O Batista*, Rio de Janeiro, 13 ago. 1995, p. 08.

Estados Unidos (AZEVEDO, 2004, p. 191-194).

Em 1859 o missionário Thomas Jefferson Bowen, que atuava na África, ficou bastante doente e, de retorno para os Estados Unidos, começou a estudar a língua yorubá, para poder atuar como missionário no Brasil entre a população de escravos trazidos do continente africano. Diante das restrições legais, Bowen conseguiu apenas distribuir algumas Bíblias e falar com alguns escravos, evangelizando-os por pouco menos de nove meses (AZEVEDO, 2004, p. 191-194). Essa foi a primeira entrada missionária batista no Brasil.

A segunda entrada de missionários batistas não obedeceu a um plano. Na década de 1860, os norte-americanos passaram a se interessar especialmente pela Amazônia¹⁶. Nesse mesmo período iniciou-se uma discreta imigração de famílias do Sul dos Estados Unidos para o interior de São Paulo, como conseqüência da Guerra de Secessão norte americana. Esses migrantes escolheram o Brasil, influenciados pela leitura dos colportores. Posteriormente chegaram os missionários (AZEVEDO, 2004, 191-194).

Azevedo (2004, 191-194), ressalta que, a partir da migração motivada pela guerra entre escravagistas e anti-escravistas nos EUA, estava “descoberto” o Brasil, para os batistas. Os primeiros missionários vieram não somente para evangelizar, mas também para fugir da guerra. Assim, esses primeiros que chegaram ao Brasil, foram aos poucos divulgando aos irmãos batistas norte-americanos como era a vida no novo país. Dessa forma, a vinda de missionários em direção ao Brasil não cessaria mais, mesmo depois de parada a migração.

No começo de 1865, milhares de sulistas¹⁷, atraídos por uma nova oportunidade, mostrada pela propaganda imigracionista do Brasil, começaram a vir ao país, fixando-se principalmente no Estado de São Paulo, mais precisamente na região de Santa Bárbara d'Oeste. Como a maior parte da colônia norte-americana era composta de evangélicos, foi necessário formar igrejas, dentre elas, a batista, organizada no dia 10 de setembro de 1871, sob a liderança do pastor Richard Ratcliff.

Os primeiros membros batistas no território brasileiro eram pessoas humildes, como por exemplo, um funileiro, um ex-padre, uma dona de casa e as domésticas dos

¹⁶ Ebenézer Gomes Cavalcante frisa que a primeira marca de uma manifestação protestante no Amazonas se deu em 1862 por meio de missionários diplomatas e colportores como Daniel P. Kidder e James C. Fletcher. A contribuição de ambos também significou para o Brasil a realização de pesquisas do sábio Agassiz (CAVALCANTE, Ebenézer Gomes. Amazonas: origens evangélicas. *O Batista*, Rio de Janeiro, 30 nov. 1975, p. 05).

¹⁷ Colonos imigrantes do Sul dos Estados Unidos, que chegaram ao Brasil em 1865 devido aos acontecimentos da Guerra de Secessão (PEREIRA, 2001, p. 68).

missionários. Após um ano da fundação, a Igreja Batista no Brasil já contava com vinte fiéis e seis "pontos de pregação" na cidade de Santa Bárbara D'Oeste (HARRISON e REIS PEREIRA apud CAVALCANTI, 2001, p. 09).

Segundo Feitosa (1978), os primeiros missionários batistas sofreram perseguições e ações violentas por parte da Igreja Católica. A oposição oferecida pelo catolicismo, por exemplo, em Pernambuco provocou tumultos durante cultos, queima de bíblias em praça pública, ameaça e agressão física aos adeptos da crença protestante. Mesmo existindo a tolerância para com as "outras religiões", era comum a união dos que exerciam o poder público aos eclesiásticos católicos, para provocarem desconfortos aos protestantes. Mesmo assim, a partir da fundação da Primeira Igreja Batista no Brasil, a presença batista expandiu-se para várias regiões do país.

O casal Willian e Anne Bagby, sucessores de Ratcliff, migrou para o Brasil incentivado pelo ex-general sulista Alexander Travis Hawthorne.

O general esteve em 1868 no Brasil, avaliando o projeto de assentamento de colonos norte-americanos. Doze anos depois, Hawthorne, convertido à Igreja Batista, apresentou à Junta de Missões Estrangeiras uma proposta de envio de mais missionários para o território brasileiro, pois tinha a visão de que Deus preparava o mencionado país para receber "os exércitos evangelizadores de nossa denominação, em especial para os batistas do sul" dos EUA. A recomendação foi aceita (AZEVEDO, 2004, p. 191-194).

Assim, o casal Anne Luther e Willian Bagby chegou em 1881 ao Rio de Janeiro, de onde seguiu para Santa Bárbara d'Oeste, onde ele foi escolhido pastor das igrejas (comunidades) batistas já organizadas. Em seguida, com os recém-chegados Zachary e Kate Taylor, os Bagby foram para a Bahia, novo campo de missão. Os quatro missionários, mais o pastor brasileiro Antonio Teixeira de Albuquerque, transferiram-se para Salvador, onde, no final de dois meses e meio, fundaram a Primeira Igreja Batista em Salvador, no dia 15 de Outubro de 1882 (AZEVEDO, 2004, p. 191-194).

A família Bagby teve grande influência na estruturação da obra batista no Brasil. Contribuiu para a fundação de igrejas, a pregação itinerante e o trabalho pastoral. A evangelização, a educação e o uso da imprensa foram constantes em seu trabalho¹⁸. Quando William Bagby faleceu em 1939, a Convenção Batista Brasileira possuía 600 igrejas com cerca de 50 mil adeptos, com mais 5 colégios, dois seminários teológicos, duas escolas de treinamentos para mulheres, escolas primárias e industriais, a Casa Publicadora, O Jornal

¹⁸ Os Bagby e a denominação batista no Brasil. *O Batista*. Rio de Janeiro, 13 a 19 out. 1996, p. 15.

Batista e uma sede para as juntas missionárias. Das escolas fundadas por Bagby, surgiram grandes líderes do governo brasileiro, educadores, médicos, empresários, produzindo uma receptividade ao evangelho que beneficiou todos os missionários que vieram posteriormente¹⁹. Segundo Carns apud Santos, a denominação Batista cresceu muito rápido, devido ao trabalho persistente do casal Bagby, que percorreu o Brasil expandindo a igreja (CARNS apud SANTOS, 2005, p. 11).

Em 1866, existiam no Brasil quatro igrejas batistas restritas aos colonos estrangeiros. Uma era localizada em Salvador, uma no Rio de Janeiro, uma em Maceió e outra em Recife. Em 1888, fase em que a família Bagby já atuava no Brasil, existiam oito igrejas missionárias, em seis estados, somando um total de 212 adeptos. Após 25 anos depois da inauguração da Primeira Igreja Batista em Salvador, já havia em todo Brasil mais de 4.000 membros batistas²⁰. Devemos lembrar que são considerados membros da Igreja Batista somente as pessoas batizadas, sejam elas crianças, jovens ou adultos.

O rápido crescimento da Igreja Batista também está relacionado com as imigrações da Letônia, que se deram por causa das perseguições políticas e religiosas:

Vinte e cinco famílias imigraram para o Brasil em 1890”. Elas organizaram a primeira Igreja Batista Leta em Rio Novo (Santa Catarina), com 75 membros em 1892. Esta congregação obteve uma grande gleba de terra em Nova Odessa e abriu caminho para a imigração em massa de sua pátria. De 1890 a 1922 quinze colônias letas formaram-se no Brasil, constituídas principalmente por batistas. Treze igrejas foram formadas entre eles com mais de 500 membros. Nos anos que se seguiram à Primeira Guerra Mundial, mais de 2.000 batistas letos imigraram, aumentando o número de batistas no Brasil (CAINS apud SANTOS, 2005, p. 11).

Conforme Ebenézer Gomes Cavalcante, os batistas letos chegaram ao Brasil com o intuito de ficar, miscigenar, “abrasileirar”, trabalhar e evangelizar, formando uma notável elite de construtores de nação, o que se confirma pela sua inserção na lavoura, no comércio, na industrialização, nas artes e na “santíssima Fé”²¹.

Como fizeram os batistas de outras procedências geográficas e culturais, à proporção que as igrejas comunidades iam surgindo, os batistas letos foram organizando a estrutura eclesiástica nacional através de juntas executivas setoriais, cuidando porém de

¹⁹ Os Bagby e a denominação batista no Brasil. *O Batista*. Rio de Janeiro, 13 a 19 out. 1996, p. 15.

²⁰ ROSA, Joaquim de Paula, LOPES, Orivaldo Pimentel Lopes e AZEVEDO, Juarez. Brasil 2000: os batistas planejam sua evangelização. *O Batista*, Rio de Janeiro, set 1991, p. 09.

²¹ CAVALCANTE, Ebenézer Soares. Uma epopéia Batista. *O Batista*, Rio de Janeiro, 09 mar. 1975, p. 07.

manter a autonomia de cada igreja local. A organização nacional atuava através de duas estratégias principais: a manutenção de um programa de publicações (revistas, Bíblias, hinários, jornais e livros) e a instituição de um programa de formação de lideranças - por meio de estabelecimentos regulares de ensino, como institutos e seminários (AZEVEDO, 2004, p. 195).

Em 1900, os batistas tinham 21 missionários, 35 igrejas locais, e 1932 membros. Depois de sete anos, por ocasião da comemoração dos primeiros vinte e cinco anos de missão batista no Brasil, a igreja possuía 83 igrejas em 20 Estados e 4.276 adeptos (BELL, CRABTREE; MESQUITA apud CAVALCANTI, 2001, p. 10).

Para Mesquita (1940, p. 351), a análise do crescimento da Igreja Batista no Brasil é de suma importância. Entre 1907 e 1910 a denominação passou de 83 igrejas e 4.276 adeptos para 110 igrejas e 7.004 adeptos. Entre o ano de 1911 a 1924 os batistas no Brasil passaram de 110 igrejas para 324 e de 7.004 membros para 27.000. Entre 1925 a 1935 a Igreja Batista não parou de crescer, pois passou de 324 igrejas para 539.

Na análise de Azevedo (2004, p. 197), nas primeiras três décadas do século XX, a Igreja Batista experimentou grande crescimento no Brasil. Os Estados onde havia o maior número de igrejas e adeptos eram Rio de Janeiro - passou de 11 igrejas e 955 fiéis no ano de 1907 para 101 igrejas e 16.716 adeptos em 1935 - e São Paulo - que passou de 7 igrejas para 62 e 325 membros para 5534, no mesmo período (MESQUITA, 1940, p. 351).

Os Estados onde a Igreja Batista conseguiu maior número de adeptos, nas primeiras décadas, localizavam-se no litoral, onde a população brasileira era mais concentrada e urbanizada (Rio de Janeiro, São Paulo, Espírito Santo, Pernambuco e Bahia). Além das questões sociais e geográficas, o trabalho missionário no interior do Brasil ainda era tímido com relação às cidades litorâneas.

Ainda entre 1907 e 1935, os batistas no Brasil também adquiriram muito progresso em torno de bens materiais. Segundo Mesquita:

Não podemos olvidar o nosso progresso material. Em 1907 não possuíamos mais que 229: 220\$000 de propriedades pertencentes a igrejas. Em 1935 possuíamos 9.658:008\$000. Em propriedades denominacionais, não tínhamos nada. Os colégios salvo o da Baía, moravam em casas alugadas. Não tínhamos um palmo de terra no Rio e nem mesmo qualquer instituição além da pequena Casa Editora. Não possuíamos nada em Pernambuco, S. Paulo, Minas e outros estados onde agora possuímos milhares de contos de imóveis. Em 28 anos compramos as propriedades do Rio, as de Pernambuco, Minas, S. Paulo, Alagoas, R. G. do Sul e Campos. Ao

todo possuem os batistas em 1935 a considerável soma em imóveis denominacionais 10.077:000\$300 e as propriedades das igrejas subiam a 9.658:008\$000 (MESQUITA, 1940, p. 352).

O progresso material dos batistas se convertia em investimentos no campo da evangelização, nos Estados onde a sua atuação ainda era precária, pois:

Em 1907] Os estados de Sergipe, Paraíba, R. G. do Norte, Ceará, e Maranhão, no Norte, e os de Mato Grosso, Goiaz, Paraná, Sta. Catarina e R. G. do Sul no sul não tinham trabalho organizado e nem mesmo qualquer igreja. Em todos eles há agora futuros Campos com regular número de igrejas. Se em 28 anos podemos entrar em todos estes estados e estabelecer o trabalho, ao mesmo tempo que os Campos existentes naquela época se desenvolveram do modo que sabemos, podemos esperar coisas muito maiores no futuro, com os alicerces que temos presentemente (MESQUITA, 1940, p. 352).

Nota-se que entre batistas existiu (existe) uma correlação entre prosperidade financeira e espiritual. Então, é importante aumentar a arrecadação de dízimos para financiamento de aberturas de novas igrejas, com o intuito de “salvar” mais pessoas.

Doutrinas e costumes batistas

As igrejas batistas compartilham os mesmos princípios da reforma protestante. As suas doutrinas são, portanto, baseadas nas Sagradas Escrituras e nas decisões “ortodoxas” tomadas nos Concílios das Igrejas Antigas, nos costumes anabatistas do século XV e XVI. Segundo Cavalcante (2001, p. 19), a doutrina da Igreja Batista é de “absoluta lealdade a Cristo”. Pessoas “ajuizadas” e firmes na interpretação das palavras que foram relatadas no Novo Testamento. Para os batistas, as palavras contidas na Bíblia encerram as grandes doutrinas e verdades do Mestre e Salvador (Jesus Cristo) de todas as pessoas: “todo aquele, pois que ouve estas palavras e as observa será comparado a um homem prudente, que edificou a sua casa sobre a rocha” (Mateus, 7: 24).

A Igreja Batista não batiza recém-nascidos. Tal costume é originário dos anabatistas (movimento pré-reformador medieval que batizava por imersão, ou seja, nas águas, somente as pessoas adultas) do século XVI (BURNS, 1971). O bebê é apenas apresentado diante da Igreja, assim como Jesus foi apresentado no costume hebraico.

A Igreja em estudo pertence à identificação tradicional, ou seja, na linha congregacional, defendem a congregação e os primeiros suplentes como sua principal

vestimenta. Defendem também, os princípios básicos da bíblia como única regra de fé e a livre interpretação de cada indivíduo²².

Para ser membro da Igreja Batista, é necessário passar pelo batismo após profissão de fé, testemunho público de fé. O interessado em ingressar na igreja, estuda a sua doutrina e concordando com ela, o seu nome é levado na assembléia, sendo batizado ele torna-se membro. Se um indivíduo é membro de uma Igreja Batista de outra cidade e quer ser adepto desta instituição evangélica em outra igreja, este tem que ser transferido por meio de carta²³. E de fato:

Uma pessoa que sai de uma igreja que não é batista, como por exemplo, da Assembléia de Deus e vem pra cá, ela passa por alguns meses na sala de doutrina da igreja, então logo em seguida seu nome é levado à assembléia, ela própria afirma que concorda com os princípios da igreja, então é aceita por aclamação²⁴.

Conforme Pereira (2001, p. 16), “os batistas de hoje não podem admitir que a virgem Maria tenha o papel de co-redentora, pois tem Jesus Cristo como único redentor da humanidade, o que se lê com absoluta constância nos escritos neotestamentários, pois podem ser consultados, entre muitos outros: Mateus 1.12, João 4.42, Atos 5.39 (...)” (PEREIRA, 2001, p. 16).

Segundo este mesmo autor, “não crêem os Batistas (assim como os luteranos) em obras para a obtenção da salvação, mas crêem como também os cristãos primitivos, que todo aquele que é salvo pela fé demonstra pelas obras que foi salvo. Em primeiro lugar a fé e depois as obras como consequência. Nunca o contrário” (PEREIRA, 2001, p.16). Para esta discussão, este autor baseou-se em Marcos 1.50, Lucas 7.50.

Pereira (2001, p. 17), frisa, que os batistas “(...) não reconhecem no batismo nenhum mérito para salvação, consideram-no um ato de obediência e testemunho por meio do qual uma pessoa convertida que tem fé em cristo, entra para uma Igreja de Cristo”.

Para os batistas, o batismo de imersão simboliza que o indivíduo está morrendo para o mundo e nascendo para uma nova vida em Cristo. Em relação às doutrinas, não acreditam no purgatório, no culto as imagens, nos santos e na Virgem Maria, pois os batistas consideram que essas crenças não possuem fundamento bíblico.

Ainda, os batistas atualmente consideram que suas igrejas são comunidades de

²²Entrevistado: pastor João Luiz da Silva. Data: 08 de setembro de 2003.

²³Idem.

²⁴Ibidem.

crentes batizados, que reúnem para o culto, “celebrando as ordenanças do batismo e da ceia para a edificação mútua e a pregação do Evangelho. São lideradas espiritualmente pelos seus pastores; tem também seus diáconos, que auxiliam aos pastores” e a Igreja é governada por uma democracia executiva e não legislativa, suas leis e doutrinas são seguidas apenas por meio do Novo Testamento (PEREIRA, 2001 p.17). Também a denominação evangélica referida exige absoluta liberdade religiosa para todos e é por isso que as igrejas batistas são todas independentes entre si (CAVALCANTE, 2001, p. 20).

Cavalcante (2001, p. 20), deixa claro que a Igreja Batista tem um cuidado especial com os novos convertidos, devido serem “bebês” na crença. Somente no decorrer do tempo, ou seja, depois de bastante estudo da Bíblia, pregações e oração é que o novo convertido inicia a “caminhar com seus próprios pés”. Posteriormente, o recém-batista, com o desenvolvimento da leitura bíblica e oração já tem a capacidade de falar do evangelho para “aqueles que ainda não conhecem Cristo como Salvador da humanidade”. O batista ao realizar a evangelização, torna-se pregador do evangelho e contribui para o crescimento de convertidos, que também mais adiante “(...) passam a atuar na igreja como pregador do evangelho”.

As Igrejas Batistas da Convenção Batista Brasileira adotam, de maneira geral, as mesmas doutrinas. Sendo que, dificilmente ocorrem mudanças nos seus conceitos doutrinários. Atualmente, existem igrejas batistas filiadas a CBB que não seguem os mesmos moldes definidos pela referida Convenção, porém continuam como igreja filiadas.

Os batistas e a escravidão no Brasil

José Carlos Barbosa enfatiza que a escravidão sempre foi aceita com mais facilidade pelo catolicismo do que pelos protestantes, mas veremos que isto não tem acontecido na prática, principalmente quando se tratou de batistas.

A Igreja Católica, firmada nos sistemas de classes estratificadas da Antiguidade e da Idade Média, introjetou esses sistemas em sua teologia e também na sua organização, pois aderiu à escravidão como um resultado do pecado do ser humano, e ainda afirmava que, apesar disso, existia igualdade entre os escravos e senhores perante Deus (BARBOSA, 2002, p. 127).

É possível afirmar que, no que se referiu à teologia, alguns padres acreditavam que os negros tinham que ser escravo a vida inteira por “decisão de Deus” e alguns pastores

batistas também pensavam dessa forma. Os “pensamentos de Deus” acerca da escravidão eram nada mais que um posicionamento manipulado tanto por alguns pastores batistas quanto por alguns padres católicos.

Convém lembrar que entre os protestantes houve divergências em relação à escravidão. A própria Guerra de Secessão, ocorrida nos Estados Unidos a partir de 1860, teve influência dessa divisão vigente na sociedade e no protestantismo norte-americano.

Nos Estados livres do Norte do país, os protestantes mantinham o pensamento reformista, da ética do trabalho, que pregava o trabalho como dádiva de Deus e obrigação do “homem de bem”, valor a ser preservado pela família e que enobrecia a pessoa. Por isso, os nortistas criticavam a atitude dos protestantes do Sul do país, que adotaram a prática da escravidão em seus latifúndios (SILVA, 2003).

Devido a posturas opostas quanto à escravatura, a denominação Batista norte-americana foi dividida a partir de 1845. Apesar de o elemento essencial que caracterizava a eclesiologia dos batistas ser a completa liberdade da congregação local, a partir da fundação da Sociedade Missionária, as juntas doméstica e estrangeira tiveram que debater a questão da escravidão. Após as discussões, ficou decidido que a partir de 1845, ambas organizações não aceitariam candidatos escravistas. Em torno dessa decisão, os batistas do Sul se reuniram em 1845 para organizar a Southern Baptist Convention ou Igreja Batista do Sul (WALKER apud BARBOSA, 2002).

No Brasil, os batistas também tiveram dois posicionamentos frente à escravidão. Os primeiros colonos batistas, em sua maioria do Sul dos Estados Unidos, eram favoráveis à escravidão e foram donos de escravos. Depois da abolição da escravatura que ocorrera em 1888, missionários e batistas brasileiros, de maneira geral, passaram a condenar a escravidão como incompatível com a crença cristã. Foram ações opostas que demonstravam as dificuldades que tinham para tratar do assunto.

Entre os primeiros colonos batistas no Brasil estavam muitos confederados do Sul dos Estados Unidos, inclusive ex-combatentes, que migraram principalmente para a Província de São Paulo, na tentativa de reconstruir suas propriedades. Os importantes precursores da imigração norte-americana para o Brasil foram pastores protestantes que consideravam o país como uma terra prometida, onde os confederados derrotados na Guerra de Secessão poderiam construir novamente suas vidas e seus lares, ocupando as terras improdutivas do Sudeste brasileiro, inclusive mantendo o uso da mão-de-obra escrava (SILVA, 2003).

Barbosa (2002), afirma que o movimento protestante missionário no Brasil dessa época mostrou-se essencialmente conservador e paternalista, já que não apresentava interesse libertário ou revolucionário. A preocupação dos protestantes era a conversão, integração e educação do negro no interior da cultura do protestantismo, jamais sua emancipação.

As denominações Metodistas, Presbiterianas, Batistas, entre outras, realizaram trabalhos de cunho religioso com a pretensão de converter os escravos à crença protestante. O ensino da teologia contribuía para auxiliar os escravos a conformar-se com sua “sorte”, pois, o protestantismo brasileiro procurava tornar mais “amena” a vida dos escravos, tentando conformá-los, torná-los mais pacientes e submissos. Era o que o jornal “Imprensa Evangélica” informava: “Venha já e sem demora o ensino religioso, que incute nos corações dos escravos e dos ingênuos que vivem como escravos os deveres morais, a honestidade e o amor ao trabalho; venha o ensino religioso que mostre - lhes o caminho do dever” (BARBOSA, 2002, p. 155).

Algumas justificativas foram encontradas para manter a situação: “o bom trato dos escravos, a amenidade da instituição, quando comparada ao exemplo norte-americano, e o caráter paternalista, senhorial e meio feudal de que ela se revestia” (BARBOSA, 2002, p. 155).

Na cidade de Santa Bárbara d' Oeste, onde se fundou uma Igreja Batista, o trabalho escravo foi necessário na agricultura e em tarefas domésticas. Os colonos do ramo batista eram senhores de escravos, a exemplo da Senhora Ellis, proprietária de um sítio e que providenciara hospedagem nos primeiros meses ao casal de missionários Bagby. De acordo com o diário da Senhora Bagby:

Depois de dormir uma noite na Capital Paulista, os missionários tomaram o trem para Santa Bárbara, aonde chegaram sob aguaceiro. Na estação os aguardavam os enviados da Senhora Ellis, com dois cavalos e um escravo, para carregar a bagagem. A estrada até o sítio estava bem lamacenta, mas ao chegar, foram carinhosamente recebidos (BAGBY apud MATHEWS apud SILVA, 2003, p. 13).

Os missionários enviados pela Convenção Batista do Sul dos Estados Unidos não se sentiram obrigados em participar das atividades sociais e políticas contra a escravatura, já que em seu próprio país de origem eles eram a favor da escravidão (CRABTREE apud SILVA, 2003, p. 13).

Porém, existem registros em outros documentos assinalando casos isolados em que

a comunidade batista protegeu escravos que eram perseguidos por professar a fé protestante. No livro *Os Bagby e a denominação batista no Brasil*²⁵, existe registro de um escravo que foi liberto pela comunidade batista, porque ele havia sido proibido pelos seus donos de ir à Igreja.

Outro episódio envolvendo escravos e que causou bastante comentário – conforme o relato de Silva – foi o relativo a um africano, que assistia aos cultos com interesse e regularidade. Quando ele passou a não ir por alguns domingos, alguém argumentou, em sessão, sobre a sua falta. Outro indivíduo expôs o problema da seguinte forma: seu dono declarava que o mataria se o seu escravo fosse à igreja de novo. Um membro da denominação batista sugeriu: Vamos comprá-lo! Depois de uma longa deliberação, pois a igreja não tinha somente um membro abastado, votaram unanimemente por comprar o escravo e dar-lhe sua alforria. O homem duas vezes redimido ficou feliz e radiante e uniu-se à pequena igreja (HARRISON apud SILVA, 2003).

Em sua autobiografia, o pastor Zaracharias Clay Taylor, faz a seguinte descrição: “nossa igreja libertou um escravo que havia se tornado cristão”. Mais uma vez o nome do membro escravo foi omitido, todavia o missionário não perdeu a oportunidade de acusar o catolicismo de omissão em torno da problemática da escravidão, ao afirmar que os padres jamais fizeram algo para aliviar as dores dos escravos ou para redimi-los (TAYLOR apud SILVA, 2003, p. 13).

Contudo, a crítica do pastor Taylor é apenas um caso pontual. Os batistas estavam muito mais preocupados em “salvar almas” para Deus do que em debater questões práticas da sociedade humana, como explica Barbosa:

Baseados nas representações que faziam da sociedade vista como a díade negativa dos reinos deste mundo, em contraposição para com a esfera espiritual, o sistema escravocrata não foi visto como uma situação social a ser enfrentada por batistas. O caso fechado do membro escravo apareceu porque ele era um prosélito e não um escravo qualquer que conseguiu a solidariedade dos missionários e da congregação. Seguindo a ética pietista que influenciou todos os protestantes brasileiros na época, deseja-se, antes de qualquer coisa, salvar as almas dos escravos e libertá-los da condenação infernal, e nenhum envolvimento com as situações da sociedade circundante (BARBOSA apud SILVA, 2003, p. 14).

Em toda documentação analisada por Silva, não há papéis que comprovem que os batistas realizaram alguma ação coletiva, ou até mesmo assumiram qualquer posição frente

²⁵ In *O Batista*. Rio de Janeiro, 13 a 19 out. 1996, p. 15.

à abolição da escravidão. Se de fato a atitude de libertar alguns escravos foi uma ação conscientemente abolicionista, eles não o registraram em suas atas.

A documentação deixa visível que, seguindo o espírito de cruzada evangelizadora que presidia as tomadas de decisões do grupo, de fato, supõe que a alforria do irmão escravo estava relacionada com uma estratégia evangelística e não por meio de uma ação política mais aprofundada que interrogasse o escravismo enquanto sistema econômico centrado na propriedade de seres humanos, como mão-de-obra servil (SILVA, 2003, p. 22-23).

Por outro lado, Silva justifica que pelo fato de os batistas serem um grupo religioso minoritário e sem autonomia religiosa, num país majoritariamente católico, conservaram uma atitude omissa diante de questões sociais mais polêmicas, que significavam uma oposição ao governo.

Depois da abolição da escravidão em 1888, sem o perigo de se contrapor ao Estado, os batistas produziram um discurso que condenava o escravismo como sendo incompatível com a “pureza” do Evangelho, do qual se consideravam os mais crentes guardiões (SILVA, 2003).

O Reverendo Zacharias Clay Taylor registrou a sua felicidade com o declínio do sistema escravocrata e do Império brasileiro da seguinte maneira: “os dois grandes inimigos do progresso do evangelho desapareceram no Brasil, a escravidão e o Império. Assim todos os inimigos do evangelho devem cair. Neste momento só há lugar para um Rei, e este é Jesus” (SILVA, 2003, p. 15).

O regozijo do pastor não fora em função da alforria dos escravos, mas devido ao fim da escravidão significar maior facilidade de expandir as doutrinas do ramo batista. A escravidão era enxergada como um inimigo do Evangelho, já que os senhores não aceitavam que seus escravos freqüentassem as congregações batistas.

Na opinião de Taylor, as transformações sociais e políticas se davam pela direta intervenção divina e serviam como um real incentivo para as suas atividades proselitistas, o que novamente demonstra que as representações sociais e políticas dos batistas foram construídas em torno de suas concepções religiosas.

A abolição da escravatura foi registrada no Jornal Batista como um imenso acontecimento da história da pátria. Nos artigos do jornal, o enfoque foi de condenação do trabalho escravo, já que a doutrina cristã pregava igualdade entre os seres humanos, denotando o moralismo bastante peculiar aos batistas. Algumas vezes, classificavam a

escravidão como uma forma de ausência de civilização (SILVA, 2003, p. 22-23).

Henry Koster observa que a quantidade de negros convertidos à religião batista não foi tão numerosa, especialmente por causa da religião católica ter servido como elemento integrador, que compensava sua situação de miséria. Pertencer ao catolicismo era uma iniciativa bastante natural, já que praticamente toda a população estava inserida nessa Igreja. Aceitar o protestantismo significava um passo radical e dificultoso para o escravo, pois significava romper com toda a estrutura social e aderir à vivência no ostracismo. Koster assinala que em cada oportunidade, os negros eram insultados de pagãos, sendo rebaixados pela sua religião de origem africana. Conforme Barbosa, o negro não batizado sentia-se um ser rebaixado e, mesmo não podendo calcular o valor que os brancos davam ao batismo, queriam que a mancha que o estigmatizava fosse lavada, ansioso por ser igual aos demais. A integração ao catolicismo oferecia o privilégio da sociabilidade, o que não aconteceria se o escravo aceitasse fazer parte da fé protestante (BARBOSA, 2002, p. 156).

Batistas e a maçonaria no Brasil

A presença protestante no Brasil se concretizou também por meio do apoio recebido da maçonaria²⁶. Os imigrantes norte-americanos que fundaram a Igreja Batista em Santa Bárbara (SP), também foram responsáveis pela fundação da Loja Maçônica “George Washington” (OLIVEIRA, 1985, p. 44). Entre esses maçons havia cerca de oito batistas, sendo que pelo menos cinco deles foram responsáveis pela fundação da Igreja, entre eles o pastor²⁷.

Robert Poter Thomas foi muitas vezes pastor interino tanto da Igreja Batista de Santa Bárbara quanto da Igreja Batista da Estação (1879), atual cidade de Americana (SP)²⁸.

No dia 12 de Julho de 1880, a pedido da Igreja Batista da Estação, foi formado um Concílio para reunir as duas igrejas, com o intuito de receber e consagrar ao ministério o ex-padre Antônio Teixeira de Albuquerque, que foi batizado pelo pastor Thomas, moderador do Concílio. O acontecimento se deu no salão da Loja Maçônica (OLIVEIRA, 1985, p. 249). Essa correlação entre Igreja Batista e Maçonaria não se deu de forma isolada, no Brasil.

²⁶ A Maçonaria e o Cristianismo. *Loja Maçônica Antônio João*. Dourados, 16 out. 2006.

²⁷ Idem

²⁸ Ibidem

A Maçonaria Moderna foi organizada sob influência protestante. Os redatores do primeiro Estatuto (Anderson e Desaguliers) devido às suas crenças introduziram princípios evangélicos na nova organização, especialmente por causa da finalidade que se destinava. Certamente, devido a tais princípios, a maçonaria se desenvolveu bastante nos países onde predominava a influência do protestantismo, como na Alemanha, Inglaterra e América do Norte e posteriormente foi instalada para o resto do mundo. A partir de 1723 foi publicado o primeiro estatuto da nova organização (A Grande Loja de Londres) conhecida no mundo como “Constituições de Anderson”, pelo fato de ter sido compilada e rigidada pelo Reverendo da Igreja Presbiteriana James Anderson (1680-1739). Outros ressaltam ser as “Constituições” obra de seu prefaciador, o Reverendo anglicano João Teófilo Desaguliers (1683-1744) de família huguenote francesa que emigrou à Inglaterra depois da revogação do Édito de Nantes (A Maçonaria e o Cristianismo. Loja Maçônica Antônio João. Dourados, 16 out. 2006).

Na época dos primeiros missionários protestantes que chegaram ao Brasil, os sermões não podiam ser ministrados em português. Os primeiros sermões do pastor Bagby eram em inglês. Somente a partir de 1860, graças à influência da maçonaria, os protestantes conseguiram o direito de pregar em português (VIEIRA, 1980, p. 374) e esse direito contribuiu na abertura do campo brasileiro para o proselitismo (VIEIRA apud PINHEIRO, 2004).

No Brasil Imperial havia evidente aliança entre maçonaria²⁹ e protestantismo, que foi um dos fatores responsáveis pela precipitação da Questão Religiosa³⁰ (MENDONÇA apud PINHEIRO, 2004, p. 08). Nesse período, várias vezes os maçons cederam espaço em seus jornais para que os protestantes fizessem propaganda de sua crença e também agredissem o catolicismo e sua forma de hierarquia (VIEIRA apud PINHEIRO, 2004, p. 08).

A ala liberal da maçonaria³¹ era contrária a qualquer imposição autoritária e manipuladora sobre o indivíduo e por isso enxergava o catolicismo como um inimigo que teria de ser combatido (MENDONÇA apud PINHEIRO, 2004, p. 08).

Os maçons denunciaram que a política da Igreja Católica tentava dominar a consciência da população. A Igreja não fazia separação entre o seu domínio eclesiástico

²⁹ A maçonaria representou uma das primeiras tentativas para construir uma irmandade ecumênica de indivíduos de todas as religiões. Desejava-se, que o maçônico declarasse somente acreditar em Deus, chamado de “Supremo Arquiteto do Universo”, visto como a palavra “Deus” possui uma conotação cristã e a maçonaria tinha que ser acessível aos seguidores de todas as religiões (VIEIRA, 1980, p. 43).

³⁰ A Questão Religiosa foi um período em que o governo do Imperador Dom Pedro II buscou diminuir o poder do catolicismo assim entrando em conflito com a Igreja Católica.

³¹ Assim no Brasil, como em outras partes, a maçonaria foi um dos imensos veículos da divulgação da idéia de liberalismo (VIEIRA, 1980, p. 40).

entre a liberdade individual do cidadão. Por causa da impossibilidade de consenso entre a liberdade dos indivíduos e da Igreja hierárquica, o liberalismo³² considerava que a única forma para a existência do progresso na nação seria a total separação entre a Igreja e Estado (ROMANO apud PINHEIRO, 2004, p. 08). De acordo com a discussão em foco, podemos nos basear para a teoria de Bernard Fay, que ressalta que havia uma conspiração que desejava o desaparecimento da Igreja Romana (FAY apud PINHEIRO, 2004, p. 08).

De fato, batistas e maçons tinham ideais semelhantes no que se refere ao liberalismo e à necessidade de se combater a religião católica enquanto opositora dos ideais de liberdade individual. Em consequência, muitos batistas membros das comunidades batistas também foram maçons, já que não encontravam incompatibilidades entre a crença religiosa e a prática maçônica.

O missionário Salomão Ginsburg foi o editor do primeiro livro de hinos da Igreja Batista do Brasil, o Cantor Cristão, no ano de 1891. Em sua autobiografia intitulada “Um judeu Errante no Brasil”, revela ser maçom. Ele fundou a Loja Maçônica Auxílio à Virtude em 2 de julho de 1894, na cidade de São Fidelis (RJ). Vinte e cinco dias depois, fundou a “Egreja de Christo [sic], chamada batista”, com o apoio financeiro dos maçons³³.

O pastor José de Souza Marques, que foi presidente da Convenção Batista Brasileira (CBB) por mais de duas décadas, teve cargos importantes na administração da maçonaria e foi inclusive, presidente por bastante tempo do Supremo Tribunal da Justiça Maçônica³⁴.

Ainda podemos citar David Mein, reitor do Seminário Teológico Batista do Norte do Brasil durante 40 anos, presidente da Convenção Batista Brasileira várias vezes, também foi membro ativo da Loja Maçônica Cavaleiro da Cruz. Bruno de Bonis, diácono da Igreja Batista do Méier, foi membro da Loja Maçônica Trabalho e Liberdade, filiada ao Grande Oriente Estadual do Rio de Janeiro (GOB)³⁵.

Não foram somente os batistas que tiveram em seu rol de membros indivíduos

³² Vieira argumenta que o termo “liberalismo” cobre um sem-número de definições. Em relação a essa expressão genérica apareceram diversos grupos defensores do livre-arbítrio em todas as esferas, unidos em volta de um conceito - uma denominação de “progresso” e da emancipação do indivíduo - a maior parte, emancipação da classe média. O termo, de maneira geral, seria uma crença difusa na valorização do homem, e na convicção de que a base de todo o progresso era a liberdade individual. Ainda, o ser humano deveria ter o direito de expressar sua liberdade ao máximo, desde que não viesse infligir a liberdade de outras pessoas. Também, o pensamento liberal autorizava o uso dos poderes do Estado com o objetivo de produzir condições por intermédio das quais o homem livremente pudesse ter a capacidade de crescer e expressar-se (VIEIRA, 1980, p. 39).

³³ Assim no Brasil, como em outras partes, a maçonaria foi um dos imensos veículos da divulgação da idéia de liberalismo (VIEIRA, 1980, p. 40).

³⁴ Idem.

³⁵ Ibidem.

maçons, mas também pode ser observado a presença de maçons nas Igrejas Luterana, Metodista, Presbiteriana, dentre outras (VIEIRA, 1980).

Tanto protestantes quanto maçônicos fizeram frente à Igreja católica e também enfrentaram sua oposição. No Brasil, o catolicismo não somente se manifestou contrário ao protestantismo e à maçonaria, como também ela se manifestou contra a presença do espiritismo e do judaísmo no país. Segundo Vieira, os missionários do protestantismo nem sempre julgavam os maçônicos pelo apoio que recebiam deles. Os ministros protestantes e os maçons fizeram frente comum para lutar contra o catolicismo, assim fizeram os judeus e espíritas que se encontraram com os missionários. Tratava-se de grupos religiosos que se uniam em busca de sua defesa.

A oposição dos presbiterianos à maçonaria³⁶ se tornou emblemática no Brasil. A Igreja Presbiteriana histórica aceitava que seus membros fossem maçons. Já o ministro presbiteriano Eduardo Carlos Pereira era contra a membresia de maçons e por isso fundou a Igreja Presbiteriana Independente, no começo do século XX. O tema foi tratado em várias igrejas, sempre pretendendo comprovar que a Maçonaria era uma seita ou religião, para assim combatê-la com facilidade no meio do cristianismo. (VIEIRA, 1980, p. 279).

Com poucas exceções, as igrejas teologicamente conservadoras fundamentalistas, holines (Metodista Livre e Wesleyana) e as pentecostais (Assembléia de Deus, Igreja do Evangelho Quadrangular, com exceções) - posicionam-se contra a maçonaria, enquanto algumas igrejas evangélicas do ramo histórico aceitam que seus membros afilem-se às lojas maçônicas (SILVA, 1987).

A maçonaria no Brasil facilitou a entrada de missionários protestantes no país. Às vezes, a loja maçônica até os protegia da oposição do catolicismo (VIEIRA, 1980, p. 374-377). Outras vezes, pelo menos no patamar individual, a fraternidade da maçonaria colaborou no financiamento de construções de templos evangélicos. Por causa dessa e outras razões, a maçonaria desfrutava de alta aceitação em meio a certas igrejas protestantes do Brasil, contando até com defensores entre os pastores nacionais (LYRA, 1993, p. 290-292). Fica evidente que os protestantes se utilizaram de instituições sociais, como a maçonaria, para se instalar no Brasil. Essa influência e as relações de poder que os protestantes estabeleceram no país possibilitaram a expansão das religiões protestantes no Brasil, como por exemplo, a instalação batista no Mato Grosso, como veremos no próximo capítulo.

³⁶ A Maçonaria e o Cristianismo. *Loja Maçônica Antônio João*. Dourados, 16 out. 2006.

A PRESENÇA BATISTA EM MATO GROSSO

Neste capítulo, apresento uma resenha dos fatos históricos que foram determinantes para a implantação e o desenvolvimento da igreja batista no Mato Grosso, nas décadas de 1910 a 1940. Além disso, estudo os conflitos sociais enfrentados pelos protestantes e as restrições impostas às mulheres no âmbito das igrejas.

A fundação da Igreja Batista no MT

Os primeiros protestantes que chegaram à região vieram em busca de melhores condições de vida. No início do século XX, protestantes de vários lugares do Brasil se somaram às pessoas que partiram em direção à região Centro-Oeste do Brasil, atraídas pela possibilidade de adquirir terras férteis a preços irrisórios. Para os protestantes, à questão econômica que está na base dessa marcha deve ser agregada a ânsia de eles se livrarem da perseguição religiosa que enfrentavam nos lugares onde residiram anteriormente. (NOGUEIRA, 2004, p. 48).

Ao que tudo indica, a primeira instalação de protestantes na parte Sul do antigo Mato Grosso ocorreu no município de Corumbá, o mais importante centro comercial do Estado, no começo do século XX. Os primeiros protestantes a chegar foram os episcopais, do Rio Grande do Sul, e os presbiterianos, de São Paulo e Minas Gerais. De modo que, quando os primeiros batistas chegaram à cidade, se congregaram com os episcopais e presbiterianos em seus locais de adoração e estudo. Segundo a pesquisa de Sérgio Nogueira (2004, p. 48-49), alguns ensinamentos ministrados pelos episcopais e presbiterianos não foram aceitos pelos batistas, por serem estranhos às suas doutrinas, como por exemplo, o batismo por aspersão e de crianças recém-nascidas. Essa falta de afinidade doutrinal motivou os batistas a lutarem para fundar sua própria congregação e seu próprio templo. Nasceu, assim, a Primeira Igreja Batista de Corumbá, em 1911.

Os primeiros batistas chegados ao Estado eram procedentes de São Paulo e do Rio de Janeiro. Como outros conterrâneos, eles chegaram a Corumbá para tomar posse de terras adquiridas na região, para trabalhar na construção da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil – NOB ou para servir ao exército e à marinha nas cidades de Corumbá e em Ponta Porã. Uma das primeiras atitudes desses primeiros batistas no Mato Grosso foi solicitar à

Convenção Batista Brasileira, sediada no Rio de Janeiro, o envio de um missionário batista a Corumbá.

Em resposta, a Convenção Batista Brasileira enviou ao Mato Grosso o jornalista A. B. Deter. Em 05 de agosto de 1911, o missionário jornalista realizou uma conferência para a qual foram convidadas diversas autoridades: o General de Divisão, as autoridades federais, estaduais e municipais, os profissionais da imprensa e representantes da sociedade civil. Conforme revela Nogueira, Deter a princípio teve medo de aceitar o envio para Corumbá, pois tivera medo das violências noticiadas sobre o Mato Grosso em outras partes do Brasil, por exemplo, que matavam-se sem motivo algum, “à toa”, no lugar. Já na cidade de Corumbá, ele chegou a ver um assassinato mas, mesmo assim, ele prosseguiu na sua missão pioneira. No dia 20 de agosto de 1911, foi oficialmente fundada a Igreja Batista de Corumbá. Seus primeiros membros eram quatro portadores de cartas demissórias³⁷ da Igreja de Rio Largo, Alagoas, e 53 pessoas que se tornaram membros da igreja através do batismo por imersão nas águas do Rio Paraguai (URBIETA, 1960, p. 29).

A prosperidade econômica do Estado e a fundação de várias cidades ao longo da linha ferroviária estimulou os batistas a iniciarem atividades evangelísticas e a fundarem igrejas locais nas cidades que iam sendo criadas. A Estrada de Ferro NOB era economicamente importante para a região, por ser a melhor alternativa para o transporte dos produtos que abasteciam o mercado do Sul do Mato Grosso e para escoamento da produção regional. Foi relevante também para facilitar a locomoção dos primeiros pastores e missionários que iniciaram o trabalho batista em todo o Estado. Graças à Estrada de Ferro surgiram as primeiras igrejas batistas nas cidades de Aquidauana, no ano de 1915; Campo Grande em 1917; Ponta Porã e Três Lagoas no ano de 1925 (NOGUEIRA, 2004, p. 52, 61). A NOB unia o interior de São Paulo a Porto Esperança, às margens do Rio Paraguai. Do Porto Esperança, as pessoas que tinham interesse em prosseguir até Corumbá seguiam em embarcações, por intermédio de uma hidrovia. A mobilidade e o crescimento econômico da região foram fatores importantes para as iniciativas de expansão da Igreja Batista no MT. Segundo Nogueira, a expectativa de crescimento das Igrejas Batistas no Mato Grosso era concomitante a uma carência de líderes capacitados em todos os estados do Brasil. De modo que a implantação de novas igrejas dependeu também do envolvimento dos membros comuns.

Em 1918, houve a Assembléia da Convenção Batista Brasileira, em Vitória-ES. À

³⁷Cartas demissórias são documentos de recomendação dada por uma Igreja Batista local para outra Igreja Batista local, para que esta aceite como membro aquela pessoa portadora da carta demissória.

época, os batistas voltavam suas atenções para a evangelização na região Centro-Oeste do Brasil. Foi quando a missão de evangelizar o Mato Grosso ficou aos cuidados do missionário Ernest A. Jackson e sua esposa, um casal com muito prestígio junto às lideranças batistas, pelo grande número de evangelizados por eles no decorrer de muitos anos de experiência missionária (NOGUEIRA, 2003, p. 55-56).

Na época, o Mato Grosso tinha uma superfície de 1.239.159,7 quilômetros quadrados e 400.000 habitantes, ou seja, era um campo desafiador, por possuir muitas áreas inexploradas, riquezas naturais e minerais, aldeias com indígenas “ainda selvagens” (NOGUEIRA, 2003, p. 57). Faltava infra-estrutura tanto para o Estado quanto para a própria Igreja Batista para percorrer esse vasto território, o missionário Jackson ficou morando em São Paulo de onde supervisionava o trabalho do evangelista e pastor Pedro Sebastião Barbosa, que atuava em Mato Grosso. Foi apenas em 1920 que o missionário norte-americano mudou-se para a cidade de Campo Grande (CRABTREE apud NOGUEIRA, 2003, p. 58).

Os missionários Jacksons contribuíram na implantação e na estruturação das Igrejas Batistas em Corumbá, Aquidauana, Campo Grande e das Congregações de Três Lagoas e Miranda (NOGUEIRA, 2003, p. 60). Em Campo Grande, foram responsáveis pela fundação de uma escola, que apesar de pequena e com poucos recursos, correspondia à estratégia utilizada por diversos missionários norteamericanos - como Dr. Shepard, Dr. David Luke Hamilton, os Bagbys, Frederick William Taylor - para expandir as convicções religiosas e cívicas dos batistas através do ensino.

O pastor Jackson liderou a Igreja Batista de Campo Grande entre o ano de 1919 até 1922. Ele sofreu um forte desânimo com relação ao futuro da missão no Mato Grosso quando, por volta de junho de 1922, seus planos de fundar uma escola agrícola junto de George Goodman foram interrompidos porque a sociedade missionária batista do sul dos Estados Unidos não aceitou financiar o projeto (CRABTREE apud NOGUEIRA, 2003, p. 58).

Wattie Bethea Sherwood foi o missionário que substituiu o casal Jackson. Em meados de 1921 Sherwood, que estava no Brasil aprendendo a língua portuguesa, fez sua primeira visita à Igreja Batista de Campo Grande. Ele tinha a pretensão de dedicar-se ao trabalho de evangelização no interior do Brasil. Dessa forma, os Jacksons retornaram de licença para os Estados Unidos, passando para Sherwood o trabalho missionário no MT (NOGUEIRA, 2003, p. 58).

Sherwood registrou em sua agenda como Jackson estava desacreditado com a

expansão da obra missionária no Mato Grosso:

[...] Também escutei indiretamente que o irmão Jackson não retornará para Campo Grande. No dia 27 o irmão mostrou-se ferido com as notícias sobre o irmão Jackson e entre outras coisas disse que Goodman e eu derrubamos o trabalho e que aquele nosso trabalho batista não tinha futuro no Mato Grosso. [...] (SHERWOOD apud NOGUEIRA, 2003, p. 59).

Enquanto Sherwood e Jackson estiveram em Mato Grosso, realizaram viagens evangelísticas e conferências juntos, e adquiriram algumas propriedades que poderiam ser usadas posteriormente para a expansão da causa batista nos novos municípios tidos por promissores em 1922. Isso também ficou registrado na agenda de Sherwood:

Em Aquidauana 5 a 15. Retornei no dia 12. Muita chuva e os cultos foram interferidos. Pechinchei para vender a igreja e comprar lote para uma nova, obtendo emprestado três contos da Junta Patrimonial. Preguei em Campo Grande no dia 14. No retorno achei relatórios de críticas, etc. sobre a venda da escola, a igreja estava fria. Após uns dois dias o Dr. Vespasiano Martins foi chamado. Ele veio duas vezes e disse que é bronquite. Fiquei doente uns dez dias. Fui para Aquidauana no dia 30 de Outubro, para comprar o lote para a igreja e voltei no dia 31. No dia 14 fui novamente e assinei os papéis e paguei pelo lote da igreja. [...] (SHERWOOD apud NOGUEIRA, 2003, p. 59).

Para Nogueira (2003, p. 62), o missionário Sherwood, como ficou conhecido no Mato Grosso, retornou para os EUA em 1925 pois seu pai ficou gravemente enfermo e faleceu nesse mesmo ano. Sherwood volta para sua missão apenas em 1927. Nos dois anos e que ele esteve fora, as igrejas batistas do MT ficaram aos cuidados de seus membros.

Na sua volta, Sherwood tem como objetivo garantir que cada igreja tenha seu pastor. Dessa forma, a Igreja Batista de Corumbá recebeu o pastor Américo de Araújo.

A Congregação de Três Lagoas passa a se organizada em Igreja Batista em 1925. Durante a ausência de Sherwood, a igreja ficou sob a liderança do membro João Gregório Urbietta. Quando da sua volta, o missionário reconheceu a vocação de Urbietta e este foi consagrado como pastor.

Um outro pastor matogrossense foi Victor Gutierrez. No começo do trabalho batista em Mato Grosso, Gutierrez era morador de Camapuã onde se converteu à Igreja Batista. Durante uma visita a sua família, em Coxim, ele pregou o evangelho aos presentes e muitas pessoas foram convertidas naquela oportunidade. Em 1927 ele tornou-se o pastor da Igreja Batista de Miranda (NOGUEIRA, 2003, p. 62).

Quando, em 1931, o missionário Sherwood viajou de férias para os EUA, deixou o pastor Severino Araújo em Corumbá, João Gregório Urbietta em Três Lagoas, Augusto Melo em Ponta Porã, Lindolfo de Arruda em Aquidauana e Egídio Gioia em Campo Grande. Os três últimos tinham chegado recentemente ao Mato Grosso.

Por causa das dificuldades financeiras da sociedade missionária do Sul dos Estados Unidos, a Junta de Richmond, Sherwood teve que permanecer até 1934 nos EUA. Quando retornou ao Mato Grosso, não estavam mais presentes no Estado os pastores Araújo e Arruda, que se mudaram para o Estado de São Paulo. O batista Orestes Cardoso tinha chegado em Corumbá e permaneceu no local até 1936, quando transferiu-se para a Igreja Batista de Ponta Porã (NOGUEIRA, 2003, p. 63).

Em 1935, as Igrejas de Bela Vista e de Três Barras, que foram implantadas por intermédio da Missão do Interior da América do Sul, reivindicaram que o Conselho Batista Brasileiro as reconhecesse como Igrejas Batistas. Depois do exame nas questões doutrinárias, essas denominações evangélicas foram aceitas como igrejas pelo Conselho Batista Brasileiro. Fausto Vasconcellos foi contratado como pastor da Denominação Batista de Bela Vista. Altino Vasconcellos, da Igreja Batista de Três Barras foi consagrado a pastor e convocado para pastorear as igrejas em Aquidauana e Miranda. A adesão dessas igrejas e de seus pastores fortaleceu a denominação Batista de Mato Grosso.

Assim, em 1935, o Mato Grosso já tinha sete igrejas batistas organizadas e três congregações³⁸. O missionário Sherwood foi peça chave neste processo, uma vez que tomou atitudes enérgicas em prol da expansão da denominação batista no Estado. Ele pode ser considerado um “desbravador” dos sertões mato-grossenses. A princípio, utilizava-se de um cavalo para ir às regiões mais distantes, pregando nas fazendas e nas regiões de garimpo, convertendo tanto as famílias dos fazendeiros quanto os trabalhadores dos campos, dos garimpos, da estrada de ferro e do porto. Onde havia convertidos, eram fundadas as congregações. Sherwood batizou sete famílias pioneiras no Estado de sobrenome Monteiro, Rodovalho, Bonfim, Batista, Barbosa, Pires Souza e Gomes, que colaboraram não só na implantação das igrejas no interior do Estado. Essas famílias também atuaram junto aos batistas de Campo Grande, quando alguns deles saíam do interior em busca de trabalho e estudo na cidade grande, onde contribuíam para aumentar a evangelização na cidade. (NOGUEIRA, 2003, p. 64 e 65).

³⁸ As congregações batistas consideradas “missão” não possuem estrutura jurídica independente. Elas dependem da igreja-mãe que as formou, são futuras igrejas, que vão se estruturando e amadurecendo na ideologia das igrejas batistas da Convenção Batista Brasileira. No caso da congregação batista de Três Lagoas, a igreja mãe era a Primeira Igreja Batista em Campo Grande (SANTO, 2003, p. 23).

Mais tarde, quando voltou ao Brasil em 1927, Sherwood trouxe dos EUA um carro, que comprou com a parte da herança herdada de seu pai que seria dada à Igreja como dízimo. No Estado, havia poucas estradas, mas muitas picadas para andar a cavalo e trilhas para carro de boi. O missionário abriu caminhos com seu carro importado, viajando de cidade em cidade, parando nas comunidades e fazendas rurais. Muitas vezes seus compromissos se atrasavam por causa das péssimas condições dos caminhos. Quando era impossível prosseguir no automóvel, Sherwood optava pelo trem, para dar conta de suas viagens de pregação. (NOGUEIRA, 2003, p. 65-66). Em seu diário, ele relata algumas das suas peripécias com o auto:

Parti com o irmão Hankins e Valdir para Nioaque. Tivemos viajando bem até 11 horas, quando saímos da estrada e enguiçamos na travessia de um córrego, permanecendo por três horas. Passamos a noite na casa do senhor Antônio Morais. No dia 05 nós chegamos a Nioaque - Um lugar histórico antigo. Eu preguei a noite na casa da dona Sofia. Eu olhei e selecionei um lote para comprar, mas o dono mora em Campo Grande. No outro dia fomos a Guia Lopes da Laguna onde tivemos um culto à noite. Eu e Apolinário procuramos um lote para o futuro e ele foi compra. No dia 07 nós fomos para Boqueirão e Três Barras. Enguiçamos no cruzamento onde permanecemos um hora e meia. Mais tarde o carro quebrou e estava próximo de anoitecer. Eu e Valdir deixamos Hankins com o carro e caminhamos até Três Barras. Foram 12 horas ou mais de caminhada. Felizmente tínhamos luar e chegamos perto das 7:30 e o culto começou próximo das 9 da noite. No dia seguinte depois do irmão Valdir ir de cavalo para o carro, o Hankins foi para a igreja. Tivemos culto após o meio dia e a noite. Na manhã seguinte nós fomos para o carro e pegamos carona na traseira de um carro, mas não pudemos fazer coisa alguma, então o colocamos atrás juntos e enviamos para Bela Vista par ver se conseguia um caminhão para levar o carro até Aquidauana. Voltou na manhã do dia 12 sem resultados. Ele e eu então fomos no mesmo ônibus para Aquidauana para conseguir um mecânico e peças de carro (NOGUEIRA, 2003, p. 68).

O trabalho missionário enfrentava muitas dificuldades de comunicação e mobilidade, e demandava persistência e coragem do missionário. O crescimento da denominação Batista iniciou lento, mas constante. Tinha o claro objetivo de alcançar as cidades novas que estavam se formando.

Conforme os relatos de Lins, Sherwood não encontrava nenhum impedimento para ir à igreja: “se o tempo estava bom ele pegava sua família e ia à igreja de carro. Se o tempo estava ruim ele ia a pé. E dizia que fazia isto, pois se ele ia a pé em dia de chuva os irmãos também poderiam ir” (LINS apud NOGUEIRA, 2003, p. 66).

Sherwood contou também com o apoio de outro missionário que atuou na expansão

da Igreja Batista no Mato Grosso, em especial no Sul do Estado. William Clyde Hankis chegou ao Brasil com sua família no ano de 1941. Hankis acompanhava Sherwood sempre que podia, em suas viagens pelos sertões do Mato Grosso. Juntamente com a sua esposa Nina, a filha Nona e o filho Bill, ele evangelizou na região fronteira entre o Brasil e Paraguai, como em Amambaí, Jardim, Nioaque e Ponta Porã (NOGUEIRA, 2003, p. 66).

Com o passar do tempo, os trabalhos evangélicos aumentaram bastante e Sherwood pregava cada vez mais em direção ao Norte de Mato Grosso, enquanto Hankins cada vez mais assumia o trabalho de cunho evangélico em direção ao Sul do Estado (NOGUEIRA, 2003, p. 67). No ano de 1941, as famílias de Sherwood e Hankis foram aos Estados Unidos e em férias e lá permaneceram por cinco anos.

Enquanto esteve nos Estados Unidos, Hankins realizou muitas palestras sobre seu trabalho missionário no Brasil na Ouachita Baptist University. Foi desta forma que teve seu primeiro contato com Ana Wollerman. Quando a família Hankins voltou ao Brasil, no ano de 1946, acompanhada pela missionária Ana Wollerman ficaram alguns dias na cidade de Rio de Janeiro. Em seguida, saíram do Rio de Janeiro em direção a Ponta Porã, uma viagem que durou treze dias (NOGUEIRA, 2003, p.68).

Ana Wollerman foi uma colaboradora de extrema importância para o crescimento da Igreja Batista no MT, tendo enfrentado o machismo de sua época e alcançado a liderança em trabalhos de grande relevância, como na implantação de diversas igrejas, escolas, seminários.

Wollerman começou seu trabalho missionário educacional em Ponta Porã, já em 1946, ano de sua chegada, onde abriu uma escola de ensino primário na Vila União. Seu desafio foi aprender a língua portuguesa em tão pouco tempo, para a missionária “só Deus podia fazer este milagre na vida de uma pessoa”. (NOGUEIRA, 2003, p. 78). A mesma ainda fundou a Escola Batista de Amambai, em 1947.

Também a missionária Ana Wollerman participou de muitas Assembléias da Convenção Batista de Mato Grosso. Suas idéias em muitas ocasiões eram aprovadas nas assembléias (NOGUEIRA, 2004), mas por outro lado, para defender seu direito de expor suas opiniões, Wollerman enfrentou perseguições das autoridades dentro e fora da Igreja Batista.

Em sua atividade na Escola Batista de Amambai, Wollerman chegou a ser acusada de ensinar “músicas estranhas” e manipular as mentes das crianças, isso porque ensinava canções em inglês, seu idioma nativo. Ela foi convocada e respondeu às acusações:

Foi lá, entoou o cântico, traduziu e explicou o porque fizera aquilo, e prometeu que a partir daquele dia iria aprender o Hino Nacional, o que era muito difícil naquele primeiro momento. A partir de então, diariamente, o Hino Nacional era cantado por todos na Escola (NOGUEIRA, 2004, p. 86-87).

Wollerman foi até considerada uma “ameaça” para alguns indivíduos, que tentaram impedir o funcionamento de sua escola em Amambai, mas a comunidade em pouco tempo aprendeu a lutar por “melhorias”, inclusive defendendo a necessidade de ensino às crianças. Da escola fundada pela missionária, surgiram profissionais, como políticos, professores, militares, médicos, comerciantes, pastores missionários, entre outros (NOGUEIRA, 2004, p. 87).

Jackson, Sherwood, Hankins e Wollerman foram os primeiros missionários norte-americanos, mas não foram os únicos a trabalhar na expansão da Igreja Batista no Mato Grosso. Desde sempre contaram com adeptos brasileiros que atuaram na divulgação da fé, sendo os primeiros os evangelistas Pedro Sebastião Barbosa e Horácio Kneipp Ladeira, que auxiliaram o missionário Deter a cuidar da Igreja Batista em Corumbá. O Pastor Urbieta também foi um desses colaboradores, que registrou passo a passo o crescimento da religião no Estado.

Juntamente com Ana Wollerman, Urbieta, assim como os demais pregadores, fundaram igrejas, escolas de ensino primário, secundário, faculdades de teologia, entre outras nas diversas localidades de Mato Grosso (NOGUEIRA, 2004, URBIETA, 1960). Urbieta, em 14 anos de atuação, evangelizou tanto em áreas urbanas como rurais, nas localidades de Areré, Ariranha, Aparecida, Corrégo Fundo, Dois Corrégos, Divisa, Figueira, Paranaíba, Quitéria, Tabuado, São Pedro, Véstia e muitas fazendas (URBIETA, 1960, p. 61). Ele fez diversos batismos e muitos dos indivíduos que se converteram eram oriundos do espiritismo, sabatismo, presbiterianismo e metodismo (URBIETA, 1960, p. 75).

Em seu livro de relatos, o pastor Urbieta não deixou de frisar das dificuldades financeiras que enfrentou durante o seu trabalho de evangelização no Estado. O evangelista ainda fazia muitas visitas nas cidades que tinham a Igreja Batista e também naquelas que necessitavam da implantação de uma igreja. Juntamente com outros batistas ajudou a erguer o templo batista em Correntes (hoje “Vila Jango”) e aproveitou da sua folga para alfabetizar as crianças do povoado. Rapidamente “estava eu com uma escola mista instalada, e à noite pregava”. Urbieta escreveu em seu testemunho:

(...) íamos maravilhosamente bem. Aconteceu, porém que eu não recebia meus vencimentos a nove meses. Já estava cansado de requerer à Coletoria do Estado, ao Inspetor Escolar de Aquidauana, ao Diretor da Instrução Pública de Cuiabá, ao Ministério da Educação e ao governo do Estado, cujas respostas eram uma só: “o silêncio!...”.

Devido a essas crises financeiras enfrentadas, Urbieta foi residir em Aquidauana e inaugurou uma escola particular. Urbieta ressalta que teve:

(...) ainda o privilégio de ser um dos fundadores da 1ª Igreja Batista do Sul de Mato Grosso e tomar parte na inauguração do templo batista. O Dr. Deter honrou-nos com a sua visita em Aquidauana. Campo vasto. Trabalho intenso e extenso na sede em Miranda, Campo Grande e Camapuã, além de Corumbá e Ladário e ainda o chamado de João Pedro Dias para Cuiabá. (...) Ainda assim fui o 1º diácono batista consagrado em Mato Grosso, 1917. Os pastores Barbosa e Saledônio fixaram – se em Campo Grande. Corumbá ficou sem pastor. Chamaram o pastor Araújo, de Aquidauana, que ficou também sem pastor e elegeram-me seu evangelista, assumindo eu a direção desta igreja.

Os pregadores da Igreja Batista desenvolviam diversos trabalhos ao mesmo tempo. Além de pregadores, trabalhavam como educadores, evangelistas, colportores, ferroviários, comerciantes, jornalistas, marinheiros, militares, entre outras profissões. Sendo que, para realizar a evangelização, deixavam seus familiares para percorrer todo o “Campo Vasto” de Mato Grosso e entre outros estados do Brasil.

Dados sobre o crescimento da Igreja Batista no MT

Segundo Nogueira (2004), até o ano de 1910 não havia trabalho missionário batista no Mato Grosso. Conforme Mesquita (1940, p. 351), no ano de 1935 já eram 10 igrejas batistas e 363 membros no Estado, graças ao trabalho de Jackson e Sherwood.

Esses números, na análise de Nogueira, demonstram que o crescimento da religião batista no MT foi lento, especialmente em comparação com outros estados brasileiros.

O trabalho Batista até o presente é limitado ao Sul do Estado, onde temos Igrejas ou Congregações em quase todos os centros. As distâncias são grandes e a população espalhada. Êste fato, com a falta de obreiros, explica em parte porque o Estado não tem mais igrejas. O norte do Estado nos convida e gostaríamos de ter mais obreiros para entrarmos. É cedo para escrever a história de um trabalho que esperamos ver conquistar todo o Estado, de norte a Sul (MESQUITA, 1940, p. 345).

Quando a atuação dos missionários passou a ter resultados expressivos, se fez necessário uma melhor estrutura para unir as Igrejas Batistas do grande Estado do Mato Grosso. Nesse sentido foi criada no ano de 1943, em Campo Grande, a “Associação Evangélica Mato-Grossense”.

Às 8, 40 horas do dia 25 de Maio de 1943, na sede da Igreja Batista de C. Grande, Estado de Mato Grosso, onde se achavam presentes os representantes das Igrejas Batistas de T. Lagôas, Camapuam, Rio Verde, Herculanea, Estrela Dalva, Ponta Porã, Bela Vista, Corumbá, Aquidauana, Três Barras e Campo Grande (...) o irmão Dr. Rafael Gioia Martins tomando a palavra como presidente, por aclamação do Instituto Bíblico Organizado pela Igreja Batista local, declarou em breve alocução que os representantes das várias Igrejas do vasto campo matogrossense, resolveram se organizar em “Associação” para efeito de maior coesão das forças batistas dispersas nos vários setores de tão grande campo, com alvo nobre e elevado de alcançar as almas que ainda gemem sob o guante do pecado e do vício, consoante a ordem do Divino Mestre. “Ide por todo o mundo, pregai o evangelho a toda a criatura” (...)³⁹.

Em 1944, a Associação Evangélica Mato-Grossense realizou sua primeira assembléia, na Igreja Batista de Três Lagoas. À época, “Associação Evangélica Mato-Grossense contava com 15 igrejas locais e 900 membros (TRAPP, 1999, p. 38). Os batistas discutiram diversos assuntos relativos à expansão da Igreja, como a necessidade de ter mais obreiros na evangelização e na educação, e a de arrecadação de finanças para o fortalecimento do trabalho batista no Estado:

Às 8 hrs do dia 02 de março de 1944, na sede da Igreja B. de T. Lagôas, o Presidente da Junta B. Matogrossense, Dr. R. Gioia Martins declarou aberta a sessão da mesma (Junta) concedendo a palavra a vários irmãos, tendo o Sr. Presidente ventilado os assuntos da evangelização em geral, evangelização e educação aos filhos dos Crentes e educação religiosa entre os crentes (...). Foi feito um apêlo às Igrejas representadas, no sentido de aumentarem as suas contribuições para a Extensão do trabalho evangelístico no Campo⁴⁰.

Os protestantes assinalaram a ausência de obreiros no Estado, principalmente em torno de Aquidauana, Bela Vista e Miranda e programaram visitas a várias cidades, entre elas, Sidrolândia, a fim de distribuir literatura religiosa⁴¹.

Ainda nesse mesmo ano, a “Associação Evangélica Matogrossense” mudou de

³⁹Ata nº 1 da Associação Evangélica Mato-Grossense, Campo Grande, 25/05/1943, p. 01.

⁴⁰Idem, p. 05.

⁴¹Ibidem, 05/06/1944, p. 05.

nome, sendo nomeada de “Convenção Batista Mato-Grossense” (CBMT), por idéia do pastor Hankins. A Junta discutiu a idéia de fundar um colégio evangélico no Estado de Mato Grosso, de contribuir com a Biblioteca do Seminário Teológico Batista do Estado, de apoiar os obreiros, de cooperar com o Instituto “Oswaldo Cruz”, entre outros. A Junta elogiou o grande progresso da evangelização batista no Estado de Mato Grosso e por isso se almejava ter mais pastores, obreiros, missionários no campo mato-grossense, para atender cada vez mais a sua demanda⁴².

No ano de 1948, quando foi realizada a primeira reunião da Convenção Estadual da Igreja Batista, o Mato Grosso somava 16 igrejas batistas, 10 congregações, 20 pontos de pregação, 10 templos próprios, seis pastores e quatro missionários norte-americanos⁴³. Na Convenção frisou-se que o Estado de Mato Grosso era um dos maiores dos Estados do Brasil, porém era o menos evangelizado e que na capital Mato-Grossense (Cuiabá) ainda não existia trabalho de cunho batista⁴⁴.

Para ampliar a Igreja Batista no Mato Grosso, ficou instituído que no primeiro domingo de junho seria comemorado o “Dia da Evangelização Estadual”. Seria uma data de arrecadação de dízimos e ofertas para a manutenção dos trabalhos evangelísticos do Estado de Mato Grosso (NOGUEIRA, 2004, p. 90). A Convenção ainda recomendou aos batistas:

- 1º) Que a evangelização do Estado de Mato Grosso se processe inicialmente pelo sistema de evangelistas locais;
- 2º) que, para isso a diretoria da Convenção deverá procurar obreiros para confiar-lhos tais encargos, acompanhando essa obra com orações perseverantes;
- 3º) que, enquanto não se encontre evangelistas consagrados, para êsses postos de trabalho, trate-se da arrecadação de fundos destinadas ao custeio dêsse trabalho;
- 4º) que se institua o Dia da Evangelização Estadual neste Estado e seja o mesmo comemorado com alegria;
- 5º) que se encaminhe um apelo para a Junta de Missões Nacionais pedindo obreiros para a nossa seara. Que igual apêlo seja feito a Junta de Missões Estangeiras de Richmond⁴⁵.

Ainda, na Convenção Batista de Mato Grosso:

⁴² Ata da Terceira Reunião da Junta Mato-Grossense, 02/08/1945, p. 09.

⁴³ Almanaque Batista da Convenção Batista Brasileira. *Estatística geral das Igrejas Batistas, referente ao ano de 1948*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1950, quadro I.

⁴⁴ Ata nº 03 da Convenção Batista de Mato Grosso, 03/12/1948, p. 03.

⁴⁵ Idem.

Foi discutido e organizado um orçamento para arrecadação mensal de fundos para o custeio das despesas de evangelização do Campo, ficando o mesmo assim constituído: Corumbá Cr\$ 60,00; Miranda, Cr\$ 30,00; Aquidauana, Cr\$ 60,00; Jardim, Cr\$ 36,00; Bela Vista, Cr\$ 60,00; Ponta Porã, Cr\$ 75,00; Amambai, Cr\$30,00; Arroio Corá, Cr\$ 30,00; Campo Grande, Cr\$ 100,00; Camapuã, Cr\$ 50,00; Estrela Dalva, Cr\$ 40,00; Rio Verde, Cr\$ 30,00; Coxim, Cr\$ 20,00, Terenos, Cr\$ 40,00; Três Lagoas, Cr\$ 40,00, Total de Cr\$ 700,00. Foi resolvido que se distribuissem circulares a todas as Igrejas citadas acima, dirigindo apêlos para a cooperação regular nesse sentido⁴⁶.

Mesmo não tendo representantes durante a reunião do Conselho, foram incluídas na CBMT as igrejas batistas de Terenos, Arroio Corá, Amambaí e Três Barras⁴⁷. Nogueira considera que a região Sul do Estado de Mato Grosso vinha passando por um período de colonização e desenvolvimento, com pessoas provenientes de todas as partes do Brasil e, progressivamente apareciam pequenas vilas, povoações e cidades. Desta maneira, as igrejas precisavam de recursos para construir nas cidades, pelo menos um templo pequeno de madeira e também uma casa para o futuro pastor (NOGUEIRA, 2004, p. 121).

Para expandir de forma organizada a evangelização na região mato-grossense, os batistas criaram Associações Estaduais de Jovens e de Adultos. Essas associações tinham as seguintes finalidades:

1-Promover maior fraternidade, cooperação e intercambio entre as igrejas da região; 2- Promover trabalhos de caráter evangelísticos regionais, tais como campanha simultânea de evangelização; 3- Promover maior cooperação das igrejas para com a Convenção Estadual; 4- Objetivos das reuniões da Associação: a)- Teses sôbre assuntos de interesses denominacionais; B)- Evangelismo no local da realização da Associação; c)- Sociabilidade⁴⁸.

A mocidade batista no Mato Grosso pode ser considerada uma força indispensável no trabalho de divulgação da fé e evangelização no Estado. Os jovens chegaram a percorrer algumas cidades, com instrumentos musicais, levando consigo a mensagem de salvação às praças públicas a partir de 1948. Por intermédio da Mocidade, foi criado um jornal com o nome de “Arauto D’Oeste”⁴⁹.

Assim como vários estados brasileiros, o Mato Grosso também tinha seu jornal

⁴⁶Ibidem, p. 04.

⁴⁷Ata nº 01 da Assembléia da Convenção Batista Mato-Grossense, 1948.

⁴⁸Idem.

⁴⁹Ibidem.

batista editado pela Convenção Batista Estadual, que era denominado de “O Batista do Oeste”.

Em 1948, foi publicado no Jornal O Batista do Estado do Rio de Janeiro, que a Denominação Batista completaria 50 anos de atividades no campo mato-grossense. As igrejas foram incentivadas a comemorar a data com a busca pela implantação de 50 novas igrejas no Estado e de mais 35 pastores no Oeste brasileiro⁵⁰.

O Oeste brasileiro era muito carente de infra-estrutura. De modo que cada membro das igrejas batistas que foram sendo organizadas sentia-se chamado para contribuir no âmbito da sua profissão ou habilidade para melhorar as condições de vida na região. Por isso os batistas entendiam também que sua atuação missionária era em si mesma já uma contribuição para o desenvolvimento, pois através da conversão as pessoas se tornavam mais responsáveis com seu meio e seus semelhantes.

Muitos municípios formados no período de expansão da igreja batista no Mato Grosso tiveram nos membros dessas igrejas mão-de-obra qualificada como professores, jornalistas, agricultores, caminhoneiros, colportores, marinheiros, comerciantes. Não raro, os pastores atuavam como educadores formais e como juizes, resolvendo pequenas desavenças.

A obra batista teve forte impacto nos setores mais necessitados do Estado, como na educação e na saúde. Se no início da obra batista, a alfabetização e educação dos membros se dava de maneira informal, a partir da década de 1940 começam a ser fundadas escolas batistas no MT. Nessa mesma época os batistas começavam a concentrar esforços e recursos financeiros para construir um hospital, o que somente veio a se concretizar em 1958, em Campo Grande.

A contribuição dos batistas para o desenvolvimento do Estado se deu com a construção de templos, escolas e hospitais. Os batistas acreditavam, porém, que a maior contribuição era a “intelectual” e “moral”. Tal contribuição, para aqueles protestantes, viria com o estudo e interpretação da Bíblia, uma vez que esses “incentivavam” as pessoas a serem “trabalhadoras” e “ordeiras”, que valorizassem a educação e a capacitação profissional, como formas de progredir socialmente e também no âmbito da virtude, o que, conforme a teologia batista, agradava a Deus.

Por terem esta postura, os batistas viviam de forma oposta à realidade de Três Lagoas, cidade povoada por muitos trabalhadores distanciados da família, prostitutas e

⁵⁰Ata nº 01 da Assembléia da Convenção Batista Mato-Grossense, 1948.

vendedores ambulantes, com índices de marginalidade muito elevados. Devido à ideologia da sua Igreja, os batistas apresentavam à cidade uma forma de viver baseada no “progresso” material e espiritual.

Represálias contra protestantes no Mato Grosso: o caso dos batistas

Como detalhamos no primeiro capítulo deste trabalho, com a proclamação da República no Brasil e a promulgação da constituição de 1891, ficaram determinadas a separação entre Igreja e Estado e a plena liberdade de culto a todas as pessoas e confissões religiosas em todo o território nacional.

Dessa forma, o catolicismo foi obrigado a se reestruturar para impedir que as igrejas protestantes se estabelecessem e conquistassem fiéis em mais localidades, conforme a lei permitia. Em Mato Grosso, a ação católica se manifestou por meio das atitudes do arcebispo Dom Francisco de Aquino Corrêa que, na década de 1920, fazia acusações de que o movimento protestante no Brasil servia ao imperialismo norte-americano. Interligar a expansão protestante ao imperialismo norte-americano foi então uma estratégia usada pelo arcebispo para burlar a legislação e tentar acabar com o protestantismo de missão. Para Dom Francisco de Aquino Corrêa, “o protestantismo americano estava invadindo o Brasil por todos os lados, do litoral ao âmago dos sertões” (VASCONCELOS, 2002, p. 133).

Os adeptos do protestantismo não permaneceram passivos e realizaram uma enorme manifestação com a finalidade de caracterizar a Igreja Católica como inimiga de todas as manifestações do liberalismo (VASCONCELOS, 2002, p. 133).

A retórica de Dom Aquino passou a se focar no discurso nacionalista: “Não é preciso ser católico para ajudar a Igreja na sua missão nacionalizadora. Basta ser brasileiro e patriota”. (CORRÊA apud VASCONCELOS, 2002, p. 139).

O discurso reprovatório de Dom Aquino não se limitaria à influência política e/ou religiosa da igreja protestante. Ele também fez críticas ao comportamento social dos evangélicos, retratando o matrimônio, o divórcio, o ensino (desde as escolas de ensino primário até as universidades) e o preconceito racial. Incrimina a América protestante por ser responsável pela exterminação à bala dos indígenas de suas terras, “esses mesmos índios, que o catolicismo amparou com dedicação por vezes heróica”. (CORRÊA apud VASCONCELOS, 2002, p. 140).

O pastor Philippe Landes respondia ao arcebispo Dom Aquino, através da publicação

de diversos artigos. “A religião não é uma qualidade inerente e constituinte da nacionalidade de um povo, mas é antes de tudo um elemento característico de toda a humanidade” (LANDES apud VASCONCELOS, 2002, p. 140-141). Landes insiste em afirmar que a religião ultrapassa as fronteiras nacionais, com o intuito de descaracterizar as afirmações de Dom Aquino, que categoricamente dizia que o Brasil era uma nação católica.

Landes frisa, que não é “justo julgar a política dos Estados Unidos pelas descabidas asserções de indivíduos exóticos ou pelos excepcionais e raros atos de injustiça praticados pelo governo americano” (LANDES apud VASCONCELOS, 2002, p. 141).

O pastor ainda defendia em seus discursos que o investimento de “avultosas somas no trabalho das missões evangélicas” em diferentes países tinha como objetivo acabar com as animosidades e instituir a paz entre países diferentes, e não a invasão ou ação imperialista de uma nação sobre outra. Ele confirmara ter retratado sobre a questão do analfabetismo, das doenças e das condições morais que existiam no território brasileiro, “como conseqüências funestas dos quatrocentos anos do domínio da Igreja Romana no nosso país” (LANDES apud VASCONCELOS, 2002, p. 141).

Com a Constituição republicana, os não-católicos haviam conquistado a liberdade legal para estabelecerem os seus templos, realizarem os seus cultos e promoverem propagandas para a conquista de fiéis. Aos católicos, que perderam pela legislação a exclusividade enquanto religião oficial do Estado, restava criar suas estratégias para impedir a expansão das outras religiões. A história nos mostra que a Igreja Católica, principalmente em território brasileiro, sempre esteve alerta para esta questão. Isso ficou muito claro nas iniciativas tomadas por Dom Aquino em Mato Grosso.

Em 1925, Sherwood se manifestou contra a pretensão do Presidente da Câmara dos Deputados no Distrito Federal no Rio de Janeiro, que propôs um projeto de lei tornando obrigatório o ensino religioso nas escolas públicas e privadas, mais exatamente o ensino da religião católica romana. A citada emenda não foi aprovada e o assunto foi deixado de lado pela Câmara Federal (NOGUEIRA, 2004, p. 66).

O catolicismo tentou de novo oficializar a Igreja Católica Romana como religião do Estado quando da elaboração da Constituição de 1934. Não conseguiu; porém, exerceu outras formas de pressões, como: instalar crucifixos nas câmaras municipais, estaduais e federal; a utilização de fundos públicos para erguimento de templos e catedrais; o esforço a favor da dedicação do Brasil ao sagrado coração de Jesus Cristo; estabelecimento de ligações diplomáticas com o Vaticano (REILY apud VASCONCELOS, 2002, p. 137). Na

visão protestante, o catolicismo estava ferindo a legislação que, em seu artigo 1º, previa:

É proibido à autoridade federal, assim com às dos estados federados, expedir leis, regulamentos ou administrativos, estabelecendo alguma religião, ou vedando a criar diferenças entre os habitantes do país, ou serviços sustentados à custa do orçamento, por motivo de crenças ou opiniões filosóficas ou religiosas (REILY apud VASCONCELOS, 2002, p. 137).

Nota-se nessa citação, a liberdade instituída abrangia as pessoas, igrejas, associações e institutos agremiados, “cabendo a todos o pleno direito de se constituírem e viverem coletivamente, segundo o seu credo e a sua disciplina, sem intervenção do poder político” (REILY apud VASCONCELOS, 2002, p. 137).

Os religiosos e políticos adeptos do catolicismo, preocupados em evitar a expansão protestante no Brasil, não se preocupavam em ferir diretamente a legislação federal. (VASCONCELOS, 2002, p. 137). Mas, é importante enfatizar que os batistas, como os demais protestantes presentes em Mato Grosso, foram também perseguidos no Estado por pessoas que as vezes nem eram adeptas do catolicismo.

O pastor Urbietta registra que já na década de 1910, nos primeiros anos de trabalho batista no MT, já houve perseguições: “os inimigos do Evangelho tropejavam apupos, vaias e injúrias contra nós”. (URBIETA, 1960, p. 27). Ainda, Urbietta frisa que esses “inimigos”, além dos fiéis da igreja católica, eram muitas vezes coronéis ou homens de influência na sociedade, que se sentiam contrariados pela liderança de pastores, ou ainda jagunços e criminosos que se incomodavam com a postura moralista dos batistas.

Segundo o pastor batista João Gregório Urbietta, em 1911:

Certa noite estávamos assistindo o culto em casa do Tenente Cunha Pontes, quando um grupo de homens posta-se em frente à casa. Reconheci no meio da chusma, as autoridades e os redatores do jornal onde eu trabalhava. Saí à rua e convidei-os a entrar- Não- disse-me o Promotor da Justiça, nós viemos aqui é para meter o pau nesse sujeito. E apontou para o pregador. (...) Um dia fui apedrejado na rua Antônio João e muitos dos meus amigos tornaram-se inimigos, mais rancorosos (...) (URBIETA, 1960, p. 25-26).

Há registro inclusive de um caso em que um membro da Igreja Batista em Mato Grosso foi procurado por um cavaleiro, no horário de culto, para ser assassinado. Conforme Urbietta, ele:

(...) dirigia culto num domingo à noite e um homem estava inquieto no

banco. Diversas vezes fez menção de se levantar mas aquietava-se novamente. Despedida a congregação, o cavalheiro continuava assentado, porém, impaciente. Fui cumprimentá-lo e êle disse-me:

- O senhor sabe o que vim fazer aqui?

- O senhor conhece a Rosalinda Pereira Braga?

- Conheço, ela é membro de nossa igreja.

- e o senhor conhece o João Buchura?

- Sim, senhor. Êle é também de nossa igreja.

- Ora, pois eu contratei casamento com a Rosalinda e combinamos em eu ir à fazenda preparar a casa e depois voltaria neste mês para marcarmos o dia do casamento. Fui, arrumei tudo e voltei no prazo marcado e eis que a encontro de casamento tratado com o João Buchura. Eu vim prevenido para os matar e o meu cavalo está ali do outro lado do rio, prontinho para eu me escapular, mas, diante do que eu ouvi esta noite na sua pregação, eu desisti do meu intento.

Dei-lhe os meus parabéns, os meus conselhos e nunca mais o vi. Foi o poder do evangelho, que evitou uma catástrofe (URBIETA, 1960, p.45).

Além da perseguição aos adeptos do protestantismo, também houve casos de templos batistas destruídos, como por exemplo, de Aquidauana o qual sofreu um início de incêndio numa noite de culto, no final da década de 1910 (URBIETA, 1960, p. 45- 46).

Como já afirmamos, as perseguições nem sempre se davam por intolerância religiosa, mas por disputa de poder, em um Estado que se encontrava liderado por muitos coronéis e bandidos. Esse período da história do Mato Grosso é marcado pela violência, característica do sistema colonial de exploração dos recursos naturais (CORRÊA, 1995, p. 16).

A Igreja Batista em Mato Grosso vivenciou o período em que o Estado se encontrava nas mãos dos grandes senhores de “Baraço e Cutelo”, que foram os responsáveis por impor à sociedade a condição de um povo armado perante a violência política. A cultura armamentista se transformou em uma atividade econômica em resposta a uma postura política. O coronelismo guerreiro gerava o que Corrêa classifica como banditismo endêmico. Tanto no Norte quanto no Sul de Mato Grosso a luta armada esteve totalmente presente e controlada por uma oligarquia nortista e de Cuiabá, durante a República Velha, a república dos coronéis. A relação de coronéis e bandidos no período republicano apresentou características definidas em duas fases acabadas entre as décadas de 1930 e 1940 (CORRÊA, 1995, p. 16-17).

A violência política no Estado era resultante do processo histórico, recheado de elementos de conflito como a guerra com o Paraguai e as repercussões da invasão no território mato-grossense, e as conseqüências políticas e sociais da passagem do regime monárquico para o republicano. Esse momento histórico permitiu o acirramento das

disputas em busca de legitimidade de poder a nível local e também estadual (CORRÊA, 1995, p. 18).

Mas nem todas as igrejas batistas do Estado enfrentaram represálias. A Igreja Batista em Rio Verde, por exemplo, desfrutou de grande paz durante o seu estabelecimento e expansão, devido a dois fatores. O primeiro está relacionado à imensa participação de seus adeptos na sociedade: na cidade as escolas públicas eram precárias, e o único professor que se dispunha a ir dar aulas particulares do ensino básico às crianças e jovens era batista. Quando do loteamento das quadras e fundação das ruas da cidade, alguns membros da igreja batista ajudaram no trabalho de agrimensura dos funcionários do governo. Além disso, os representantes do catolicismo em Rio Verde eram da Missão Salesiana, que, devido às dificuldades de locomoção, vinha apenas esporadicamente à localidade para dar assistência à pequena capela católica (atual Catedral de Nossa Senhora Auxiliadora). Na realidade, a principal agressão aos adeptos da Igreja Batista da referida cidade veio de baixo: “das pulgas e percevejos alojados nos bancos da igreja de pau-a-pique” (GASPARINI, 2004).

No Estado, os batistas não deixavam de evangelizar e fundar igrejas mesmo com as perseguições que enfrentavam, e diversas vezes adquiriam propriedades para realizar a expansão da missão batista em Mato Grosso.

Machismo como obstáculo na pregação batista no Mato Grosso

As mulheres batistas em Mato Grosso conquistaram espaços no trabalho evangélico, galgando degraus especialmente na área de educação em séries iniciais e na área da saúde. Contudo, nos primeiros anos elas sofreram sanções por parte de certas lideranças, em especial do missionário Sherwood.

Na ideologia Batista, as mulheres têm tanto direito quanto os homens e devem ser respeitadas, pois, com seus maridos, elas formam o alicerce das famílias, sendo as principais responsáveis pela educação de homens e mulheres de bem. Elas têm também direito de trabalhar fora de casa, se fosse necessário ou desejassem, e são importantes na evangelização e dentro da Igreja assim como na sociedade em geral.

Contudo, no caso do Mato Grosso, durante os primeiros anos de trabalho batista as mulheres sofreram muito preconceito, mesmo quando trabalhavam na comunidade exclusivamente em prol da igreja. Seus esposos não queriam que suas companheiras saíssem de casa e ganhassem notoriedade do espaço público.

Segundo Nogueira (2004, p. 78), a missionária Ana Wollerman denunciou a discriminação que o missionário Sherwood tinha ativado contra as mulheres no Mato Grosso. Wollerman não aceitou o fato de as mulheres serem obrigadas a fazer suas orações numa sala nos fundos da igreja, de modo a ceder espaço para os homens no salão principal do templo.

Na visão de Sherwood, as mulheres batistas não podiam cortar os cabelos. Certa vez, uma senhora da Igreja Batista que quebrou o braço e não conseguia pentear o cabelo comprido, cortou seu cabelo, sendo por isso, excluída da Igreja. As mulheres precisavam se desfazer de todas as suas jóias e objetos de ornamentação ao se tornarem membros da igreja. A vestimenta permitida consistia em saias compridas e blusas com manga.

A missionária Ana Wollerman, em meio a essa situação, buscou em primeiro lugar amparar este grupo de senhoras, que mais tarde se organizou através da União Feminina Missionária Batista de Mato Grosso. Com o passar dos tempos, muitas dessas restrições, especialmente no que diz respeito aos usos e costumes, foram extintas, como por exemplo, as mulheres usarem saias compridas, blusas com mangas, cabelos longos, entre outras (NOGUEIRA, 2004, p. 78-79).

A defesa dos direitos das mulheres foi uma herança que Ana Wollerman trouxe da cultura estadunidense. A luta das mulheres por meio da manifestação feminista criou em todo o mundo opositores severos à inclusão da mulher em quaisquer atividades, fosse do saber, profissional, entre outras. É possível que na formação religiosa o pastor Sherwood tenha recebido esta orientação repressora, o que justificaria o fato de sua esposa não ser mencionada em nenhuma viagem ou atividade eclesiástica, tendo somente a função de cuidar dos filhos e da casa (SCOTT apud NOGUEIRA, 2004, p. 78).

Conforme Maria Abádia da Silva, as mulheres brasileiras tiveram de vencer os obstáculos e transgredir regras e normas determinadas pelo catolicismo, pelos governos e pelos políticos para terem o direito de acesso à educação escolar. Os pais não aceitavam que suas filhas fossem à escola e quando aceitavam, procuravam as congregações religiosas na convicção de que suas filhas seriam educadas na doutrina do cristianismo e nos bons costumes. As congregações religiosas no país colocavam em prática a doutrina cristã da Igreja Católica e implantaram suas instituições escolares, onde ofereciam cursos e aulas para meninas e meninos (SILVA, 2005, p. 45).

Desde o período colonial no Brasil, as mulheres enfrentaram discriminações da Igreja Católica. Durante o século XIX, em todas as escolas era totalmente proibida a inclusão de crianças negras, mesmo livres. Também, em algumas regiões do país, as

mulheres – de qualquer cor – foram proibidas de freqüentarem as escolas (FILHO apud SILVA, 2005, p. 47). No Brasil, quando não existiam escolas formais, a educação se dava nos sermões dos padres na missa dominical, por intermédio das normas de comportamento social, pelas palavras dos coronéis, na realidade pronunciada pela boca de um juiz ou pelo bispo. A educação também ocorria nas famílias, nos trabalhos diários dos trabalhadores, nas rebeliões, nas fugas, nos rituais e nas festas religiosas, nas tentativas de organização dos trabalhadores, nos movimentos populares e culturais (SILVA, 2005, p. 47).

A denominação batista buscava oferecer às mulheres oportunidades de educação, para que pudessem também compor a mão-de-obra qualificada tanto para o mercado de trabalho quanto para a atuação na sociedade civil e na obra missionária.

No Mato Grosso houve mulheres convertidas, mas estas eram proibidas de freqüentar a Igreja Batista por decisão de seus esposos “perigosos”, os quais juravam-nas de morte se caso se batizassem na denominação evangélica. Um exemplo pode ser mencionado, como o da Dona Graciana que residia num vilarejo conhecido como Divisa. Ela foi jurada de morte pelo seu marido Beló caso se batizasse. Mesmo assim, Graciana desobedeceu seu esposo:

(...) eu já sou crente e quero me batizar, mas o Beló já disse que se eu me batizar ele me mata. Quando ele fala assim faz mesmo, porque é muito malvado, mas eu prefiro morrer obedecendo a Jesus a viver em desobediência. Se o senhor, está pronto a me batizar assim mesmo, eu também estou pronta... (URBIETA, 1960, p. 63).

Com o passar do tempo, a batista Graciana conseguiu que seu esposo se convertesse à denominação Batista, o que gerou muito comentário na comunidade:

Muitos diziam: “Não vamos assistir à reunião de Gregório, porque ele faz uma oração que a gente vira mesmo! Não tão vendo o Beló? Quem diria!” (URBIETA, 1960, p. 63).

Muitas mulheres batistas, que eram também donas-de-casa participaram no desenvolvimento da Igreja Batista em Três Lagoas, como por exemplo, nas pregações bíblicas, nos trabalhos braçais, no auxílio financeiro por meio dos dízimos e ofertas, nas visitas de membros, na conversão de pessoas, entre outros.

A missionária Ana Wollerman dirigiu muitas reuniões da Convenção Batista de Mato Grosso, especialmente em Três Lagoas quando desafiou os batistas do Estado a se engajarem na fundação de escolas, igrejas, hospitais e orfanatos.

Gostaríamos de destacar que os principais personagens mencionados neste capítulo foram as lideranças das igrejas batistas do Estado entre as décadas de 1910 e 1940, mas que não foram os únicos responsáveis pelo crescimento da Igreja Batista no Estado. Pelo contrário, precisamos enfatizar a importância dos servidores anônimos que são a base dessa congregação religiosa. Graças à atuação dos primeiros membros foram realizadas campanhas para arrecadação de recursos para fundação de obras beneficentes, não só no Estado como em outras regiões do Brasil.

No Estado de Mato Grosso, à época, as mulheres e os jovens formavam grupos sociais que não contavam com políticas públicas para sua promoção pessoal e profissional. Essas pessoas encontravam na igreja uma instância que lhes trouxe destaque social frente à comunidade.

No caso específico de Três Lagoas também houve uma importante atuação dos leigos. Foram os membros da Igreja Batista de Corumbá, que se mudaram para Três Lagoas, onde começaram a fazer reuniões e organizaram a congregação. Esses “anônimos” missionários foram os que se interessaram pelo “campo” de Três Lagoas. Foi também devido a esses personagens que a Igreja foi fundada e reformada fisicamente ao longo dos anos.

No próximo capítulo, abordaremos com mais profundidade e com mais detalhes a história da Igreja Batista em Três Lagoas e como, à semelhança do trabalho no Estado, ela exerceu influência no setor da educação, saúde e cidadania do povo três-lagoense, contribuindo assim na promoção do desenvolvimento da cidade.

FUNDAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DA IGREJA BATISTA NA CIDADE DE TRÊS LAGOAS

Neste capítulo trato da fundação e do desenvolvimento da Igreja Batista na cidade de Três Lagoas. Na primeira parte, apresento um breve histórico da cidade e o início das atividades da primeira congregação protestante no lugar, a congregação batista. Na segunda parte, abordo a relação dos batistas com os católicos da cidade e, num terceiro momento, aponto a contribuição social desses protestantes para o desenvolvimento de Três Lagoas.

Breve histórico de Três Lagoas e a instalação dos primeiros batistas na cidade

É importante frisar que a região onde veio a se fundar a cidade de Três Lagoas era habitada por diversos povos indígenas, como os Kaiowá e os Ofaié⁵¹, que se adaptaram ao tipo de solo, vegetação e clima do lugar. A vegetação de Cerrado predominava a paisagem, sendo intercalada por faixas de Mata Atlântica que margeavam o Rio Paraná. Durante o século XVIII, os bandeirantes cruzaram a região, matando e escravizando parte da população indígena.⁵² Em 1829, João da Silva Machado, o Barão de Antonina, enviou uma expedição exploratória que veio do Paraná ao Sul do Mato Grosso, com o objetivo de expandir os campos para pastagens e pecuária, as propriedades do Barão e os caminhos então existentes. O chefe da expedição, Joaquim Francisco Lopes, atravessou o Rio Paraná e fez contato com grupos indígenas, entre os quais estavam os kaiowá, que foram considerados de “boa índole” (ELLIOT, 1856, p. 434). O viajante descreve o grupo “Cayuaz”,⁵³ como “numerosíssima nação refugiada nas vastas matas da margem direita do

⁵¹ Os Ofaié é um grupo da família Macro – Jê. Esses são descendentes das civilizações do Chaco, na Bolívia. Constituíam – se caçadores, pescadores e coletores, eram nômades nas terras as quais se encontram o rio Paraná e a Serra de Maracaju, limitando – se ao norte por volta da latitude do rio Sucuriú.

⁵² Cf. a respeito os documentos publicados por Jaime Cortesão (1952).

⁵³ Brand (1993, p. 43) e outros incluem na trajetória dos povos Kaiowá e Guarani o relato de Nimuendaju (1987, p. 12-3), de que entre 1890-92 teria sido “demarcada” [no original: “fundada”] uma colônia para os Guarani “à margem direita do rio Dourados” [no original: “na desembocadura do rio Dourados no Tietê”], com a direção do missionário capucino Frei Sabino. Nimuendaju, no entanto, parece referir-se aos grupos Apapokuva, em plena mobilidade pela região. Mesmo quando Nimuendaju (1987, p. 11, nota 4) se refere a “Cayuás”, provavelmente ele usa o termo de forma genérica. Observe-se, nesse sentido, sua nota explicativa: “Em 1862, contavam-se no território indígena do rio Verde quatrocentos e setenta e oito 'Cayuás' - na sua maioria, provavelmente, Oguauíva”, que era um grupo dentro do Apapokuva. Mas, na mesma nota, Nimuendaju usa o termo homônimo “Kayguá”, para indicar um grupo particular. Observe-se: “Em 1912,

grande Paraná” (ELLIOT, 1900, p. 45). Precisando, Elliot situa o paradeiro dos kaiowá nas “matas que se estendem desde o rio Iguatemi até o Ivinhema ou Iguary, e desde os campos de Xerez até o grande Paraná”.

Povos da tribo Ofaié ocupavam toda a região situada entre o Rio Sucuriú e o Rio Paranaíba. Segundo Dutra (1996), os colonizadores mantiveram uma distância desses ameríndios. Durante a década de 1840, Joaquim Francisco Lopes explorou novamente a região Sul do então Mato Grosso, reencontrando os Ofaiés nas cabeceiras dos rios Negro, Aquiduaana e Taboco, afluentes do rio Paraguai.

Nos anos seguintes, Januário Garcia Leal, José Garcia Leal, João Pedro Garcia Leal, Joaquim Garcia Leal e seus outros irmãos, com suas respectivas famílias, empregados e escravos, ocuparam a região de Três Lagoas. Os Garcia Leal e seus agregados criaram o arraial de Sete Fogos, hoje Paranaíba. Esses e outros pecuaristas passaram a viver nos arredores do rio Paranaíba (SOUZA MIRANDA, 2003).

Em meados do século XIX, mais pecuaristas atravessavam o Rio Paraná, fixando-se no centro e no oeste do Estado de Mato Grosso e valeram-se do trabalho – considerado escravo por alguns estudiosos – dos ameríndios, perseguindo àqueles que não se submetiam. Os Ofaié, considerados nômades, afastaram-se da região onde se encontra o rio Sucuriú e o Rio Paraná, refugiando-se ao Sul e ao Leste, onde atualmente se encontra o município de Brasilândia. Assim sendo, os indígenas Ofaié também se distanciaram da região de Três Lagoas, para evitar confrontos com os “brancos”. Quando iniciou-se a implantação da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, NOB, em Três Lagoas, já faziam dois anos que os Ofaié tinham abandonado o local onde se ergueu a cidade (DUTRA, 1996).

No ano de 1914 o trecho da estrada de ferro que liga Bauru às margens do Rio Paraná fica pronto e é criado o Distrito de Paz de Três Lagoas. Em 15 de junho de 1915, a Legislação Estadual nº. 706, transforma a terra de Antônio Trajano dos Santos em Vila de Três Lagoas pertencente à Comarca de Santana do Paranaíba. Três Lagoas se torna Comarca em 27 de Dezembro de 1916, por ordem do Presidente do Estado, o governador Dr. Manoel Escolástico Virgíneo. A recém criada Comarca toma parte do município de Campo Grande e questões políticas decorrentes disso levaram o governo federal intervir e invalidar o decreto de criação da Comarca. No governo de Dom Aquino Corrêa, o decreto de criação da Comarca foi reconhecido, no dia 17 de Junho de 1918 (LEVORATO, 1998, p. 23-24). No dia 19 de Outubro de 1920, a Vila de Três Lagoas foi elevada para categoria

quando executei sua transferência ... estavam muito mesclados com elementos Apapocúva, um pouco com Kayguá”.

de município.

Conforme Cattanio (1976), a ocupação da região de Três Lagoas se deu em duas etapas. A primeira está relacionada a pecuaristas. Entre esses colonizadores, está o pecuarista Antonio Trajano dos Santos, que no começo do século XX se instala na região.⁵⁴

A segunda etapa da ocupação de Três Lagoas se relaciona com a chegada da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil (NOB), pois foi a partir da construção da ferrovia que houve o surgimento do núcleo urbano e sua expansão, gradualmente passando de Distrito, a Vila, a Comarca e a Município.

Os investimentos no setor industrial, em especial a indústria de base, ocasionaram a expansão dos centros urbanos situados perto da faixa litorânea brasileira. No interior do país, houve uma crescente urbanização dos municípios. Com o crescimento das cidades e a diminuição da população rural, um novo padrão de produção de alimentos se fez necessário, sendo este um dos fatores que impulsionou a “conquista” do Oeste “como um movimento natural” em busca de mais terras para lavouras e pecuária (LENHARO, 1986, p. 18).

A pesar de ser um projeto do governo federal, a Ferrovia NOB foi financiada por capital francês e belga, num período em que os grupos europeus tinham grande interesse econômico no Estado do Mato Grosso. A região de Três Lagoas e Campo Grande produzia muito gado de corte. A Ferrovia Noroeste do Brasil transportava o gado gordo para o “Frigorífico de Osasco” em São Paulo. Ela também facilitava as exportações de carne bovina para o exterior (ALVES, 1984, p. 69).

É importante salientar que a construção da NOB não promoveu apenas impulso para a criação de novos municípios, a facilitação do comércio e da exportação de produtos do MT e o incremento da produtividade de diversos setores econômicos do Estado. Como salientam vários autores, a estrada de ferro “se por um lado trouxe progresso e civilização, por outro trouxe dor, sofrimentos, mortes e extermínios de muitos índios” (BERNARDES, SOUZA e FARIAS, 2002, p. 16).

No que se refere a Três Lagoas, se não fosse a criação da NOB, a cidade provavelmente não existiria, ou ainda, teria hoje um centro urbano muito menos desenvolvido. Aquela que Cattanio considera a segunda fase da ocupação de Três Lagoas, em que há a criação da vila e o desenvolvimento urbano, só aconteceu graças à construção da ferrovia – cujas linhas vieram a passar pela região da fazenda de Antônio Trajano dos

⁵⁴Trajano dos Santos é visto na historiografia tradicional como o fundador da cidade por ter – no ano de 1915 – doado parte da sua fazenda para a edificação da capela de Santo Antonio e a nascente vila.

Santos apenas porque era o melhor lugar para se construir a ponte sobre o rio Paraná.

Levorato comenta que os operários da NOB deveriam ter montado acampamento à beira do rio Paraná. Contudo, com medo de serem contagiados pela malária, os trabalhadores se afastaram das margens do rio e, “conquistados pela paisagem mato-grossense”, decidiram acampar em volta de uma lagoa – a maior de três. Assim começa a história de Três Lagoas, terra de solo arenoso, topografia plana, falta de forte vegetação e de ventos, que, por estes aspectos, oferecia um ambiente muito mais saudável do que as margens do rio Paraná.

Por volta do ano de 1909 as primeiras casas de madeira foram construídas ao lado do acampamento dos engenheiros da NOB, às margens da lagoa maior. Em 1910 a estrada de ferro passou por Três Lagoas e, a partir de 1911, o acampamento localizado às margens da lagoa maior foi crescendo. Os recursos naturais que o local disponibilizava incentivavam o surgimento de outras moradias, sempre em torno da lagoa, alicerçando definitivamente o novo povoamento.

A localidade onde foram construídas oficinas de reparos da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil recebeu o nome de “Formigueiro” e, até hoje, essas oficinas fazem parte da paisagem urbana (LEVORATO, 1998, p. 23-26). Cattanio (1976), sustenta a tese de que o “formigueiro” foi o embrião, a primeira etapa da expansão espacial da cidade Três Lagoas.

Ainda em 1911, as obras da ferrovia terminavam na região e foi inaugurada a estação ferroviária no local. Esse fato fez com que se transferisse o equipamento urbano que se organizou em torno do acampamento dos trabalhadores para os arredores da estação, longe de onde estavam anteriormente (LEVORATO, 1998, p. 23-26).

Três lagoas foi a primeira localidade no Estado de Mato Grosso a possuir uma via de comunicação terrestre perene, que a ligava com São Paulo, principal praça de compra e venda de produtos do país (CATTANIO, 1976, p. 15). No território três-lagoense, as terras valorizaram-se pela estrada de ferro, que incrementava o mercado interno do gado e fomentava o comércio em geral (SILVEIRA, 2000, p. 11).

A criação da Estação Ferroviária de Três Lagoas não só valorizou a produção e a propriedade da terra como também modificou profundamente a vida urbana. A maior concentração do comércio da crescente vila se deslocou do formigueiro para a Estação - onde se formou o atual centro da cidade (CATTANIO, 1976, p. 97-99).

O desenvolvimento do município foi muito rápido. O coreto, o Jardim Público e as amplas avenidas representavam o crescimento e a modernização da cidade (MENDONÇA,

1991, p. 102, 115).

À essa época o município de Três Lagoas que surgiu como uma cidade pequena, com a capacidade para abrigar somente os ferroviários, já atraía muitos brasileiros de vários estados e também estrangeiros. Desta forma, em 1920, em Três Lagoas existiam muitas pessoas com variadas profissões, como ferroviários, trabalhadores rurais (peão e lenhador), farmacêuticos, jornalistas, médicos, advogados, comerciantes, entre outros (MENDONÇA, 1991, p. 86).

Muitas pessoas tornaram-se comerciantes prósperos, que comercializavam carnes e diversos gêneros alimentícios, utensílios, calçados, roupas, ferragens, sal grosso, cereais e bebidas nacionais e estrangeiras. Ainda na década de 1920, Três Lagoas tinha sete hotéis, os melhores tinham garagem para automóveis e pastos para os animais. As farmácias, bares, hotéis, armazéns foram as atividades que mais deram lucros aos investidores. Alguns trabalhadores de Três Lagoas se enriqueceram vendendo em escritórios na Praça da Sé, em São Paulo, produtos do sertão como crinas, couros, unhas, chifres, graxas, charques, entre outros (MENDONÇA, 1991, p. 149).

Cattanio explica que graças à ferrovia, Três Lagoas especializou-se na área de hotelaria, o que também beneficiou o setor comercial. Isso porque a travessia do Rio Paraná era realizada por balsas, e os trens de passageiros eram obrigados pernoitar em Três Lagoas (CATTANIO, 1976, p. 99).

A importância da NOB é inegável tanto no que se refere ao surgimento quando ao crescimento da cidade de Três Lagoas. Praticamente, tudo girava em volta da estação ferroviária, pois até o cortejo fúnebre se dirigia a estação; local onde a urna mortuária era depositada no carro bagagem e os acompanhantes se locomoviam em dois carros de passageiros (BERNARDES, SOUZA e FARIAS, 2002, p. 26).

Mendonça afirma que até 1927, quando houve o término da ponte Francisco de Sá sobre o Rio Paraná, havia maior manifestação de população flutuante, vendedores mascates, pessoas interessadas no crescimento econômico da cidade e no rendimento possível pelo atendimento dos hóspedes que ali estavam graças à NOB. O ânimo na economia gerava uma vida alegre e fácil. Havia uma razoável concentração populacional, dois cinemas, bares, cabarés, casas de jogos, e uma pequena quantidade de pessoas nos cultos. Nesse ínterim, caberia aos homens uma moral baseada na tríade família, bordel e botequim, numa contradição entre o sagrado e o profano (MENDONÇA, 1991, p. 95, 98).

Silveira (2000), afirma que, conforme os anos foram-se passando, a influência da NOB em Três Lagoas foi diminuindo, dando lugar de destaque a outra obra: a construção

da barragem. Mas, sempre foram elas - as obras, realizadas pelo governo federal e financiadas com capital externo - que deram o impulso necessário para o povoamento do local. Contudo, no imaginário três-lagoense, permanece a NOB como a pedra fundamental da cidade, como pode se ver neste depoimento: “A própria história do município está relacionada com a estrada de ferro (...), os funcionários da rede ferroviária vieram como colonos e assim foi surgindo a cidade de Três Lagoas”⁵⁵.

Na década de 1920, o desenvolvimento de Três Lagoas se observa na construção de boas casas de materiais que substituíam as casas de tábua, nos belos quintais arborizados com mangueiras, laranjeiras, cajueiros e abacateiros, o que embelezava o município, que passou a ser sombreado e mais habitável (MENDONÇA, 1991, p. 95).

Cabe ressaltar que toda a região do Centro Oeste tinha uma baixa densidade demográfica, inclusive Três Lagoas, se comparada com outras cidades do país, especialmente as litorâneas (MERCANTE apud MENDONÇA, 1991, p. 145, 146).

Como em toda região Centro Oeste, o começo da cidade de Três Lagoas foi desordenado; e, como em todo o interior do Brasil, a prosperidade do município se media pela presença e quantidade de prédios oficiais. Para Mendonça, a estação ferroviária e a capela de Santo Antônio são considerados os marcos pioneiros, os espaços dos domínios político e religioso (1991, p. 115). Mendonça frisa que, como é característica da América Latina até o século XIX, a Igreja Católica jamais poderia estar ausente da comunidade emergente. No caso de Três Lagoas, já no século XX, ao lado dos prédios oficiais, erguia-se a Igreja Católica. Bordéis, bares, hotéis e armazéns completavam o cenário. Havia uma clara divisão na população. Gente agitada, estilada e sempre pronta para brigar por qualquer assunto é o que ficou escrito sobre os ambulantes, do pessoal que se encontrava em trânsito pela cidade. Esses coexistiam com pacatos cidadãos, freqüentadores do culto, de atividades sociais, festividades beneficentes e culturais. De um lado, os agitados; de outro, os ordeiros. Cada setor com seus lugares de encontro, espaços de oração, civismo, trabalho, lazer e ócio (MENDONÇA, 1991, p. 95-98).

O aumento do fluxo de pessoas que chegavam a Três Lagoas nas primeiras décadas do município promoveu uma maior propensão aos crimes e delitos na cidade. Mendonça (1991, p. 421), afirma que entre os anos de 1921-25 e 1931-35 houve uma grande quantidade de homicídios. Nos anos - 1926-30 e 1941-45 - em que houve grande quantidade de roubos e poucos casos de homicídio. Embora a autora não apresente dados precisos para tais afirmações, é possível dizer que os homicídios ocorreram mais nas fases

⁵⁵ Entrevistado: João Luiz da Silva. Data 8 de setembro de 2003.

de prosperidade e de grande fluxo de pessoas, enquanto os roubos e furtos são característicos das fases de crise política e econômica.

Entre 1921 e 1926 aumentou a presença de lavradores na cidade, permanecendo significativa o número de ferroviários e comerciantes. A novidade nesta segunda etapa de vida da comunidade três-lagoense foi o significativo número de mulheres “domésticas”, de militares, fazendeiros, trabalhadores rurais e funcionários públicos. Também, as atividades relacionadas a serviços urbanos, que estiveram praticamente em falta nos primeiros cinco anos, traduziam, o que é óbvio, a formação urbana. Assim sendo, no início da década de 1920, o tipógrafo, açougueiro, músico, costureira, hoteleiro, padeiro, todos eles preencheram o crisol humano (MENDONÇA, 1991, p. 420).

No período de 1927-32 a população se estabilizou, mantendo em destaque as atividades de ferroviários, lavradores, militares, comerciantes, domésticas e funcionários públicos. Após 1931, novas profissões urbanas apareceram, algumas muito significativas, como por exemplo, a de motorista. Neste tempo, o carro passava a circular nesta região, que antes era somente cerrado. Entre 1933-38 o número de lavradores cresce, tomando o espaço de destaque quantitativo no mercado de trabalho, que antes era dos comerciantes e ferroviários. Apenas em 1944 surge a profissão de guarda-noturno, o que resultou da onda de assaltos à época (MENDONÇA, 1991, p. 421).

Ainda em fins da década de 1930, os negócios de criação de gado e agricultura eram beneficiados pelo transporte disponibilizado por meio da NOB, permitindo o crescimento da população e do número de trabalhadores rurais, tanto em Três Lagoas quanto em seus distritos, como: Água Clara, Garcias, Vestia, Xavantina, e Alto Sucuriú (CATTANIO, 1976, p. 15).

Em torno da cidade de Três Lagoas, o comércio atacadista, “o alto comércio”, as casas fornecedoras de gêneros de primeira necessidade, a rede de serviços, a feira de gado, o mercado, a mesa de rendas, a estação de viação férrea, as praças e igrejas eram todos pontos de fluxo (MENDONÇA, 1991, p. 100).

Pelegrina (2000, p. 41), frisa que até 1947, as principais fontes de capital de giro de Três Lagoas eram a pecuária, a estrada de ferro e a guarnição militar. O comércio, mesmo pequeno, favorecia a uma enorme região, mas de pequena densidade demográfica. A prefeitura pouco tinha a oferecer, a não ser zelar as ruas, capinando o mato. Pelegrina não deixou de admirar o crescimento de Três Lagoas: “Depois de quarenta e cinco anos, volto à cidade e, ao vê-la com tanta pujança, exclamo:- Três Lagoas quem te viu quem te vê!”.

Em 1920 chegaram os primeiros protestantes batistas à cidade, sendo eles

Austecclínio de Abreu, José Augusto Deluiz e Horácio Kneip Ladeira, vindos de Corumbá. O primeiro culto batista oficialmente realizado em Três Lagoas aconteceu no dia 1º de agosto, nas dependências da leiteria do senhor Tônico Teodoro, um dos primeiros convertidos do município⁵⁶. A leiteria ficava localizada no meio rural, perto do Cemitério Santo Antônio.

Como geralmente acontece nesse grupo protestante, a não existência de um templo não foi um problema. Isso fica bem exposto nas palavras de um de seus pastores: “os Batistas tem essa natureza, antes que alguém mande fundar uma igreja em uma determinada cidade, as próprias famílias fundam, pois aonde vai um batista nasce uma Igreja Batista”⁵⁷.

Por não haver nenhum missionário nem pastor no município estas famílias mantiveram o culto doméstico. Os batistas vindos de Corumbá convidavam a população de Três Lagoas a participar do culto, tendo algumas adesões.

É importante frisar que na época já atuavam na região a Igreja Católica e outras agremiações religiosas, como os espíritas, que tinham muitos adeptos (SILVEIRA, 2000). Por isso, a Igreja Batista não teve grande crescimento logo nos seus primeiros anos.

Mesmo assim, os batistas recém chegados, ainda no ano de 1920, fundaram a Congregação Missionária no centro da cidade. Esta foi a primeira instituição protestante de Três Lagoas. A mudança do interior para as proximidades da Estação Ferroviária, significou se afastar do bairro “Formigueiro”, praticamente o único bairro residencial da cidade. Apesar de se distanciar da residência dos moradores de Três Lagoas, a Congregação Missionária tinha um objetivo estratégico de se aproximar do grande número de trabalhadores da NOB, dos comerciantes e da Igreja Católica, principal opositora da Igreja Batista no local.

A congregação batista passou a ser Igreja Batista de Três Lagoas com o apoio do missionário W.B. Sherwood, em 1923, durante a primeira viagem do missionário ao local. Ele, durante sua viagem, animava e fortalecia a comunidade e realizava os batismos. Mas não podia se demorar em Três Lagoas, pois devia cumprir a mesma tarefa em diversos municípios de Mato Grosso (NOGUEIRA, 2004, p. 65).

Quando o missionário Sherwood se ausentava de Três Lagoas, os membros da igreja batista local assumiam as responsabilidades pelos cultos. Antônio José Deluiz, de uma das famílias fundadoras da congregação, foi um desses membros que ficava à frente

⁵⁶Primeira Igreja Batista é a pioneira em Três Lagoas. *Boas Novas*. 1ª Quinzena de 2002, ano II, N. 19, p. 3.

⁵⁷ Entrevistado: João Luiz da Silva. Data: 8 de setembro de 2003.

dos trabalhos. Ele contava com a ajuda dos batistas Horácio Ladeira e Austeclínio de Abreu. O missionário Sherwood foi um líder cauteloso, principalmente no ensino das práticas cristãs que podiam ter repercussão social e no que dizia respeito ao relacionamento com a igreja católica. Na opinião dos pastores de hoje, seu trabalho foi sólido e proveitoso. (NOGUEIRA, 2004, p. 59- 60).

Em 1924, o missionário Sherwood, auxiliado pelo Coronel Antonio Ernesto da Silva, batista vindo de Corumbá, convidou a população da cidade para assistir ao batismo de imersão na maior lagoa da cidade. Na ocasião, ele não só realizou o batismo dos catecúmenos, mas também conclamou a participar dos cultos todos aqueles que estivessem dispostos a aceitar um novo tipo de cristianismo. Os batizados foram: Aristides Silva, Anália Ambrosina Viterbo, Anátalia de Oliveira, Fé Ambrosina de Andrade, Francisca Deluiz, Júlio Colinos, Laura Alves Pereira, Manoel Gomes, Maria Amaro Dabius Deluiz, Maria Filgueira de Jesus, Nominanda de Oliveira e Virgulina Soares⁵⁸.

Após o batismo feito na Lagoa em 1924, a Igreja Batista de Três Lagoas passou a contar com 22 membros atuantes. Para ter uma melhor organização em seu setor administrativo foi formada uma diretoria⁵⁹. A primeira direção eleita foi: Presidente: Missionário Sherwood; Secretário: José Augusto Deluiz; Tesoureiro: Horácio Kneip Ladeira e Diretor da Escola Bíblica Dominical:⁶⁰ Austeclínio de Abreu⁶¹.

O local onde Sherwood praticou o primeiro batismo de imersão é considerado o mais antigo e o mais conhecido cartão-postal da cidade, justamente a “Lagoa Maior”, onde foram levantadas as primeiras barracas dos trabalhadores que vieram construir a NOB (LEVORATO, 1998, p. 26).

O pastor batista Jonathan de Oliveira, que nasceu no ano de 1927, ouviu durante a infância vários relatos do ato religioso na Lagoa Maior e sua grande repercussão, no sentido de dar visibilidade à Igreja Batista e despertar o interesse das pessoas pela mensagem pregada, levando algumas à conversão. O pastor afirma que: “ficamos muito gratos à Lagoa, porque ela deu muito o que falar”.

No mesmo ano de 1924, quando os eventos da Igreja Batista começam a ter mais aceitação e a repercutir mais na cidade, a Igreja Católica passa a atuar de forma mais

⁵⁸Primeira Igreja Batista é a pioneira em Três Lagoas. *Boas Novas*. 1ª Quinzena de 2002, ano II, N. 19, p. 3.

⁵⁹Apesar de a diretoria ser composta apenas por homens, percebemos que a maior parte dos membros era composta por mulheres, o que reflete um certo machismo, não só do meio batista, mas da sociedade em geral, que, na época, muito raramente delegava cargos de liderança para as mulheres.

⁶⁰A Escola Bíblica Dominical é até hoje uma iniciativa das igrejas para ensinar a Bíblia e a doutrina aos membros e simpatizantes das comunidades.

⁶¹Ibidem.

enérgica, para frear o crescimento da concorrente. Ela mostra seu poder com a realização de casamentos, batizados e quermesses com muita comida e bebida. Associando à realização das festas religiosas - como a inauguração do cruzeiro, as procissões e missas -, “divertimentos, jogos, fogos de artifícios, corridas de cavalos, cinema, circo de cavalinhos, etc (...) tudo sobre o controle da família Garcia” (MENDONÇA, 1991, p. 367)⁶².

Frisamos novamente que, na grande maioria das cidades brasileiras, a Igreja Católica é a primeira instituição a ser erguida no município, geralmente em locais privilegiados, tornando-se o centro da cidade. Isso se deu também em Três Lagoas, onde o catolicismo já estava presente muito antes da emancipação política. “Nem existia a cidade, a Igreja Católica já se fazia presente” (SILVEIRA, 2000, p. 11).

A Igreja Batista, ao contrário da Católica, condenava o uso de espaço público, como as praças, para construção de prédios religiosos. No ano de 1924, o missionário batista norte-americano W. B. Sherwood recusou a doação de um terreno oferecido pelo intendente Municipal de Três Lagoas para a construção do Templo Batista, pois esta prática fere o princípio da Igreja Batista que exige total separação entre Igreja e Estado (NOGUEIRA, 2004, p. 66).

Apesar de a Igreja Católica ser uma instituição tradicional e de prestígio que contava com a adesão de grande parte da sociedade três-lagoense, a tensão entre ambas instituições religiosas aumentou gradativamente, conforme a Igreja Batista passou a atrair membros com posições sociais mais elevadas.

A maior parte dos primeiros batistas que residiam em Três Lagoas trabalhavam na ferrovia, alguns no setor de reparos das máquinas tocadas à lenha, outros nos escritórios. De modo que também a fundação e o desenvolvimento da Igreja Batista no município pode ser adjudicada à Estrada de Ferro NOB. Entre os batistas ferroviários estavam Pedro Sarmiento, Aniceto Arão, Luis Mendes do Amaral e João Gregório Urbietta. A maioria era oriunda de Minas Gerais.

A presença de militares entre os membros da Igreja Batista também acrescentou prestígio e influência à denominação.

⁶² Até a década de 1930, não eram somente os batistas que desenvolviam seus rituais na referida lagoa, pois para os católicos o local era considerado o ponto alto da procissão de João Batista. Todos os meses de junho se dirigiam à Lagoa Maior para realizar o batismo do santo. Além disso, sempre às sextas-feiras, muitas pessoas adeptas do candomblé, faziam no mesmo local os “despachos” com velas e galinhas pretas (OLIVEIRA e SIQUEIRA, 1997, p. 09). Neste tempo, a comunidade de Três Lagoas ainda estava sendo formada por diversos elementos humanos bastante variados, nacionais e estrangeiros, com diferentes cultos religiosos (MENDONÇA, 1991, p. 311).

Ferrovários e militares eram profissões que mantinham hierarquia. De seus quadros participavam do grupo dos ordenadores apenas o escalão mais alto, os que ocupavam funções de chefia ou comando (MENDONÇA, 1991, p. 150 a 151).

Além dos militares, comerciantes e funcionários públicos passaram a simpatizar e aderir à Igreja Batista acirrando a disputa entre as duas instituições religiosas.

No dia 15 de março de 1925 foi inaugurado o primeiro templo da primeira Igreja Batista de Três Lagoas, com a presença de várias autoridades, entre elas o prefeito municipal Dr. Fenelon Muller⁶³. Mesmo a Igreja Batista de Três Lagoas ter exigido total separação entre Igreja e Estado, ficou observado, que tanto o catolicismo quanto os batistas consideraram indispensável o apoio das autoridades para se firmar na sociedade e o poder autoritário de Três Lagoas não têm recusado apoiar as duas instituições religiosas mencionadas mesmo se tratando de duas igrejas concorrentes. Apesar da presença dos políticos da época, os batistas não contaram com recursos ou apoio de nenhum órgão público ou autoridade política para a construção do templo, como relatou o pastor:

Nós batistas exigimos total separação entre a igreja e o estado. Alguns tempos atrás não aceitávamos doações do estado devido às vezes ocorrer discussões, insultos e por tratar exatamente de dinheiro, então as Igrejas Batistas preferem não aceitar, preferimos trabalhar nós mesmos, este é o nosso propósito não tenha dúvida⁶⁴.

O prédio que abrigava o templo inaugurado era antigo e não se situava na parte nobre do centro da cidade. Vários fatores podem ter levado a esta opção e um deles, na opinião do Pastor João Luiz, seria a marginalização da Igreja Batista entre a grande parcela da população católica. Nosso interlocutor tenta traduzir a compreensão da coletividade batista:

(...) por causa primeiro do preconceito, pois sabemos que alguns cidadãos na época em que havia a primeira congregação protestante Batista, foi muito discriminada aqui, as pessoas até desviavam da rua, porém a igreja foi se firmando, conquistando e ganhando respeito da população...⁶⁵.

O templo inaugurado no ano de 1925 foi demolido no mesmo ano por carecer de estrutura para continuar funcionando e não ser suficientemente amplo para abrigar o crescente número de membros.

Os registros mostram que, em 1925, a Igreja Batista contava com 18 membros

⁶³Primeira Igreja Batista é a pioneira em Três Lagoas. Boas Novas. 1ª Quinzena de 2002, ano II, N. 19, p. 3.

⁶⁴Entrevistado: João Luiz da Silva. Data: 8 de setembro de 2003.

⁶⁵Idem.

atuantes (NOGUEIRA, 2004, p. 61). Percebe-se que essa Igreja teve um decréscimo no número de adeptos, em um ano, e a justificativa se dá porque alguns membros se transferiram para outras cidades.

Em 1925, Sherwood deixou a igreja aos cuidados de João Gregório Urbietta que viera do Rio de Janeiro. Urbietta foi convidado para ser pregador em Três Lagoas por meio do missionário Sherwood. Nas suas memórias, ele revelou o contexto em que fora chamado:

Em julho de 1925 o Dr. Sherwood chega à Casa P. Batista e convida-me a ir para Três Lagoas, Mato Grosso. Consoante ao que combináramos eu e minha esposa, respondi-lhe que só iríamos no fim deste ano. O missionário despediu-se e saiu. Era sábado. Meia hora depois recebi um telegrama do Diretor da casa: “O missionário de Mato Grosso deixou aqui 500\$000 para o senhor seguir para Três Lagoas na segunda – feira de manhã, com D. Anália, que está no Colégio Batista.” Ali mesmo orei para que se fosse da vontade do Senhor, que êle colocasse no coração de minha espôsa o desejo de irmos, e eu o tomaria como um sinal certo. Fui para casa e disse: - Anita, o Dr. Sherwood deixou-nos 500\$000 para irmos a Três Lagoas. Então vamos, respondeu-me prontamente. Era o sinal do Senhor (URBIETA, 1960, p. 57).

Recém-chegado a Três Lagoas, Urbietta trabalhou no cartório do 1º Ofício, o que lhe garantia o sustento. A congregação batista local lhe ofereceu moradia, mas nenhuma remuneração. De modo que quando o cartório fechou as portas, o Sr. Urbietta procurou trabalho na Redação da “Gazeta do Comércio”, cujo dono era o senhor Elmano Soares. Insatisfeito com a posição política dessa empresa jornalística transferiu-se para a Redação da “Gazeta de Notícias” (URBIETA, 1960, p. 58).

João Gregório Urbietta escrevia, na Gazeta do Comércio, notícias que interessavam à população protestante local. Os católicos noticiavam nesse mesmo jornal as Missas Dominicais e de Sétimo Dia, batismos e outras atividades da sua igreja. Alguns católicos também usavam o jornal para agradecer aos padres pelo trabalho prestado aos seus fiéis⁶⁶.

A posição de jornalista conferia a Urbietta um importante papel social, conforme destaca Mendonça, se referindo à elite de Três Lagoas:

Era natural que o jornalista fizesse parte desta camada social, visto que o jornal era um instrumento eficaz para a normatização da comunidade. Exemplificava, doutrinava, premiava, punia, protestava. Em suma, tornava público o que devia ser ou deixar de ser. (MENDONÇA, 1991, p. 150).

⁶⁶Gazeta do Comércio, 16/12/1945, p. 04 e 28/12/1947, p. 01.

Segundo o batista Jonathan de Oliveira, tanto João Gregório Urbietta quanto a sua família ajudou muito no que diz respeito ao desenvolvimento da evangelização protestante em Três Lagoas.

O ano de 1926 foi um ano de muitas mudanças. O pregador Urbietta foi convidado para trabalhar no escritório da NOB e com apenas três meses de serviço conseguiu colocar em ordem os documentos atrasados.

Neste mesmo ano, foi erigido um templo batista com apoios intermediados pelo missionário Sherwood desde os Estados Unidos. O templo foi considerado o melhor prédio da quadra onde se encontrava (URBIETA, 1960, p. 95). Contando com energia elétrica, a Igreja passou também a realizar cultos noturnos. Muitas autoridades, como o prefeito, participaram diversas vezes do culto batista⁶⁷.

Além da construção do templo, a Igreja adquiriu uma casa pastoral com oito dependências e um quintal com árvores frutíferas, onde plantaram oito pés de pinha. Sempre gozando da estima das autoridades militares e civis, de advogados e jornalistas, Urbietta era convidado a participar das festividades cívicas, no quartel, no Paço Municipal e nos Educandários (URBIETA, 1960, p. 58-59, 96).

O missionário Sherwood permaneceu como pastor interino da Igreja Batista de Três Lagoas até o dia 27 de maio de 1927, e no dia 29 tomou posse o pastor João Gregório Urbietta.

Neste ano, Urbietta foi consagrado ao ministério pastoral, assumindo o pastorado em regime de dedicação exclusiva na Igreja Batista em Três Lagoas. A Igreja se encontrava em condições de poder sustentar seu obreiro, pelo que Urbietta pediu demissão do trabalho da NOB. Em seu livro de memórias, Urbietta relatou que se sentia privilegiado por ser o primeiro pastor batista ordenado no Estado de Mato Grosso.

Urbietta não pregava só em Três Lagoas, mas também em outros lugares, como em Santana do Paranaíba. Certa ocasião, alugou um automóvel para desempenhar esta tarefa. Enfrentou estrada em formato de ziguezague, feita a pneus de caminhão, matagal extenso e baldio e alguns acidentes (URBIETA, 1960, p. 58-59, 96).

Segundo o pastor batista Jonathan de Oliveira, que foi colaborador do pastor,

João Gregório Urbietta era um homem (...) bom, porque fez tudo o que era preciso fazer, ele cresceu ali na Igreja e fez muitos trabalhos promissores (...) Era convertido, era um dos primeiros batistas aqui em Mato Grosso e fez aplicar a vontade de Deus, porque ele queria fazer o

⁶⁷ Entrevistado: Luiz Mendes do Amaral (aposentado da NOB), Data 15 de Outubro de 2006.

que era justo e fez até então coisas boas, nós devemos ser grato a ele pelo o que ele fez.

No Mato Grosso, como em outros estados do Brasil, eram escassos os pastores, razão pelo qual o pastor Urbietta evangelizava em diversos lugares do Estado.

Havia escassez de trabalhadores para cuidar das igrejas e satisfazer as demandas de um evangelismo agressivo. Alguns pastores brasileiros cooperaram no desenvolvimento do trabalho mas, como uma regra, eles não permaneceram por muito tempo no interior onde o serviço sempre exigia mais sacrifício de confortos materiais, especialmente quando recebiam chamados urgentes para campos mais atraentes. Devia também uma relativa rotatividade dos pastores pelas igrejas de Corumbá, Aquidauana, Ponta Porã e Três Lagoas (NOGUEIRA, 2004, p. 63).

Em 1927, havia sete igrejas batistas (locais) no Estado. A comunicação entre elas era feita por cartas e através de congressos realizados, alguns deles em Três Lagoas, desde a década de 1920. Essas igrejas locais recebiam literatura batista para a Escola Bíblica Dominical e para a Mocidade Batista. A Escola Bíblica Dominical Batista de Três Lagoas buscou evangelizar os adultos e as crianças, pois essas pessoas não sabiam ler e nem escrever. Então, os batistas para pregar a sua crença à população local, tinham que primeiramente alfabetizá-las para posteriormente evangelizá-las.

A partir de 1927, terminada a ponte Francisco de Sá (1926), no município de Três Lagoas passou a diminuir a população volante. Seu crescimento desde então será mais estável e baseado na prosperidade da população que tinha se assentado definitivamente no lugar. O crescimento da Igreja Batista acompanhou o da cidade. Além de manter seu local de evangelização nas imediações da Estação Ferroviária, abriu também um outro perto da Ponte Francisco de Sá, sendo ambos atendidos pelos membros da igreja batista que trabalhavam nesses dois estabelecimentos.⁶⁸

Urbietta admite que o seu trabalho de evangelização a partir de Três Lagoas foi agressivo. Transpôs o Paraná e pregou no território paulista por Itapura, Ilha Seca, Lussanvira, Pereira Barreto, Araçatuba, entre outros locais. Ele mesmo se define mais como um evangelista e missionário do que como um pastor. Mesmo quando foi transferido para Araçatuba, confessa não ter deixado de evangelizar outras cidades do Estado de São Paulo (URBIETA, 1960, p. 72-73). Conforme relata o pastor Jonathan de Oliveira:

(...) nós, eu e o João Gregório Urbietta viajávamos, ele viajava aqui no

⁶⁸Idem.

Estado [MT], depois ele ficou ali no Estado de São Paulo, ele queria pregar lá e foi pastor de várias igrejas lá. Era um homem muito alegre e muito bom e viveu sempre do trabalho que é considerado hoje trabalho pioneiro e venceu muito, porque ele gostava de trabalhar e visitando também, ele visitava muito ali perto mesmo de Três Lagoas, ele ia até Paranaíba (...)⁶⁹

Por volta de 1928, os batistas Urbietta e Clemente Luiz fizeram uma excursão evangelística a cavalo. Saíram de Três Lagoas em direção a Inocência, durante um mês inteiro. Levaram um jumento carregado de novos testamentos, folhetos, alimentos e agasalhos suficientes para a pernoite no sertão. A excursão evangélica saiu do rumo programado, pois os pastores foram convidados para atender em lugares mais necessitados. Várias vezes repetiram as excursões, invadindo o território paulista, levando a mensagem da Igreja Batista em Alfredo Castilho, Andradina, Planalto, Córrego do Boi, Mirandópolis, Valparaíso, Vicentópolis, entre outras cidades (URBIETA, 1960, p. 89-90).

Outras viagens evangelísticas foram feitas em caminhão. Segundo o batista Jonathan de Oliveira, Urbietta:

(...) vivia ali mesmo bem rudimentar (...) ele era casado com a Dona Anita, uma Senhora alemã, que trabalhava servindo sem o estudo que precisava ter, mas ela fez um bom trabalho e viajava em caminhão, de trem e assim como Urbietta, se fazia o trabalho de Deus viajando e pregando o evangelho (...). O trabalho de evangelismo batista em Três Lagoas era feito igual até hoje é feito, era um trabalho que estava começando também (...) e pregávamos o evangelho do modo que era preciso pregar, não tínhamos um trabalho assim muito programado, mas recebíamos visitas dos missionários que vinham do Rio de Janeiro, São Paulo, que vinham à Três Lagoas (...) e nós tínhamos um trabalho muito grande (...) ali com os pastores que pregavam na Igreja (...), nenhum preparo tinham os pastores que estavam ali e assim eles pregavam o evangelho.⁷⁰

Conforme o Jornal *Boas Novas*⁷¹, essa agressividade evangelizadora do líder e da Igreja Batista em Três Lagoas redundou na organização de igrejas batistas em Andradina, Paranaíba, Cassilândia, Ilha Solteira, Araçatuba e Brasilândia. Na Vila Aro, em território três-lagoense, o trabalho espiritual esteve acompanhado de um trabalho de cunho social, especificamente a assistência à educação e a saúde. Por essas realizações a Igreja Batista em Três Lagoas foi chamada de missionária⁷².

⁶⁹Entrevistado: Jonathan de Oliveira, Data 12 de Outubro de 2008.

⁷⁰Idem.

⁷¹Primeira Igreja Batista é a pioneira em Três Lagoas. *Boas Novas*. 1ª Quinzena de 2002, ano II, N. 19, p. 3.

⁷²SILVA, João Luiz da. Primeira Igreja Batista em Três Lagoas. Três Lagoas, 2008, p. 03.

Sobre Araçatuba no itinerário de Urbieta cabe aclarar que no ano de 1936, quando estava participando juntamente com o Dr. Gióia Martins de uma série de conferências em Aquidauana, Urbieta recebeu convites para pastorear as Igrejas Batistas de Aquidauana, Araçatuba e novamente de Três Lagoas. O que atesta a carência de obreiros para as igrejas, na época. Ele optou por Araçatuba, foi transferido para lá, mas continuou atendendo Três Lagoas, como consta em seu livro:

Assim fiquei pastoreando a Igreja de Araçatuba, em S. Paulo, e a de Três Lagoas, em Mato Grosso. Aqui, além do trabalho local, tínhamos uma Congregação em Paranaíba, distante 30 léguas além de Paranaíba (...). Por fim conseguimos que o preclaro pastor Luis de Assis me fôsse substituir no pastorado da Igreja de Três Lagoas, Mato Grosso (URBIETA, 1960, p. 72).

Desta forma, a partir de 1937, o pastor Luis de Assis passou a ser o novo pregador do evangelho na Igreja Batista de Três Lagoas. Segundo Jonathan Oliveira, um dos membros da igreja naquela época, o novo pregador:⁷³

(...) tinha um tipo de sermão de meia hora, ele andava muito bem arrumado com seus dois ternos pretos (...), ele fez um trabalho muito bom com as crianças, na Igreja, quando chegou a época de batizar, vieram os contras, mas o pastor ficou firme e conseguiu batizar as crianças; [que convém aclarar] não [eram] recém – nascidas. Isto criou um conflito na Igreja. Antes dessas crianças se batizarem, elas passaram pela Escola Bíblica Dominical (...).

O nosso entrevistado Jonathan Oliveira era uma dessas crianças⁷⁴ que foram batizadas, no ano de 1938. Ele esclareceu que não se tratava de batismo de crianças recém-nascidas.

Quando, em 1939, o pastor Luís de Assis foi para Jacarezinho, o pastor João Gregório Urbieta foi novamente convidado para pastorear a Igreja Batista em Três Lagoas. Em suas memórias ele relata:

(...) chega o irmão Bartolomeu Agostinho de Oliveira, de automóvel e diz me:

-A Igreja incumbiu-se de levá-lo a Três Lagoas, porque (...) a igreja está sem pastor outra vez.-Se o irmão tivesse vindo dois dias antes - disse lhe poderia voltar para Três Lagoas, mas agora já dei o meu “sim” ao missionário do Paraná e estou de mudança para Jacupiranga. Mais tarde, porém, se os irmãos não acharem um bom pastor, eu poderei tornar a

⁷³Entrevistado: Jonathan de Oliveira, Data 12 de Outubro de 2008.

⁷⁴ Idem.

Três Lagoas. E o irmão voltou entristecido e fiquei eu penalizado, pois Mato Grosso me chamava (URBIETA, 1960, p. 78).

João Gregório Urbieta seguiu para Jacupiranga. Porém, em pouco tempo o pastor entrou em conflito com os batistas paranaenses, por não aceitar trocar a função de evangelizador pela de educador, pois na opinião de Urbieta se devia evangelizar e educar simultaneamente, porque o mesmo considerava impossível evangelizar as pessoas sem o uso da educação (URBIETA, 1960, p. 87). E assim:

Escrevi para Três Lagoas nestes termos: - Se não achastes ainda um pastor e quiserdes o nosso regresso, remetei- nos então novecentos mil reis para apresto de viagem – E o dinheiro veio logo (...) Deixamos o litoral. Chegamos de regresso a Três Lagoas a 5 de abril de 1940 (...) (URBIETA, 1960, p. 87-88).

Ao retornar, Urbieta recomeçou, junto aos demais batistas, as visitas pastorais por todos os locais antes evangelizados (URBIETA, 1960). Certamente, foi o pastor que maior deu impulso ao trabalho da Igreja Batista em Três Lagoas, “(...) foi o pioneiro (...) tanto no Estado de Mato Grosso quanto no Estado de São Paulo (...)”⁷⁵, mas como é de se notar, ele sempre contou com o apoio dos adultos, jovens e crianças três-lagoenses, que realizavam e auxiliavam nos trabalhos evangelísticos. Haja vista, que “(...) o pastor não faz o trabalho da Igreja sozinho (...) ele faz o trabalho coletivo (...)”⁷⁶

Urbieta recebia muitos convites para pastorear igrejas em outras cidades. Em muitos casos, ele aceitava o desafio de dirigir mais de uma igreja em diferentes cidades:

O ilustrado irmão Faria Guedes assume o pastorado efetivo. Mais tarde a igreja divide-se em Primeira e Segunda. Depois o pastor exonera-se por ter aceito o pastorado de uma igreja no Rio de Janeiro. A 1ª Igreja convida-me a pastoreá-la. O pastor Guedes vai a Três Lagoas pedir-me pessoalmente aceitasse o convite. Uma comissão composta da diretoria da Segunda, também vai a Três Lagoas pedir-me aceitar o pastorado da Primeira, porque a Segunda se unir-se-ia – à primeira e se tornaria em uma só igreja, como dantes. A divisão tinha se verificado apenas por uma divergência com o pastor, porém as duas igrejas estavam comigo. Sendo assim aceitei o pastorado e exonerei-me de Três Lagoas a fim de ir unificar as duas igrejas. Farias, sabendo disso por intermédio de meu sobrinho Joel Urbieta, impediu a minha ida a Andradina ficando no pastorado, transferindo-se para o Rio e visitando a primeira Igreja de três em três meses. Fêz bem? Fêz Mal!? Nesse interim, a congregação de Vicentópolis, convida-me a dirigi-la. Aceitamos a incumbência. Dávamos 15 dias para Vicentópolis, em S. Paulo e 15 dias para Três

⁷⁵Ibidem.

⁷⁶Ibidem.

Lagoas, em Mato Grosso. De Vicentópolis, saíamos a cavalo, eu, Orlando Gonçalves, Sebastião Soares e outros, evangelizamos as seguintes vilas encravadas no Sertão: Vila Aurea, Dulce, Brioso, Cobajá, Maga (...) (URBIETA, 1960, p. 92).

Urbietta também pregava o evangelho em igrejas evangélicas não batistas, como por exemplo, na presbiteriana e na metodista. Com a sua pregação foi capaz de converter muitos presbiterianos, metodistas, espíritas, católicos, entre outros, para a igreja batista (URBIETA, 1960, p. 75). Todavia, algumas dessas pessoas desistiram da igreja batista, de outras igrejas evangélicas e de outras religiões para entrar no “mundanismo”, segundo o próprio Urbietta.

A partir de 1945, João Gregório Urbietta foi convidado para ser pregador da Igreja Batista de Alto Alegre e assim deixou novamente a Igreja Batista de Três Lagoas. O notável dinamismo deste pastor era certamente o motivo de seu prestígio. Ele, além de evangelizar, alfabetizava os convertidos da Igreja, ministrava-lhes aula de religião, realizava cultos em suas casas, auxiliava nas construções de templos, entre outros (URBIETA, 1960, p. 96).

Quando as Igrejas Batistas em Mato Grosso não possuíam pastores, como foi frequentemente o caso da Igreja Batista de Três Lagoas, os leigos assumiam os trabalhos. Sem uma formação teológica mais aprofundada, o próprio Jonathan de Oliveira confessa⁷⁷:

Eu quando fiz seminário, eu fiz lá no Rio de Janeiro, na época não tinha todos os recursos que tem hoje em dia, eu fiz o seminário em 1947. Eu fui ordenado a pastor no Rio de Janeiro, eu nunca fui pastor da Igreja Batista em Três Lagoas, mas apenas membro. Eu fazia trabalho de evangelização, como por exemplo, o de férias (...).

Dessa forma, é de se concluir que não foi somente o pastor João Gregório Urbietta que contribuiu para o crescimento da Igreja Batista em Três Lagoas no Sul do Mato Grosso e Oeste de São Paulo. Seu trabalho missionário só foi possível pelo apoio, coesão e trabalho de toda comunidade batista de Três Lagoas.

Os membros da Igreja Batista auxiliavam o Pastor Urbietta, não só financeiramente, mas também nas pregações e outros trabalhos evangelísticos de cunho social, para que pudesse realizar suas viagens missionárias⁷⁸. Muitas mulheres e homens batistas atuaram nas pregações, nos trabalhos evangelísticos e nas arrecadações de ofertas na cidade de Três

⁷⁷Entrevistado: Jonathan de Oliveira, Data 12 de Outubro de 2008.

⁷⁸Ata Geral da Igreja Batista em Três Lagoas, 07 de abr. de 1928, p. 02.

Lagoas, para o crescimento do trabalho batista no município e região⁷⁹.

Um dos batistas entrevistados ressaltou: “Devo muito a minha avó Anália Viterbo, ela fez muitos propósitos, ela marcou a presença da Igreja (...), fez grandes coisas para o trabalho da Igreja (...), é por isso que temos grandes recordações e espero que a Igreja continue sempre forte.”⁸⁰ Em Três Lagoas:

Com as senhoras que se batizaram formou-se uma Igreja com solidez, junto com a Dona Anália que se envolveu no trabalho (...), desenvolvendo o trabalho veio a existir as outras igrejas, porque nós conhecemos como a Igreja, o templo, mas não é o templo que é a Igreja, a Igreja é cada crente que é batizado e faz parte daquela Igreja, são outras igrejas que podem surgir (...) e o trabalho nasceu acompanhando o progresso, esse progresso nós devemos ao trabalho do pastor e da Igreja. Teve João Gregório Urbietta, o Luíz de Assis (...) e avançou o trabalho, porque o povo tinha a vontade de Deus de trabalhar, trabalhar e assim foi que cresceu a Igreja Batista de Três Lagoas (...).⁸¹

Um dos fatores que impulsionou o crescimento da Igreja Batista de Três Lagoas foi justamente o fato de muitos batistas também realizarem a evangelização. Para a maior parte dos membros, é a “obrigação dos irmãos da igreja falar de Deus, da salvação. Nós não queremos satanáis, gente egoísta? Não, nós queremos gente boa. A obrigação do crente é falar de Deus”⁸².

O trabalho na evangelização começava cedo, especialmente para aqueles que nasciam em famílias evangélicas como é o caso do senhor Jonathan de Oliveira, que foi batizado aos 12 anos, em 1927. Contudo seu trabalho dentro da Igreja Batista havia começado ainda antes do batismo: “Eu cresci na Igreja, eu fazia o trabalho que sempre precisava fazer (...) eu fiz com 5 anos, 7 anos, 8 anos, porque eu andava no trabalho do Senhor (...)”⁸³.

Uma das entrevistadas, que faz parte da Igreja Batista desde 1930, afirma que desenvolveu diversas atividades na Igreja, apenas não foi pastora, mas, chegou a vice-moderadora e tesoureira. Contudo, no que se refere à presença da mulher entre as posições de liderança e destaque, nem sempre os batistas de Três Lagoas tiveram o mesmo entendimento de igualdade e respeito: “quando passei a fazer parte da Igreja Batista, naquele tempo a gente não podia passar nem frente do cinema, nem cortar o cabelo, era do

⁷⁹ Ata Geral da Igreja Batista em Três Lagoas, 07 de abr. De 1928 a 1942.

⁸⁰ Entrevistado: Jonathan de Oliveira, Data 12 de Outubro de 2008.

⁸¹ Idem.

⁸² Entrevistado: Luiz Mendes do Amaral (aposentado da NOB), Data 02 de agosto de 2004.

⁸³ Entrevistado: Jonathan de Oliveira, Data 12 de Outubro de 2008.

tipo da Congregação Cristã no Brasil. Nesta época a mulher não tinha palavra ativa igual tem hoje (...)⁸⁴

Quando da ausência do pastor Urbietta, os homens eram os únicos que pregavam na Igreja. Às mulheres não lhes era permitido pregar. Porém já existia a Sociedade Feminina Batista no local, que realizava outros tipos de trabalhos evangelísticos. E de fato, “as mulheres eram muito ativas no trabalho da Igreja. Então, eram pessoas crentes que trabalhavam, lutavam pela Igreja e tomavam parte (...) eram donas de casa, casadas e tinham filhos”⁸⁵.

Na Associação das Senhoras Batistas de Três Lagoas, participavam mulheres de várias idades e provindas de diversos lugares. Entre elas estavam, Anália Viterbo, 48 anos, natural de Frutal- MG, Manoela Pereira de Jesus, 68 anos, natural de Corumbá- MT, Laura Alves Pereira, 49 anos, nascida em Avaré, Maria Dabrius, 29 anos, provinda de Piracicaba, Nominanda Oliveira, 16 anos, nascida em Três Lagoas, Alice Urbietta, 18 anos, provinda de Corumbá, entre outras⁸⁶. Nota-se, que a Sociedade das Senhoras Batistas de Três Lagoas não era composta só por senhoras, mas também por senhoritas.

Também percebemos que muitas mulheres batistas vieram de outras cidades onde já pertenciam a uma Igreja Batista. A mobilidade dos membros da igreja acompanhou o fluxo da população três-lagoense. Não só chegavam mulheres de outras cidades à igreja, pois há registros nas atas da Associação de Senhoras Batistas que muitas pediam exoneração dos cargos de diretoria e requeriam suas cartas de transferência para igrejas batistas em outras cidades.

Uma senhora que deixou a denominação batista lembra da doutrina severa da igreja em Três Lagoas, comparando-a com a Congregação Cristã No Brasil: “No templo da Igreja Batista recordo que (...) homens ficavam de um lado e mulher de outro (...)”⁸⁷” A mesma ainda recordou que:

Não usávamos mini-saias, vestidos decotados, mas as meninas pintavam o cabelo, passavam batom, tudo dentro do limite. Eu ia de vestido longo, sapato de salto, blusa, saia, nada de calça comprida, tudo descente. As pessoas iam bem vestidas na Igreja. Com o tempo a Igreja virou um desfile de moda. A Igreja fazia excursão no período de Carnaval para orar no Culto de outras cidades, como na Igreja Batista de Andradina, Dracena e Campo Grande (...) Na Igreja mencionada não era autorizado em seus cultos bater palmas, somente um fazia oração, não era permitido

⁸⁴ Entrevistada: Fé da Silva Pereira, 20 de agosto de 2008.

⁸⁵ Entrevistado: Jonathan de Oliveira, 12 de outubro de 2008.

⁸⁶ Livro da Tesouraria da Igreja Batista em Três Lagoas, 1930-1940, p. 49.

⁸⁷ Entrevista: Gércia Mendes do Amaral, 10 de setembro de 2008.

cantar alto, pois era usado somente um órgão e o hinário(...).⁸⁸

Essas regras para as mulheres não se aplicavam somente em Três Lagoas. Um dos homens entrevistados também lembrou que, quando começou a freqüentar a Igreja, “as mulheres não podiam cortar o cabelo, mas na cidade de Três Lagoas as mulheres batistas chegavam a cortar o cabelo e não acontecia nada, mas aqui em Campo Grande teve uma Senhora que foi excluída por ter cortado o cabelo (...)”⁸⁹

As restrições à época não eram apenas para as mulheres. A Igreja Batista em Três Lagoas se posicionava contrária a presença de seus membros nos cinemas, porque os filmes continham cenas de violência, corrupção, guerras, pornografias, entre outros.

A linha dura dos batistas, em partes, correspondia à grande variedade de diversões e estilos de vida considerado “mundanos” que havia em Três Lagoas desde as décadas iniciais da cidade.

Para Mendonça (1991, p. 311), uma das características de Três Lagoas está relacionada com a realização de muitas festas populares e religiosas. As festas de família (noivados, casamentos e aniversários) movimentavam toda a cidade; festas de recepção (direcionadas para as autoridades civis e militares e eclesiásticas) também eram comuns e mobilizava toda a comunidade. Além disso, havia as festas anuais ligadas à religião católica e seus feriados: o mês de maio (culto à Virgem Maria), a Semana Santa, a festa Eucarística, a festa do Divino, as festas do mês de junho (cívico-social-religiosa), Natal, Ano Novo e Carnaval, festas incorporadas, como a Independência da Espanha, da Itália, de Portugal e as festas nortistas; festas de sentido predominantemente cívico: Descobrimento da América, Dia do Soldado, Abolição da Escravatura, entre outras. Mas, a característica de ser um povo festivo também fazia do três-lagoense um povo desordeiro, o que entrava em confronto com as crenças de retidão moral dos batistas.

Inclusive a opção por realizar os batismos na Lagoa Maior do município continha uma estratégia de combate ao “mundanismo”, já que até a década de 1930 a lagoa era um local de diversão pública. Além de ser freqüentada por muitas pessoas da sociedade durante o dia, quando diversas vezes presenciavam e realizavam desordens, ao cair da tarde as margens da lagoa se tornavam pontos de prostituição. Nas palavras de um dos autores pesquisados, “eram tiros, facadas, mulheres e muita bebedeira” (OLIVEIRA e SIQUEIRA, 1997, p. 09).

⁸⁸Idem.

⁸⁹Entrevistado: Jonathan de Oliveira, Data 12 de Outubro de 2008.

Luiz Mendes do Amaral foi batizado por Urbietta nas águas da Lagoa Maior em 1926. Ele conta que foi convidado por um empregado da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil (NOB) para ir à Igreja Batista que se localiza na Rua Elmano Soares. Conforme seu relato, em 1926:

(...) Na época quando comecei a fazer parte da Igreja, Três Lagoas era uma vila. Aqui, a Cidade, era perigosa, tinha jagunço, que vinha a cavalo, armado, (...) Três Lagoas na verdade tinha pouca polícia aqui. Tinha ladrão. Três Lagoas, depois que veio exército para cá, virou outra coisa (...) ⁹⁰.

De acordo com Luiz Mendes, na década de 1920, Três Lagoas era um lugar atrasado, que “passou a ser mais respeitada com a implantação do exército. A Igreja Batista também ajudou a colocar a disciplina na Cidade”⁹¹.

Na cidade de Três Lagoas, em 1925, perambulavam por suas ruas muitos jovens assalariados e muitas meretrizes. Nesta época, também existia a tradicional “folia”, com forte inclinação “libidinosa”. A Folia de Reis veio da tradição portuguesa e chegou a Três Lagoas quando o município ainda era considerado uma fazenda. Esta festa é a mais antiga manifestação cultural do município, e a primeira comemoração se deu na Igreja Católica de Santo Antônio⁹².

Conforme Urbietta (1960, p. 95), a folia perdeu o prestígio e a adesão “por causa do poder do evangelho”, já que um dos pastores da Igreja Batista usou o jornal A Imprensa Mato-Grossense e o Jornal “Evangelista”, (distribuído gratuitamente) para combater e enfraquecer a Folia de Reis. Mas, isto não quer dizer que a Folia de Reis deixou de existir na cidade. A sua manifestação continua bastante presente em Três Lagoas, especialmente nas praças e nos bairros.

A entrevistada Fé da Silva apontou que, quando participava da Igreja enquanto criança, “Três Lagoas era uma vila, era muito pequenininha. Quando me converti a Igreja devia ter 40 a 60 membros, no máximo. Quando fiz parte da Igreja Batista, ia no culto da Igreja que ficava do lado da atual farmácia Odeon. Posteriormente, a mesma passou a ser na Rua Elmano Soares”⁹³. Ainda, a ex- batista Gércia lembra que em 1936, a cidade de Três Lagoas, “(...) quase não tinha asfalto, tinha muita área, pouca iluminação nos bairros,

⁹⁰ Entrevistado: Luiz Mendes do Amaral (aposentado da NOB), Data 15 de Outubro de 2006.

⁹¹ Idem

⁹² Informação do Historiador da Secretaria de Cultura Nilo Capello Sobrinho disponível no site: www.3lagoas.com.br, acessado em 07 de Maio de 2007, às 18h40min.

⁹³ Entrevistada: Fé da Silva Pereira, 20 de agosto de 2008.

muito mato com trieiros que passávamos para ir ao culto da Igreja Batista de Três Lagoas. Tinham poucas casas nas proximidades da Lagoa Maior e muita pilha de dormente (madeira) que coloca na linha ferroviária”⁹⁴.

Na opinião de um entrevistado, naquele período⁹⁵, “a cidade de Três Lagoas era muito perigosa, pois existiam muitos crimes, mas com a ajuda dos batistas, diversos homens, que “eram católicos”, ao se converterem “mudaram de rumo”, ou seja, deixaram de viver em pecados”.

A relação dos batistas com a Igreja Católica

Como já comentado no segundo capítulo, nas décadas de 1910 e 1920, no Estado de Mato Grosso, o arcebispo Dom Aquino Corrêa da Igreja Católica manifestou-se contra o protestantismo, associando a expansão protestante ao imperialismo norte-americano (VASCONCELOS, 2002, p. 133). O mencionado bispo exerceu o cargo de governo do referido Estado, entre 1918 a 1922 (GALETTI, 2000, p. 296). Sua influência se refletiu na sociedade matogrossense, que, em grande parte, se mostrou hostil aos primeiros contatos com as religiões protestantes.

No caso específico de Três Lagoas, percebemos a forte influência da Igreja Católica, no que se referia à “moral e aos bons costumes”, antes mesmo da formação de um núcleo urbano no local. Quando Antônio Trajano dos Santos doou ao município uma longa faixa de terras no centro da cidade - que vai do atual Hospital Nossa Senhora Auxiliadora até a Lagoa Maior – na área central foi construída, a partir de 1913, a Capela Santo Antônio. Contudo, apenas em 1920 a igreja passou a ter padre fixo, com a chegada do padre Nino Gallina (MARTIN, 2000, p. 76-77). Percebe-se que a Igreja Católica só se preocupou em nomear um padre para Três Lagoas depois que a Congregação Missionária Batista se instalou no município.

Apesar da oposição católica aos protestantes, a Igreja Batista se fortaleceu. Um batista convertido em 1926 relata que a Igreja Batista em Três Lagoas “cresceu, cresceu muito, antes era uma igreja menor. Hoje ela cresceu, é diferente daquela velha, (...) A Igreja foi melhorada, quem melhorou ela foi um soldado do exército que era crente. Três Lagoas era mais pequena (...)”⁹⁶.

⁹⁴ Entrevista: Gércia Mendes do Amaral, 10 de setembro de 2008.

⁹⁵ Entrevistado: Jonathan de Oliveira, Data 12 de Outubro de 2008.

⁹⁶ Entrevistado: Luiz Mendes do Amaral (aposentado da NOB), Data 02 de agosto de 2004.

O trabalho de evangelização batista local era realizado em disputa com os trabalhos dos padres. A diferença era que um trabalho foi de interesse evangélico enquanto o outro era de ideal católico. Percebe-se, uma concorrência entre batistas e católicos em Três Lagoas. Um membro da Igreja Batista local⁹⁷ argumentou que:

(...) nós realizávamos o trabalho evangélico e por isso ele cresceu e cresceu muito, porque nós queríamos dar exemplos, que éramos crentes (...), o trabalho católico ele sempre foi muito grande (...), cresceu muito, mas nós também crescemos e hoje nós estamos quase por igual na aparência de trabalho, porque nós fizemos aquilo que era preciso fazer.

Por outro lado, quando entrevistado⁹⁸ o pastor batista Jonathan de Oliveira apontou que não tem nenhum conhecimento da existência de perseguições realizadas pelo catolicismo para com o trabalho batista no Município.

Para o pastor Jonathan de Oliveira⁹⁹: “Era fácil de evangelizar em Três Lagoas, como hoje, a Igreja Batista cresceu com a minha família, a maior parte dos batistas de Três Lagoas antes eram católicos. Não fazíamos relações ecumênicas com a Igreja Católica, somente seguíamos o que a Igreja ensinava através da Escola Bíblica Dominical¹⁰⁰ (...)” Também, “(...) eu sou contra o ecumenismo, porque a Igreja Católica visa a tirar proveito somente pra ela mesma.”

O pastor Jonathan, lembrou que “em 1927, no horário do culto da igreja local, os pastores geralmente falavam mal da visão católica, pois consideravam ruim a invocação dos santos, até hoje se dá do mesmo jeito. Os batistas sempre demonstraram contrários à crença do catolicismo, (...) até muita gente por aí (...), têm os pentecostais, os batistas aceitam os pentecostais somente como colaboradores, mas é bom que se pregue o que a Bíblia diz, se prego o que a bíblia diz ninguém pode censurar (...)”.

Ainda ficou constatado que um batista¹⁰¹ não aprova relação ecumênica pelo motivo de considerar, que o catolicismo manipularia todas as igrejas evangélicas, como a Batista, Luterana, Presbiteriana e Metodista, entre outras.

A Igreja Batista local, desde seu início de fundação, nunca foi favorável à relação ecumênica com grupo religioso não evangélico como os espíritas e até mesmo a Igreja

⁹⁷Entrevistado: Jonathan de Oliveira, Data 12 de Outubro de 2008.

⁹⁸Idem.

⁹⁹Ibidem

¹⁰⁰ Nas chamadas Escolas Dominicais era ministrada o ensino escolar com o intuito da evangelização, além disso, eram realizadas as atividades cúlitas.

¹⁰¹Ibidem.

Católica (SILVEIRA, 2000, p. 38).

Urbieta, antes de ser batista, foi católico e freqüentador do espiritismo (URBIETA, 1960, p. 18-19). Ele frisa que antes da sua conversão ao protestantismo:

(...) O Senhor abriu-nos o coração, compreendemos e tornamo-nos novas criaturas. Compreendi que se tratava de cego espiritual, eu era um dêles. O homem convida-nos para assistirmos o culto nas quartas-feiras e domingos em casa do tenente Queiroz, da Igreja Episcopal. Fui à casa de meus pais e convidei-os. Na primeira quarta-feira estávamos todos no culto e nunca mais perdemos a reunião. Em casa dos meus progenitores inicia-se a luta. Meu pai já era crente, mas continuava no romanismo. Minha genitora vacilava entre o espiritismo e a nova fé. Meu cunhado Pereira era o presidente do “Centro” e minha irmã Néria, era médium. Eu já havia abjurado o catolicismo, o espiritismo e o mundanismo (...) (URBIETA, 1960, p. 23).

Urbieta foi batizado por meio do missionário Dr. A. B. Deter, nas águas do rio Paraguai, no município de Corumbá, onde iniciou e aprendeu a pregar o evangelho pregando (URBIETA, 1960, p. 106).

Muitas vezes viajava de trem e, segundo o evangelista, por ser protestante foi acusado de ser responsável pelo descarrilhamento de um trem em Ilha Seca quando viajava com o intuito de evangelizar. Nota-se que a discriminação aos batistas não se dava apenas em Três Lagoas, mas em vários locais do Brasil (URBIETA, 1960, p. 65-66).

Um dos batistas¹⁰² frisou que, antigamente, muitos dos que faziam parte da Igreja Batista em Três Lagoas sofriam discriminação por parte daqueles que não eram simpatizantes da referida instituição religiosa.

A senhora Fé da Silva, por sua vez, afirma: “nunca fui discriminada por ser da Igreja Batista, mas já ouvi muitos batistas ressaltar que foram discriminados por pertencer à Igreja (...)”¹⁰³ Dona Gércia diz: “Eu e a minha família fomos muito discriminados por pertencer a Igreja Batista, tanto por parentes quanto pelos amigos. Tive uma vizinha que era católica, que ao escutar um programa evangélico no rádio, nos insultava”¹⁰⁴.

Na década de 1930, os batistas de Três Lagoas, quando realizavam suas manifestações religiosas externas, enfrentavam a concorrência da manifestação do catolicismo nas proximidades da sua rua:

Quando a procissão passava em frente ao Jardim Público em direção à

¹⁰² Entrevista: João Luiz da Silva, 8 de setembro de 2003.

¹⁰³ Entrevistada: Fé da Silva Pereira, 20 de agosto de 2008.

¹⁰⁴ Entrevista: Gércia Mendes do Amaral, 10 de setembro de 2008.

rua Campo Grande¹⁰⁵, o Bar Imperial do Sr. Filgueiras, que naquela hora regorgitava de fregueses, cercava suas portas. O belo gesto deve ser imitado louvado seja N. S. Jesus Cristo. Isto aqui ainda é terra de Santa Cruz (MENDONÇA, 1991, p. 359).

Os batistas e católicos também enfrentavam a concorrência dos feiticeiros e curandeiros. Os últimos, por sua vez, enfrentavam preconceitos por parte dos adeptos do catolicismo e protestantismo (MENDONÇA, 1991, p. 421). Os católicos e protestantes do local, consideravam os feiticeiros e curandeiros como pessoas inimigas do cristianismo.

A contribuição social dos batistas para o desenvolvimento de Três Lagoas

Além de conduzir um considerável número de pessoas a um estilo de vida mais “ordeiro e pacífico”, na compreensão batista, a Igreja contribuiu também na formação de seus membros levando-os a se organizarem em grupos e a assumirem responsabilidades.

Ela criou diversas associações internas, como a Associação das Senhoras Batistas, Associação dos Senhores Batistas, Associação da Mocidade Batista, o grupo das meninas era chamado Mensageiras do Rei e a dos meninos Embaixadores do Rei. Cada um desses grupos tinha reuniões regulares semanais de estudo e mensalmente reuniões administrativas dirigidas pelos integrantes da diretoria do grupo, seguindo “regras parlamentares”. Discutia-se o funcionamento do grupo, a participação dos seus integrantes nos trabalhos da Igreja e das atividades agendadas pelo grupo; prestava-se conta do movimento financeiro, já que cada membro contribuía financeiramente para a manutenção do seu grupo e das atividades evangelísticas da Igreja. A parte central das atas desses grupos e da Igreja era pois o registro das finanças.

Assim, a Sociedade das Senhoras Batistas em Três Lagoas tinha sua diretoria, seus regulamentos, seus alvos para o mês e o ano. As mulheres sustentaram os trabalhos de evangelização - que visava a conversão das pessoas e sua integração na igreja - seja através da visitação dessas pessoas nos seus lares, em hospitais e outros recintos, seja aportando financeiramente e organizando a infra-estrutura para a realização de pregações evangelísticas com um pregador visitante. Elas também participavam ativamente dos cultos semanais de evangelização a cargo do pastor local, orando, lendo a bíblia, cantando e levando visitantes para a esses cultos. Na ausência do pastor, elas convidavam os

¹⁰⁵Atual Rua Elmano Soares, onde se localiza a Igreja Batista de Três Lagoas.

membros masculinos da igreja a pregar, elas mesmas não pregavam.¹⁰⁶

As mulheres também aportavam dinheiro à igreja, com o intuito de sempre manter a presença da instituição religiosa em Três Lagoas. Além de seus dízimos, elas contribuíam com ofertas especiais, vendiam doces e ovos¹⁰⁷. As Senhoras também organizavam festas de cunho social e juvenil, com o objetivo não só de fazer arrecadações, mas também de atrair os jovens para a Igreja¹⁰⁸. O pastor João Gregório Urbietta, assim como os outros pastores da Igreja em Três Lagoas, precisavam da autorização das mulheres da igreja local para a liberação de dinheiro para financiar as missões evangelísticas¹⁰⁹. Isso mostra que, como hoje, já naquela época a agrupação das senhoras tinha um caixa próprio para auxiliar o caixa da igreja local. Além de manter as missões na própria região, a Sociedade das Senhoras também colaborava com quantias significativas com as missões evangelísticas nacionais.¹¹⁰

Percebe-se, portanto, a importância da mulher, dona-de-casa, dentro da Igreja Batista de Três Lagoas. Apesar de não fazer parte da diretoria administrativa da Igreja e de, muitas vezes, não terem emprego fora do lar – por questões de costumes machistas da sociedade da época, elas é que foram base de sustentação do desenvolvimento da denominação em estudo.

A “Sociedade Batista Juvenil” também colaborou com as finanças da Igreja. Conforme os relatórios da Tesouraria, no ano de 1931, os jovens cederam à Igreja uma significativa quantia em dinheiro.¹¹¹

Como associações autônomas, independentes do Estado, as igrejas batistas incentivam nos seus membros a capacidade de saber administrar seu dinheiro e ser ativo na provisão do sustento. Na Igreja Batista de Três Lagoas, a situação não era diferente. Nesse sentido, numa das atas de 1928 da reunião da diretoria da Igreja, se lê:

Ainda foi concedida a palavra a irmã thezoureira para effectuar a leitura ao relatório, sendo também aprovado com o saldo de 74\$800 sendo 24\$000 para a Igreja para a caixa e para negócio.¹¹²

A Igreja Batista utilizava suas finanças para: comprar e (muitas vezes revender)

¹⁰⁶Idem

¹⁰⁷Ata Geral da Igreja Batista em Três Lagoas, 07 de abr. de 1928, p. 02.

¹⁰⁸Ata Geral da Igreja Batista em Três Lagoas, 1932, p.10.

¹⁰⁹Ibidem

¹¹⁰Ata Geral da Igreja Batista em Três Lagoas, 07 de abr. de 1928, p. 07-09.

¹¹¹Ata Geral da Igreja Batista em Três Lagoas, 1931, p. 08.

¹¹²Ata do dia 12 de março de 1928, p. 02.

produtos como ovos, uvas, vinhos, doces, madeiras, pregos, tijolos, bíblias, livros, peixes, envelopes, velas, giz, vasos, lâmpadas, ratoeiras, borracha, pincel, passagens, entre outros. Com isso assinalamos que a igreja também cumpria um papel importante dentro do comércio de Três Lagoas, fomentando as vendas varejistas e, algumas vezes, oferecendo aos moradores a oportunidade de compra de livros e bíblias, estimulando assim a leitura e a cultura letrada da população três-lagoense.

A Igreja fez muitas reformas, utilizando a mão-de-obra de muitos profissionais como pedreiros, carpinteiros, zeladores e obreiros. Além de trabalhadores do setor de construção civil, outros profissionais foram empregados pela Instituição entre as décadas de 1920 e 1930, tais como pastores, caseiros, evangelistas, jornalistas, caminhoneiros, serventes, hoteleiros, mercadores, entre outros. Entre esses trabalhadores, os batistas costumavam trabalhar de forma voluntária; sendo pagos aqueles prestadores de serviço sem vínculo com a igreja.

Quanto às finanças da Igreja em 1937, observou-se que os dízimos e as ofertas oscilavam nesse ano e que a Igreja contava com a contribuição financeira de seus membros regularmente.¹¹³ No mês de maio de 1937, foram 25 adeptos da Igreja que contribuíram com os dízimos e ofertas¹¹⁴.

A partir de 1937, os membros da denominação Batista local passam a sustentar seu próprio pastor, João Gregório Urbieta e/ou Luis de Assis e também a pagar a viagem dos pastores para Santana e Divisa. Até então, a igreja batista em Três Lagoas recebia auxílio financeiro do missionário Sherwood, mas, a maior parte dos trabalhos da Igreja Batista local era sustentado mediante os dízimos e as ofertas de seus próprios membros.

Além de pagar o salário e os gastos de viagens dos pastores, as contribuições serviam para financiar a manutenção e os investimentos da Igreja em melhorias. Parte dos seus recursos era destinada para colaborar com o Hospital Batista Paulistano, (localizado na capital do Estado de São Paulo, onde várias pessoas de todo o país iam se tratar devido à precariedade do serviço de saúde no interior do Brasil, inclusive no Mato Grosso), e escola de obreiras. Os batistas de Três Lagoas destinavam parte do seu dinheiro para manter o hospital mencionado porque vários três-lagoenses faziam tratamento de saúde no Estado de São Paulo.

A Igreja Batista local também emprestava dinheiro para seus membros. Em 1939, a integrante da Igreja Dona Maria Perseveranda pegou um empréstimo. A batista Dalvina

¹¹³Ata Geral da Igreja Batista em Três Lagoas, 1937, p. 03.

¹¹⁴Idem.

Onorato também recebeu ajuda, tendo usado esse empréstimo e parte de suas economias para arcar com as despesas do aniversário do pastor João Gregório Urbietta.¹¹⁵

Parte do dinheiro da igreja era também utilizada na compra de Revistas de Estudo para os membros e de livros para a biblioteca e para revenda, na impressão de folhetos de divulgação, na manutenção da Escola Bíblica Dominical, no auxílio à Casa Publicadora Batista e ao Seminário Batista do Rio de Janeiro. Os dízimos e ofertas também foram usados na quitação da energia elétrica, na manutenção da Biblioteca, no investimento da Educação Cristã, na casa pastoral. Além disso, parte dos recursos era destinada para a “caixa dos pobres”, um fundo social da Igreja em prol dos mais necessitados.

A Igreja Batista de Três Lagoas recebia donativos tanto de seus membros como dos simpatizantes que frequentavam os trabalhos evangelísticos internos quanto da sua Congregação em Divisa¹¹⁶.

A Igreja Batista de Três Lagoas desde a sua fundação tem realizado trabalhos sociais acompanhados tanto pela educação quanto pela evangelização. Muitos batistas da localidade investiram na educação ao alfabetizar as pessoas para depois evangelizá-las. Esse trabalho foi feito tanto pelo missionário Sherwood quanto pelo pastor Urbietta, entre outros (NOGUEIRA, 2004; URBIETA, 1960). Mas, a alfabetização não era essencial.

A busca por melhor educação foi um dos impulsos para os primeiros batistas da cidade organizar a Igreja em 1925, como aponta o pastor Jonathan “(...) Esse crescimento foi grande, eles construíram casas e fizeram muitos trabalhos, porque eles queriam educar os filhos (...)”.¹¹⁷

Junto com a fundação da Igreja foi montada a Escola Bíblica Dominical, onde também eram alfabetizadas e evangelizadas as crianças. Além disso, a Igreja mantinha uma biblioteca e incentivava crianças, jovens e adultos a lerem não só a Bíblia, como outros livros religiosos e jornais da denominação.

Na década de 1920, o ensino primário e secundário no município era precário, e por isso a educação formal que os filhos dos batistas recebiam dependia da Igreja, por meio da Escola Bíblica Dominical. Conforme Cattanio (1976, p. 49), nos primeiros anos da formação de Três Lagoas, havia algumas pequenas escolas particulares que atendiam a população. Em 1920 foi implantada a Escola 2 de Julho, também particular, que se tornou a maior escola do município, e oferecia curso primário e secundário e o internato para os

¹¹⁵ Ata Geral da Igreja Batista em Três Lagoas, 1939-1940, p. 66-87.

¹¹⁶ Livro da Tesouraria da Igreja Batista em Três Lagoas, 1937, p. 4 -10, 51- 52.

¹¹⁷ Entrevistado: Jonathan de Oliveira, Data 12 de Outubro de 2008.

estudantes que não residiam na cidade. Somente em 1927 foi construído o primeiro estabelecimento de ensino público, no bairro Santa Luzia. Tanto a Escola 2 de Julho quanto a Escola do Bairro Santa Luzia, não eram dirigidas pela Igreja Batista local. A única escola que os batistas ofereciam para alfabetizar e evangelizar o povo de Três Lagoas até essa época era Escola Bíblica Dominical.

O pastor Jonathan relata que até a década de 1930, o ensino no Mato Grosso ainda era muito precário. Ele teve que sair do Estado para completar os estudos como conta no mesmo relato: “(...) não tinha como fazer ginásio”, quando ele saiu de Três Lagoas, para estudar, “tinha a vontade de fazer a vontade de Deus” e foi para Campinas, onde eu fiz “o ginásio para depois ir ao Rio de Janeiro fazer bastante estudos para o trabalho do Senhor (...)”¹¹⁸.

Como até 1927 as únicas pessoas que tinham a oportunidade de estudar em Três Lagoas eram aquelas que tinham condições de pagar, a Igreja Batista local se sentiu na obrigação de ensinar e educar seus membros carentes tanto com o ensino regular quanto religioso. O trabalho batista local “foi crescendo e a Cidade foi sempre muito boa, tinham rapazes que queriam estudar, então eles vieram para Igreja para isto (...)”¹¹⁹.

Para os batistas a alfabetização era muito importante, porque - como é sabido - junto a outras igrejas protestantes são conhecidas como “religião do livro”. A Igreja Batista local alfabetizou muitos indivíduos para habilitá-los a ler a Bíblia, os Hinários, Jornais e livros.

A Igreja tinha uma Escola Bíblica Dominical, que funcionava domingos de manhã, e uma Escola de Treinamento, que funcionava à noite. Elas tinham por objetivo preparar as pessoas para evangelizar aqueles que “ainda não conheciam Jesus Cristo como Senhor e Salvador”.

Quando ocorreu o início da evangelização em Três Lagoas por intermédio dos batistas, podemos considerar que os referidos protestantes almejavam “ganhar almas para Cristo”. Os evangélicos de forma geral queriam eliminar a prostituição, o assassinato, a violência, o assalto, os vícios de drogas, entre outras coisas que eram consideradas como pecados. Desta forma, os batistas objetivavam transformar pecadores em “santos”. A santidade que a Denominação Batista local tanto queria para os três-lagoenses também seria uma forma de manter a ordem e a disciplina de acordo com a “vontade de Deus”. Seria uma ação para ajudar os governantes a administrar a Cidade, uma ação para

¹¹⁸Idem.

¹¹⁹Ibidem.

implementar a cidadania.

Em Três Lagoas, tanto os adultos quanto as crianças se converteram à Igreja Batista. Essas pessoas ao se converterem, eram acolhidas pela igreja como pessoas novas na fé cristã, que precisavam ser doutrinadas segundo os batistas para poder posteriormente evangelizar outros indivíduos não batistas. Os novos membros batistas ao se converter “largavam” todas as práticas consideradas “pecadoras” pela Igreja. Não poucas vezes essas práticas eram matar, roubar, prostituir-se e violentar.

Conforme crescia a urbanização, crescia também o número de pessoas marginalizadas. Os batistas investiam na evangelização nos setores marginalizados, como uma forma de apostar em mudanças na vida dessas pessoas e ajudar os governantes a administrar a sociedade. A Igreja Batista local acreditava que quando seus membros acatavam e se transformavam em novos costumes e atitudes éticas, conforme a vontade de Deus, a salvação tornava-se concreta e real.

Então, na concepção batista, essa “santidade” inculcaria nos seus membros valores morais e sociais que contribuiriam para o “desenvolvimento” da cidade. A Igreja acreditava que tais indivíduos, “regenerados” passariam a se interessar e trabalhar pelo “progresso” da sociedade. “Santidade” e “cidadania” para a denominação Batista são duas ações que devem andar juntas para que a humanidade “não permaneça no atraso”. É por isso que a Igreja em Três Lagoas buscava combater a marginalização.

Mas ela também buscou converter tanto os pobres quanto os ricos da cidade, porque acreditava que todos os seres humanos precisavam ser salvos e para isso acontecer o protestantismo era o “melhor caminho”.

Com relação aos povos excluídos, os batistas investiram em obras de ação social, não só em colégios, seminários e faculdades, mas também em orfanatos e hospitais localizados em capitais nacionais, mantidos através de donativos arrecadados em diversas Igrejas Batistas do Brasil e com apoio de órgãos estaduais e locais. A Igreja Batista em Três Lagoas desde o início da sua fundação têm contribuído também com essas instituições e indiretamente sustentado esses trabalhos sociais, especialmente para atender as pessoas carentes¹²⁰. Quando algum membro da Igreja Batista de Três Lagoas tivesse necessidade de tratamento de saúde, poderia contar com a irmandade batista local, que o ajudaria a se deslocar até o hospital batista com o qual a comunidade contribuía. O mesmo acontecia com algumas pessoas carentes da cidade.

¹²⁰ SILVA, João Luiz da. Primeira Igreja Batista em Três Lagoas. Três Lagoas, 2008, p. 03.

Desde ações simples como a venda de Bíblias, doces e ovos, até a alfabetização eram trabalhos realizados pela Igreja Batista local com o objetivo de formar pessoas para servir ao seu próximo tanto no aspecto material e quanto espiritual.

De acordo com os programas específicos da Igreja, cada um dos membros realizava uma atividade, seja auxiliando o pastor, orientando na escola de formação de pregadores da Igreja, visitando os hospitais, colégios e acampamentos, fazendo cultos e estudos nas praças e nas casas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a pesquisa realizada, vários assuntos relativos ao tema do protestantismo no Brasil e no Mato Grosso nos chamaram a atenção e foram alvo de uma análise mais profunda. Entre os temas que destacamos está a ligação entre a teologia batista e a ideologia capitalista, que incentiva o progresso material e financeiro como resultantes de uma dedicação ao trabalho e à “honestidade”, a prosperidade como uma retribuição Divina à retidão de caráter.

Mesmo a vinda dos protestantes ao Brasil já estava imbuída de um ideário de progresso, uma vez que a política externa do Imperador Dom Pedro II incentivou a vinda de protestantes ao Brasil para que a educação e qualificação profissional destes imigrantes pudesse promover um avanço intelectual e “civilizatório” da população e do país. O incentivo à chegada de imigrantes escondia por trás de si o intuito de miscigenar a população brasileira majoritariamente negra, de forma que em poucas décadas houvesse no país um número maior de pessoas brancas, consideradas dentro daquele contexto teórico uma população mais adiantada na escala evolutiva da espécie humana. Em ambas correntes migratórias, muitos protestantes oriundos da Alemanha, Suíça, Inglaterra, Estados Unidos, e de outros países vieram ao Brasil.

Ao se estabelecer no país, os protestantes buscaram ter influência no âmbito sócio-político. No presente estudo, levantamos dados que apontam que, no caso dos batistas, além da atuação dentro das igrejas, houve envolvimento de membros com a maçonaria e em cargos públicos, e muitos batistas se tornaram profissionais liberais de prestígio junto à sociedade, conquistando importância no cenário sócio-político brasileiro. Numa análise sobre o município em estudo, podemos verificar que o padrão se repetiu em Três Lagoas, onde os primeiros batistas eram profissionais do setor de escritório da Estrada de Ferro Noroeste Brasil, militares e pequenos empresários ou fazendeiros, tendo, portanto, prestígio na sociedade local.

A despeito dessa relação de poder que envolve a imigração e estabelecimento dos protestantes no Brasil, podemos verificar que nem sempre o peso político dos batistas foi utilizado para fortalecer os ideais progressistas sustentados tanto pela teologia batista quanto pela ideologia republicana. No Brasil, existiram os batistas conservadores e os liberais. Os conservadores vieram para o país com o intuito de colonizar as terras e

estabelecer latifúndios baseados na mão-de-obra escrava, o que já era proibido em seus países de origem, mas tolerado nas terras brasileiras. Já os liberais vieram ao país com a missão de evangelizar e fazer crescer o protestantismo no Brasil. Argumentavam que a escravidão era incompatível com a fé cristã, que prega igualdade e respeito ao livre-arbítrio. Na lógica batista, apenas se alforriado o negro poderia livremente confessar a Jesus como seu salvador e assim ser batizado e se tornar membro da igreja. O fim da escravidão significava, portanto, a possibilidade de atrair adeptos que eram desconsiderados pela Igreja Católica.

Quando do estabelecimento dos batistas em Três Lagoas, o tema da escravidão já não estava em pauta na sociedade, sendo, na época, praticamente um consenso sobre a não legitimidade de tal forma de exploração do trabalho. Por esse motivo consideramos natural não haver nenhuma menção ao tema nos documentos levantados a respeito da história da Igreja Batista local. Por outro lado, também não verificamos nenhuma manifestação a respeito da questão indígena, mais preeminente à realidade local, o que é um indício de que os batistas de Três Lagoas não quiseram se envolver em temas mais contundentes da sociedade local, apesar da grande injustiça que se configurou nas relações entre os povos indígenas e não-indígenas.

Quanto à “questão de gênero” também apuramos algumas ações pontuais de membros da Igreja em Três Lagoas conflitantes com a teologia batista. Em tese, a Igreja Batista defende os direitos individuais e a igualdade entre as pessoas. Dentro da obra batista, as mulheres não foram limitadas a exercer atividades específicas dentro da igreja. Elas tinham a missão de se educar e ser educadoras dentro dos lares e na sociedade, sendo incentivadas a exercer diversas profissões, de forma a influenciar os diferentes setores sociais, para divulgação da obra batista. Contudo há a restrição de que a mulher não pode ser pastora, o que já expressa contradição entre a teoria e as práticas sociais.

No caso específico de Três Lagoas, pudemos averiguar várias atitudes de restrição à participação da mulher não só na comunidade ou dentro da institucionalidade da igreja, mas até mesmo na própria presença dentro do estabelecimento religioso, como no caso em que o missionário Sherwood proibiu as mulheres de utilizar do salão principal da Igreja Batista de Três Lagoas. Contudo devemos relativizar a análise deste e de outros fatos apresentados na tese no que se refere à questão de gênero, contextualizando-os na realidade local e do recorte temporal escolhido para a pesquisa. Nas décadas de 1920 a 1940, no Centro-Oeste brasileiro, a baixa escolaridade e a cultura coronelista tinham forte impacto na estrutura social, havendo para a mulher espaço apenas como boas donas de casa e

dedicadas somente ao marido e aos filhos. Este comportamento generalizado se refletia também dentro das famílias batistas.

Por outro lado, a extrema relevância das mulheres dentro da obra batista em Três Lagoas, mesmo que sem ocupar cargos de diretoria executiva (ao menos no recorte temporal escolhido), influenciou a comunidade batista e também a três-lagoense a conceder cada vez mais espaço às mulheres frente a ações comunitárias de grande importância, como na educação.

De qualquer forma, nosso trabalho não atém à crítica das ações pontuais contraditórias à ideologia de liberdade individual e progresso que fazem parte da teologia batista. Registramos nesta tese a atuação dos protestantes, em especial da denominação Batista, em várias áreas de extrema importância para a sociedade brasileira, como os setores de saúde e educação, tão precários nas décadas de 1920 a 1940.

Os protestantes no Brasil, paralelamente com a evangelização, tentaram diminuir o analfabetismo, para que as pessoas convertidas pudessem ler a Bíblia. Em Três Lagoas a contribuição na área educacional se deu através da Escola Bíblica Dominical, onde muitas pessoas foram alfabetizadas de modo informal para que pudessem fazer parte dos estudos bíblicos, até porque a educação era bastante precária não somente em Três Lagoas, mas no Brasil de forma geral.

De acordo com os registros apurados e até mesmo com os entrevistados durante nossa pesquisa, as ações de educação e evangelização tiveram impacto no “progresso” de Três Lagoas. Entenda-se aqui a auto-compreensão civilizatória desta Igreja.

Nas décadas de 1920 até 1940, quando da formação da cidade em si, havia um grande número de pessoas migrantes e uma população volante bastante pronunciada em Três Lagoas, o que naturalmente também fez com que a localidade se tornasse palco de uma criminalidade muito elevada, o que se somava ao comportamento “mundano” dos trabalhadores que estavam longe de suas famílias e origens, trabalhando para a NOB.

A pregação protestante realizada pelos pastores e membros da Igreja Batista local, visava, na compreensão daqueles protestantes, contribuir para a conduta ética e moral na cidade de Três Lagoas, conduzindo seus membros a um comportamento entendido como de “cidadania”, incentivando o trabalho “honesto”, e “evitando” os homicídios, roubos, prostituição.

Apesar dessa atuação de relevância junto à sociedade três-lagoense, encontramos alguns indícios de que a Igreja Batista local teve certo nível de conflito com a Igreja Católica, ambas instituições disputavam o campo religioso através dos meios de

comunicação, das festas populares e da utilização de espaços públicos. Da mesma forma que a Igreja Católica tentava combater a Igreja Batista, os batistas revidavam os ataques do catolicismo. Se por um lado bispos da Igreja Católica se pronunciavam contra o protestantismo, o pastor Urbietta realizou grande campanha contra a Folia de Reis na imprensa local.

E se por um lado a Igreja batista viveu fortes conflitos com a Igreja Católica nas primeiras décadas após sua fundação, desde o início do trabalho local até a atualidade, os batistas de Três Lagoas mantêm uma relação ecumênica com os evangélicos de outras denominações: Assembléia de Deus, Metodista, Presbiteriana, Luterana e Pentecostais. A Igreja Batista mantém restrição à relação ecumênica com o catolicismo e com o espiritismo. Nesta relação ecumênica não se discutem doutrinas, porque o único ponto em comum no ecumenismo evangélico é orar pelos irmãos, pelas autoridades e criar trabalhos sociais.

Este contexto de disputa entre as igrejas Católica e Batista durante o recorte temporal definido para esta tese, analisamos que, ao investir no setor de educação com a fundação de escolas, seminários e universidades, os batistas trabalharam na formação de uma nova elite intelectual, que de certa forma concorria com a elite católica tradicional. Assim, os batistas conseguiam promover os seus membros a lugares de destaque na sociedade brasileira, o que acrescentava poder e prestígio à sua comunidade religiosa.

Os batistas consideravam a Igreja Católica atrasada, pois ela se baseava em dogmas e não no estudo bíblico, centralizando na figura do padre todo o conhecimento e todas as decisões, enquanto para os batistas as decisões da igreja partem de seus próprios membros, que tem autonomia e liberdade de consciência. Dessa forma, o objetivo dos primeiros missionários que chegaram ao Brasil era trazer desenvolvimento ao país, convertendo os católicos e pessoas de outras religiões.

Aqui se estabelece uma grande diferença entre ambas igrejas. Os membros da Igreja Batista foram a “mola propulsora” que possibilitou o crescimento da instituição. Apesar de não ter fundado nenhuma instituição educacional ou de saúde na cidade de Três Lagoas, os membros da igreja batista sempre colaboraram financeiramente com as obras sociais de outros municípios, para onde enviavam estudantes e pessoas enfermas, em caso de necessidade. Para arrecadar fundos para estas obras, verificamos ações sociais de mulheres e jovens, dois setores da sociedade que não contavam com políticas públicas de promoção da educação e de lazer à época, portanto, dois possíveis alvos de passividade e ignorância. No entanto a Igreja Batista oferecia a eles estudo e trabalho, para que pudessem

ser protagonistas em ações sociais de relevância.

Também é importante salientarmos que o trabalho dos membros da Igreja Batista não se restringia a arrecadação financeira. Diante dos dados levantados, podemos afirmar que, no caso de Três Lagoas, foi pela proatividade da membresia, ao dar suporte aos seus pastores, que estes tiveram condições de exercer um trabalho missionário no Sul do Estado do Mato Grosso. A Igreja Batista em Três Lagoas não se desenvolveu só sob a influência de seus pastores, pois muitos outros líderes ocupam cargos que implicam em intensas atividades de estudo e administração nas associações internas, por meio das quais eles estão constantemente formando os “irmãos” e as “irmãs”. Na falta dos pastores, os membros não se sentiam intimidados a realizar os cultos. Além disso, eram os membros que, através do seu exemplo e palavra, convidavam mais e mais pessoas a participar da igreja.

Verifica-se, portanto, que podemos considerar a Igreja Batista uma igreja missionária, pelo seu engajamento em abrir pontos de pregação e congregações em diversas cidades e em contribuir para as missões e ações sociais regionais e nacionais. As pessoas passam a ver o mundo acima do local, e adquirem a noção de mundo vasto, na igreja: “um mundo que precisa de salvação através da ação dos batistas”.

Destacamos novamente que a teologia protestante toma parte da ideologia do Capitalismo, uma vez que prega o trabalho como dever do homem e considera a acumulação de lucros como direito – mesmo que resultante da exploração da mão-de-obra alheia – e sinal de prosperidade abençoada por Deus. O trabalho é um sinal de virtude e o batista é incentivado a buscar, através do trabalho, melhorar sua condição de vida e buscar ascensão social.

Entendemos que as ações da Igreja Batista de Três Lagoas no sentido de estimular a proatividade das mulheres e jovens, de realizar a alfabetização da população interessada, de incentivar a educação, financiar obras assistenciais, têm resultados positivos para a comunidade três-lagoense. A não conformidade com as situações de pobreza, pregando o esforço individual como fator de promoção humana também tem seu mérito por trabalhar a auto-estima e capacitação do indivíduo.

Mas, não deixamos de perceber que existe um posicionamento de conformismo no que se refere à injustiça social estrutural. Ao pregar a salvação advinda de esforço individual, o esforço coletivo é minimizado. A Igreja Batista encara como coletividade os membros da igreja. Finalizamos este trabalho com uma análise crítica frente ao “progresso” social que a teologia batista pregou (a) acerca da conversão de seus membros e

os reflexos no desenvolvimento de uma sociedade Capitalista, não somente na cidade de Três Lagoas mas em todo o mundo.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ALVES, Gilberto L. *Mato Grosso e a História – 1870-1929: ensaio sobre a transição do domínio econômico da casa comercial para a hegemonia do capital financeiro*. Boletim Paulista de Geografia, São Paulo, n. 61, p. 5-81, 2. sem.1984.

AZEVEDO, Israel Belo de. *A celebração do indivíduo: a formação do pensamento batista brasileiro*. São Paulo: Vida Nova, 2004.

AZEVEDO, Marcos Antonio Farias de. *A liberdade cristã em Calvino: uma resposta ao mundo contemporâneo*. Tese de Doutorado em Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC RIO. 2007.

BARBOSA, José Carlos. *Negro não entra na Igreja: espia da banda de fora - protestantismo e escravidão no Brasil Império* (apresentação: Duncan Alexander Reily). Piracicaba: Unimep, 2002.

BELLAMY, Richard. *Liberalismo e sociedade moderna*. São Paulo: UNESP, 1994.

BERNARDES, Regiane, SOUZA, Rosimeire Armelinda de, FARIAS, Vânia Duque de. *A Estrada de Ferro Noroeste do Brasil e a cidade de Três Lagoas*. 2002. Monografia. (Licenciatura em História), Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas.

BITTAR, Marisa. *Sonho e realidade: vinte e um anos da divisão de Mato Grosso*. Multitemas- Periódico das comunidades departamentais da UCDB, Campo Grande, n. 15, p. 93-124, out. 1999.

BORGES, Fernando T. M. *Do extrativismo à pecuária: algumas observações sobre a história econômica de Mato Grosso (1870-1930)*. 2 ed. São Paulo: Scotecchi, 2001.

BURKE, Peter. *A escrita da História: novas perspectivas*. Trad. Magda Lopes. São Paulo: Edunesp, 1992.

BURNS, Edward Mcnall. *História da Civilização Ocidental*. Rio de Janeiro: Editora Globo, 1971.

CAVALCANTI, H. B. *O projeto missionário protestante no Brasil do século XIX: comparado a experiência presbiteriana e batista*. In: Revista de Estudos da Religião - REVER. São Paulo: PUC, nº 04, 2001. Disponível em: www.pucsp.br/rever. Acessado em 29/07/08 às 8 horas.

CAVALCANTE, Maria Irene. *O resgate histórico da Primeira Igreja Batista de Campo Grande e suas contribuições à sociedade campograndense*. 2001. Monografia (Bacharel em História), Universidade Dom Bosco, Campo Grande.

CATTANIO, Marieta Bernadeth. *Dinâmica urbana e a estruturação espacial de Três Lagoas*. 1976. Dissertação (Mestrado em Geografia)- Faculdade de Filosofia de Ciências e

Letras “Sagrado Coração de Jesus”, Bauru.

CORRÊA, Valmir Batista. Coronéis e bandidos em Mato Grosso. Campo Grande: UFMS, 1995.

DEL PRIORI, Mary. Religião e Religiosidade no Brasil colonial. São Paulo: Ática, 2001.

DUTRA, Carlos Alberto dos Santos. *Ofaié* : morte e vida de um povo. Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, Campo Grande-MS, 1996.

ELLIOT, João Henrique. A Emigração dos Cayuaz. Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil, Rio de Janeiro, n. XIX, p. 435-447. 1900.

FEITOSA, José Alves. Breve histórico dos batistas no Brasil. Rio de Janeiro: Souza Marques, 1978.

FERREIRA, Ebenézer Soares. História dos batistas fluminenses. Rio de Janeiro: Editora do autor, s.d.

FERREIRA, Valdinei Aparecido. *A expansão internacional das Igrejas Evangélicas: direção e sentido*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1999.

_____. O protestantismo na atualidade. In: Revista Espaço Acadêmico, nº 59- Abril de 2006.

GALETTI, Lylia S. G. *Nos confins da civilização: sertão, fronteira e identidade nas representações sobre Mato Grosso*. 2000. 358f. Tese (Doutorado em História Social)- FFLCH/USP, São Paulo.

GINSBURG, Salomão Luiz. Um judeus errante no Brasil. 2ª ed. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1970.

GIUMBELLI, Emerson. A Religião que a Modernidade Produz: Sobre a História da Política Religiosa na França. Vol. 44. Rio de Janeiro: Revista Eletronica SciELO Brazil, 2001.

HERMANN, Jacqueline. História das religiões e religiosidades. In. Cardoso, C. F. & Vainfas, R. Domínios da História. 5ª ed. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

HOBBSAWN, Eric. *Nações e nacionalismos desde 1780: programa, mito e realidade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

JANOTTI, Mônico; ROSA, Zita de Paula. História Oral: uma utopia? Revista Brasileira, São Paulo, v. 13, n 25/26, p. 7-16, set 92/ ago. 93.

LE GOFF, Jacques. Documento/ Monumento. In: LE GOFF, Jacques. História e memória. 4ª ed. Campinas: Unicamp, 1996. p. 423- 477.

LEHMANN, O. M; TREVISOL, J. V. As raízes religiosas na escola comunitária do Sul do

Brasil. In: VI Congresso Internacional de Educação, 2007, Concórdia. Anais do VI Congresso Internacional de Educação. Educação: visão crítica e perspectivas de mudança. Concórdia: Editora UnC, 2007. v. 01. p. 01-16. Disponível em www.pesquisa.uncnet.br/pdf/educacao. Acessado em 29/07/08 às 7 horas.

LENHARO, Alcir. *Colonização e trabalho no Brasil: Amazônia, Nordeste e Centro Oeste*. 2.ed. Campinas: Ed. Unicamp, 1986.

LEVORATO, Adão Valdemir. *Três Lagoas: Dama em Preto e Branco (1918- 1964)*, Três Lagoas: EVERRGRAF, 1998.

LYRA, Jorge Buarque. *A maçonaria e o cristianismo*. 13ª Ed. Rio de Janeiro: Tupi, 1953.

MARTIN, Jesus Hernandes. *A história de Três Lagoas*. São Paulo: Editora do autor, 2000.

MENDONÇA, Antonio Gouvêa. *O celeste porvir: a inserção do protestantismo no Brasil*. São Paulo: Aste, 1995.

MENDONÇA, Nadir Domingues. *A (Des) Construção das (Des) Ordens: poder e violência em Três Lagoas (1915-1945)*. 1991. Vol. I e II. Tese (Doutorado em História)-USP, São Paulo.

MESQUITA, Antônio N. de. *História dos Batistas do Brasil*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista do Rio de Janeiro, 1940.

NOGUEIRA, Sérgio. *Ann Mae Louise Wollerman: Recorte biográfico e sua contribuição para a historiografia batista de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul*. Dourados: Inove, 2004.

NOGUEIRA, Sérgio. *Ann Mae Louise Wollerman: Recorte biográfico e sua contribuição para a historiografia batista de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul*. São Paulo, 2003. Dissertação. Umesp São Bernardo do Campo,

OLIVEIRA, Ana Paula de. SIQUEIRA, Sandra Maria Brito. *Urbanização da Lagoa Maior (monografia do curso de História – Licenciatura Plena) UFMS – CEUL*. Três Lagoas, 1997.

OLIVEIRA, Betty Antunes de. *Centelha em restolho seco*. Rio de Janeiro: da autora, 1985.

PEREIRA, José dos Reis. *História dos Batistas no Brasil*. Rio de Janeiro: JUERP, 2001.

PESSOA, José Moita dos Reis. *As memórias (ou as reminiscências) do pastor Mota: autobiografia*. São Paulo: Editora do autor, 1991.

PELEGRINA, Gabriel Ruiz. *Memórias de um ferroviário*. Bauru: Edusc, 2000.

PINHEIRO, Elias Oliveira. *Para além do proselitismo protestante: as mudanças causadas na configuração do campo religioso brasileiro durante as atividades protestantes no Brasil (1850-1900)*. Goiás: UEG, 2004.

Disponível em: www.revistaancora.com.br2/06.pdf. Acessado em 26/07/08 às 8 horas.

- LUCA, Tania Regina. *Uso dos, nos e por meio dos Periódicos*. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org). Fontes históricas. São Paulo: Contexto, 2005.
- REILY, Duncan Alexander. História documental do protestantismo no Brasil. 3ª ed. São Paulo: Aste, 2003.
- ROLIM, Francisco Cartaxo. *Pentecostais no Brasil: uma interpretação sócio-religiosa*. Petrópolis: Vozes, 1985.
- SANTOS, Edwiges Rosa. A implantação e estratégias de expansão do protestantismo presbiteriano no Brasil império. São Paulo: PUC, 2005, P. 173-192.
Disponível em www.pucsp.br/ultimo_andar. acessado em 26/07/08 às 8 horas.
- SILVA, Elisete da. Visões protestantes sobre a escravidão. In: Revista de Estudos da Religião, nº 01, 2003, p. 1-26.
Disponível em: www.pucsp.br/rever/rv1_2003/p_silva.pdf. Acessado em 01/08/ 08 às 10 horas.
- SILVA, Maria Abádia da. *Educadores e educandos: tempos históricos*. Brasília: UnB, 2005.
- SILVA, Paulo Florêncio. *Maçonaria: contra ou a favor? Bíblia responde*. Vitória: 1987.
- SILVEIRA, Maria Aparecida Antunes. *As Igrejas históricas de Três Lagoas*. 2000, Monografia (Especialização em História), Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas.
- SOUSA MIRANDA, Marcos Paulo de. *Jurisdição dos Capitães*. Belo Horizonte: Del Rey, 2003.
- TRAPP, Carlos Osmar. *Evangélicos em Campo Grande: Origens e desenvolvimento*. Campo Grande, 1999.
- URBIETA, João Gregório. *Semeando a boa semente: autobiografia do pastor João Gregório Urbietta*. Rio de Janeiro: Evangélica Dois Irmãos S.A., 1960.
- VIEIRA, David Gueiros. *O protestantismo, a maçonaria e a questão religiosa no Brasil*. Brasília: EdUnb, 1980.
- VASCONCELOS, Cláudio Alves de. *Protestantes e Católicos em Mato Grosso: relações conflitivas no início do século XX*. Revista Fronteiras, Janeiro a Junho de 2002.
- WATANABE, Tiago Hideo Barbosa. A construção da diferença no protestantismo brasileiro. Revista Aulas, v. 04/05, p. <http://www.unic>, 2008.
- WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. 4ª ed. São Paulo: Pioneira de Ciências Sociais, 1973.

Fontes Escritas

Almanaques

Almanaque Batista da Convenção Batista Brasileira. *Estatística geral das Igrejas Batistas, referente ao ano de 1948*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1950.

Atas

Atas e pareceres da 68ª e 69ª Assembléia Anual da Convenção Batista Brasileira (CBB). Vitória e Brasília: Casa Publicadora Batista, 1987 e 1988.

Ata nº 1 da Associação Evangélica Mato-Grossense, Campo Grande, 25/05/1943.

Ata nº 1 da Associação Evangélica Mato-Grossense, Campo Grande, 05/06/1944.

Ata da Terceira Reunião da Junta Mato-Grossense, 02/08/1945.

Ata nº 03 da Convenção Batista de Mato Grosso, 03/12/1948.

Ata nº 01 da Assembléia da Convenção Batista Mato-Grossense, 1948.

Ata Geral da Igreja Batista em Três Lagoas, 1928.

Ata Geral da Igreja Batista em Três Lagoas, 1932.

Ata Geral da Igreja Batista em Três Lagoas, 1931.

Ata Geral da Igreja Batista em Três Lagoas, 1937.

Livro da Tesouraria da Igreja Batista em Três Lagoas, 1930 - 1940.

Boletins Informativos

A Maçonaria e o Cristianismo. *Loja Maçônica Antônio João*. Dourados, 16 out. 2006.

SILVA, João Luiz da. *Igreja Batista em Três Lagoas*, 2008.

SOBRINHO, Nilo Capello. *Folia de Reis em Três Lagoas*. Disponível em <<http://www.3lagoas.com.br>> acessado em 7 de maio de 2007 às 18h40 min.

Jornais

2675 igrejas. *O Batista*, Rio de Janeiro, 17 out. 1976.

As convenções do Rio, *O Batista*, Rio de Janeiro, 19 jan. 1975.

A voz e o apelo da estatística. *O Batista*, Rio de Janeiro, 31 dez. 1978.

CAVALCANTE, Ebenézer Soares. Uma epopéia Batista. *O Batista*, Rio de Janeiro, 09 mar. 1975.

CAVALCANTE, Ebenézer Gomes. Amazonas: origens evangélicas. *O Batista*, Rio de Janeiro, 30 nov. 1975.

FERREIRA, Ebenézer Soares. Há cem anos igreja e pastor metodista se tornavam batistas. *O Batista*, Rio de Janeiro, 13 ago. 1995.

GASPARINI, Eraldo Luis Pagani. Epopéia de fé no sertão mato-gossense: Os Batistas em Rio Verde. Folha do Pantanal. Rio Verde, 2ª quinzena de mai. 2004.

GAZETA DO COMÉRCIO, 16/12/1945 e 28/12/1947.

MARTINS, Mário Ribeiro. A Igreja Evangélica no Brasil holandês. *O Batista*, Rio de Janeiro, 26 mai. 1974.

Os Bagby e a denominação batista no Brasil. *O Batista*. Rio de Janeiro, 13 a 19 out. 1996.

Primeira Igreja Batista é a pioneira em Três Lagoas. *Boas Novas*. 1ª Quinzena de 2002, ano II, N. 19.

ROSA, Joaquim de Paula, LOPES, Orivaldo Pimentel Lopes e AZEVEDO, Juarez. Brasil 2000: os batistas planejam sua evangelização. *O Batista*, Rio de Janeiro, set 1991.

SOUZA, Diacir de. Igreja Batista comemora 71 anos em Bela Vista, *Diário MS*, Dourados, 21 mar. 2007.

Fontes Orais

ENTREVISTA. João Luiz da Silva. (Estéreo/K7). Produção: Ademar Alves da Silva. Três Lagoas: UFMS, 2003. 2h (aprox.). Son.

ENTREVISTA. Luiz Mendes do Amaral. (Estéreo/K7). Produção: Ademar Alves da Silva. Dourados: UFGD, 2006. 1h (aprox.). Son.

ENTREVISTA. Fé da Silva Pereira. (Estéreo/K7). Produção: Ademar Alves da Silva. Três Lagoas: UFGD, 2008. 2h (aprox.). Son.

ENTREVISTA. Gércia Mendes do Amaral. (Transcrição oral). Produção: Ademar Alves da Silva. Três Lagoas: UFGD, 2008. 1h (aprox.).

ENTREVISTA. Jonathan de Oliveira. (Transcrição oral). Produção: Ademar Alves da Silva. Três Lagoas: UFGD, 2008. 2h (aprox.). Son.

ANEXOS

História dos Batistas do Brasil

de 1907 até 1935

— POR —
ANTÔNIO N. DE MESQUITA
DOUTOR EM TEOLOGIA

Lente de introdução à Bíblia e Sociologia no Seminário do Sul do Brasil e ex-prof. de Hebraico e Velho Testamento no Seminário do Norte do Brasil

Este livro foi escrito e publicado sob a direção do
Departamento de Estatística e História da
Casa Publicadora Batista do
Rio de Janeiro



1940
CASA PUBLICADORA BATISTA
Rua Paulo Fernandes, 24 (Praça da Bandeira)
Caixa 352 — Rio de Janeiro

| | |
|---|----------|
| BIBLIOTECA DO INSTITUTO TEOLOGICO BATISTA "ANS WOLFFEN N" | |
| DOURADOS | MS. |
| CLAS | 286. |
| TOMBO | 488 |
| ORIGEM | doado |
| DATA | 02/09/48 |



Anexo 3



Aniceto Antonio Arão

...á pessoas que somente a força de vontade, aliada a uma construção moral constituída por qualidades as mais elevadas, conseguem contrariar todas as expectativas negativas frente às adversidades postas desde quando vieram ao mundo.

Nascido em Frutal (MG), de uma família bastante humilde, que sucesso na vida poder-se-ia esperar daquele menino franzino, em vora serelepe? As circunstâncias em nada favorciam. Certa noite, quando dormitava, sentiu ser picado por um inseto. Não deu importância.

Menino ainda, viu-se na orfanidade: seu pai, Moisés Antônio Arão, e sua mãe, Donatila Ambrozina Viterbo, faleceram prematuramente.

Um novo lar acolheu Aniceto. A sua tia Anália o recebeu, passando a viver, a hora em Três Lagoas, na companhia de seus primos: Antônio Custódio de Oliveira, General Nelson Custódio (autor do livro "Português ao Alcance de Todos") e Sebastião Custódio de Oliveira, e das primas: Nominanda, Fé, Idolária e Maria Custódia.

Para não se tornar um fardo pesado para a família, desde logo Aniceto procurou trabalhar, buscando o seu próprio sustento.

Aos 27 anos de idade conseguiu emprego definitivo, ao qual dedicou com amor e zelo quase 41 anos de sua vida. No dia 1º de setembro de 1924 foi admitido para trabalhar na Estrada de Ferro Noroeste do Brasil – NOB – de onde seria aposentado no dia 30 de abril de 1965. As oficinas da NOB conheceram a pontualidade, a dedicação e a competência daquele mecânico que gostava de palestrar com seus amigos, que tinha idéias próprias e que nunca escondeu o seu acendrado amor pelo Brasil. Tinha a noção do dever e do respeito para com seus superiores e colegas.

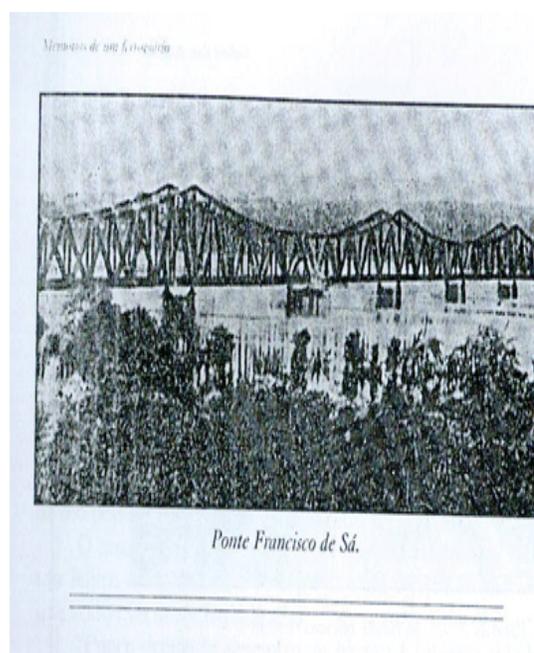
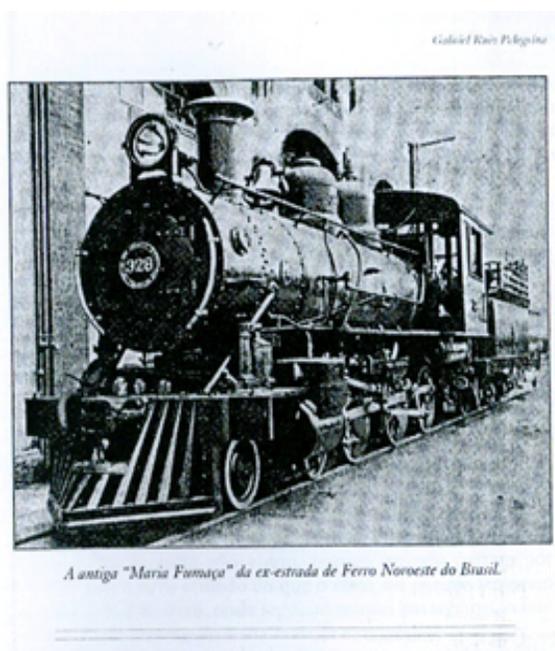
Aniceto Antonio Arão 171

Fotografia de Aniceto Antonio Arão, batista antigo de Três Lagoas. In: MARTIN, Jesus Hernandes. A história de Três Lagoas. São Paulo: Editora do autor, 2000.

Anexo 4



Fotos referentes à NOB, in: PELEGRINA, Gabriel Ruiz.
Memórias de um ferroviário. Bauru: Edusc, 2000.



Anexo 5



Fotos da Missão Batista no Mato Grosso, década de 1910 - 1940. NOGUEIRA, Sérgio.
*Ann Mae Louise Wollerman: Recorte biográfico e sua contribuição para a historiografia
batista de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul.* Dourados: Inove, 2004.

Anexo 6



Foto número 19-B
Templo PIB em Corumbá



Foto número 20
Missionário Ernest A. Jackson e Miss.
Janette Jackson

Fotos da Missão Batista no Mato Grosso, década de 1910 - 1940. NOGUEIRA, Sérgio. *Ann Mae Louise Wollerman: Recorte biográfico e sua contribuição para a historiografia batista de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul* Dourados: Inove, 2004.



Foto número 28
Família Monteiro, evangelizada por Sherwood em Rio Verde



Foto número 29
Sherwood, à esquerda,
acompanhado de missionários dos
EUA. À direita, o pastor da PIB em
Campo Grande na época



Foto número 30
Grupo de membros da PIB em
Campo Grande em frente ao
Templo antigo

Anexo 8

BIBLIOTECA

— ANA —

O Jornal Batista

ÓRGÃO OFICIAL DA CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA - FUNDADO EM 1901

ANO XCV - 40 Um novo jornal com quase 100 anos Rua Senador Furtado, 56, Rio de Janeiro, RJ 13 a 19/10/96

Ministério jovem dá ênfase ao indivíduo. Conheça este trabalho na página 3.

Dia Batista Brasileiro: 114 anos com os olhos postos em Cristo

Reprodução

São 114 anos que a denominação comemora, nesta terça-feira, 15 de outubro - Dia Batista Brasileiro -, de fundação da Primeira Igreja Batista na Bahia, pelos pastores William Bagby e esposa Anna Luther Bagby, Zachary Clay Taylor e esposa Kate Stevens Taylor, e Antônio Teixeira Albuquerque, missionários espalhados pelo Brasil inteiro, de ponta a ponta; somos agora cerca de 1 milhão de batistas. Por isso, continuamos mantendo os olhos fitos em Cristo, nosso único e suficiente alvo, como o fez a "nuvem de testemunhas" do passado, preparando o caminho que trilhamos, e que temos que prosseguir



Reprodução

O casal batista Anna e Willian Bagby

Anexo 9



tidão, com a presença de

IGREJAS DE TRÊS LAGOAS

Primeira Igreja Batista



Ao lado da esposa, o atual pastor da Igreja, João Luiz



O trabalho de Evangelização em Três Lagoas teve início no ano de 1920, com a chegada das famílias de Austeclínio de Abreu, José Augusto Deluiz e Horácio Kneip Ladeira. Realizando um trabalho pioneiro, essas famílias conquistaram amigos e anunciavam a Jesus Cristo como Salvador Eterno. O primeiro culto oficial foi realizado na casa de Tonico Teodoro no dia 1º de agosto de 1920, em uma leiteria. Por necessidade de ampliação do local, no mesmo ano surgiu já no centro da cidade a primeira Missão Evangélica de Três Lagoas.

No dia 14 de março de 1924, foram batizados os primeiros 15 convertidos ao Evangelho de Jesus Cristo, no local denominado como Lagoa Maior, pelo missionário norte-americano W.C. Sheward, auxiliado pelo pastor coronel Antonio Ernesto da Silva.

Os batizados foram: Aristides Silva, Anália Ambrósia Viterbo, 27 de maio de 1927 e no dia 2 Anatália de Oliveira, Fé Ambrosina de Andrade, Francisca Deluiz, Júlio Colinos, Laura Alvez Pereira, Manoel Gomes, Maria Amaro Dabrius Deluiz, Maria Gilgueiras de Jesus, Nominanda de Oliveira Santos, Raimundo Soares, Sebastião Custódio de Oliveira e Virgulina Soares. A então Missão Batista contava com 22 membros atuantes.

A primeira diretoria eleita foi: Presidente, missionário W.C. Sheward; secretário, José Augusto Deluiz; tesoureiro, Horácio Kneip Ladeira e diretor da Escola Bíblica Dominical, Austeclínio de Abreu.

No dia 15 de março de 1925, foi inaugurado o primeiro templo da Igreja Batista, com a presença de várias autoridades, entre elas o prefeito municipal Fenelou Muller, que também assinou a ata de inauguração. O missionário Sheward permaneceu como pastor interino até

possuía o pastor João Urbietta.

Durante os 81 anos de existência da PIB, várias outras foram organizadas, entre elas de Araçatuba, de Lairi Andradina, Pereira Barreto, Itapura e Ilha Solteira. Todas no Estado de São Paulo. Em Mato Grosso do Sul, a PIB de Paranaité, Brasilândia, além das 2ª, 3ª e 4ª Batistas de Três Lagoas. Atualmente a igreja mantém a missão em Selvíria.

A Escola Batista Lagoense está completando 81 anos e é mais uma das atividades que a PIB desenvolve.

O atual titular da Igreja é o pastor João Luiz da Silva.

A PIB localiza-se na Rua Elmano Soares, 319 - centro - Três Lagoas. Telefones: (67) 3521 2689 e 3522 2222. E-mail: pib3lagoas@ibest.com.br

| | | |
|---|---|---|
| Anuncie aqui!!! Ligue: 3522 1480 - 3521 4574 8411 8005 | Anuncie aqui!!! Ligue: 3522 1480 - 3521 4574 8411 8005 | Anuncie aqui!!! Ligue: 3522 1480 - 3521 4574 8411 8005 |
|---|---|---|

Ata nº 3

Das 11h da tarde de 19 de Setembro de 1942, depois de culto que foi celebrado pelo pastor Antunes Albuquerque e após a leitura de livros e canções e muito mais foi declarado aberto o sessão pelo irmão Prudente.

Em seguida, foi a palavra passada ao irmão Sr. Francisco Vasquez, como missionário da Igreja de Miranda, para apresentar o seu relato de O Senhor Jesus realizou as obras imprevistas, afirmando, com intenção que sua Igreja está quasi sem assistência espiritual, necessitando de os ministros que realizem o seu trabalho, e trabalhar seja parabolicamente os outros desanimados. Nessa ocasião solicitou o irmão Prudente que providenciasse um auxiliar para o desenvolvimento da Igreja de Monte Alegre. A Igreja contou, presentemente, com 19 membros, esperando valer por carta mais 4 irmãos. Finalizando o seu relatório, realizou seu pedido de concessão dos irmãos igreja, foi mantida.

Retornando a palavra ao irmão Prudente para falar sobre a evangelização batizada, inicialmente, afirmou que o mesmo Estado é um dos maiores do Brasil, porém, é o menor evangelizado, que tem cerca de cento e cinquenta igrejas, e que na Capital não há trabalho batista. Disse que o total do batistas que jogam parte das igrejas no Mato Grosso é de 900 almas. A seguir pediu que a Comissão tenha relação das evangelistas, entre outros, destacando um grupo de seis e sete para o Estado de Goiás. Continuando a discursar sobre o tema, solicitou que os ministros dedicassem especial atenção ao seguinte tópico:

- 1º) Que a evangelização do Estado de Mato Grosso se prossiga inicialmente pelo sistema de evangelistas locais;
- 2º) que, para isso a diretoria da Comissão deverá promover estudos para confiar-lhes tais encargos, acompanhando essa obra com orações permanentes;
- 3º) que, enquanto não se iniciarem evangelistas com o grupo, para isso pontos de trabalho, trata-se de arrecadar o de fundo destinada ao cultivo de seu trabalho;

- 4º) que se institua o "Dia da Evangelização batizada" neste Estado e seja o mesmo comemorado com alegria;
- 5º) que se encaminhe um apelo para a Junta de Missões Nacionais pedindo obreiros para a nossa obra. Que o qual apelo seja feito à Junta de Missões Evangélicas de Richmond.

Transcorrida a palavra, encerrou o Sr. Pastor que, se reportou ao assunto abordado pelo pastor Albuquerque, disse, positivamente o pedido do culto no trabalho de evangelização está na formação de famílias crentes, que possam cooperar com o novo na na dispersão da batizada de seu, assim e que, torna-se o trabalho muito difícil para ser iniciado. Falou, a seguir, o irmão Lopez, que considerou as palavras do irmão Prudente. Falou ainda o irmão Desmetri Trilha que igualmente não fugindo momento de culto dos demais irmãos.

Em prosseguimento ao trabalho foi dada a palavra, novamente, ao irmão De Parte para dirigir uma palavra. Assumiu pulcritudine alguns versículos do Cap. 30 do A. Prof. e concluiu sua palavra na irreversibilidade de Deus.

Terminando o trabalho foi encerrado em louros e júbilo em nome a Deus pelo irmão Prudente.

Foi a sessão encerrada às 17 horas e 10 minutos.

Blasidit's 1942 - 1º dia

Registro financeiro da Sociedade de Mulheres do Igreja Batista de Três Lagoas movimento do Estado Guayana.

| | |
|---|---------------|
| 1943-1942: Saldo supressão de Novembro em | 274,30 |
| Entradas do mês de Dezembro | |
| Anita Urbista - oferta | 1,00 |
| Ignácia Urbista - " | 1,00 |
| Guimar de Oliveira " | 1,00 |
| Alia Sarmiento " | 1,00 |
| Jovira Leite " | 1,00 |
| Nominauda do Santo " | 1,00 |
| Agnesia de Paula " | 1,00 |
| Irene Salgado " | 1,00 |
| Edna dos Santos " | 1,00 |
| Oferta do dia Batista de oração mundial | 4,40 |
| Oferta do irmão Diogo Regueira | 2,00 |
| Resultado do trabalho da Sociedade | 89,90 |
| Oferta do irmão Julio Colius | 5,00 |
| Oferta de um irmão | 5,00 |
| Oferta de duas duplas de ovos por um irmão prest. | 5,00 |
| SOMA RS. | 377,00 |

| | |
|---|---------------|
| Resumo Financeiro da Sociedade de Mulheres do Igreja Batista de Três Lagoas | |
| Entradas do mês de Novembro de 1943 | |
| Saldo do mês de Outubro | RS 231,20 |
| Edna dos Santos (oferta) | 1,00 |
| Nominauda do Santo (oferta) | 1,00 |
| Regueira Filho (oferta) | 1,00 |
| " " (trabalho do dia) | 3,60 |
| Trilha, Maria Aquino (oferta) | 1,00 |
| Jovira Mangdes (oferta) | 4,00 |
| Regueira Santos (oferta) | 5,00 |
| " " (trabalho do dia) | 5,00 |
| Anita Urbista (oferta) | 1,00 |
| Ignácia Urbista (oferta) | 1,00 |
| Jovira Leite (oferta) | 1,00 |
| Jovira Leite (oferta) | 3,50 |
| Rosa Regueira (oferta) | 1,00 |
| Santa Regueira (oferta) | 1,00 |
| Santa Salgado (oferta) | 2,00 |
| RESULTADO DO TRABALHO DA SOCIEDADE | 174,00 |
| SOMA | 405,20 |
| TOTAL | 334,30 |
| SAIDAS | |
| ANIDA PARA O TRABALHO DA SOCIEDADE | |
| RESUMO | |
| SALDO DO MEZ DE OUTUBRO | RS 231,20 |
| ENTRADAS | RS 405,20 |
| SOMA | 636,40 |
| SOMA | 60,00 |
| SALDO PARA O MEZ DE DEZEMBRO | 274,30 |

Anexo 11

Agosto de 1940

| | | |
|----------------------------------|---------|---------|
| Saldo de julho | 100,000 | |
| Virgolina filho | 1,000 | |
| Maria F. Oliveira | 1,000 | |
| Maria Helena | 1,000 | |
| Sr. Andrade (2 mezes) | 2,000 | |
| Maria Martins | 1,000 | |
| Antoniina Santos (2 mezes) | 2,000 | |
| Leocadia de O. Lacerda (3 mezes) | 3,000 | |
| Alvina Cavalcini (2 mezes) | 2,000 | |
| Dalvina Florêncio | 1,000 | |
| Uma Almoçoada | 10,000 | |
| Desp: | | |
| Para o Hospital | | 5,000 |
| Saldo para Setembro | 117,000 | 117,000 |

Outubro de 1940

| | | |
|----------------------------|---------|---------|
| Saldo de Setembro | 117,400 | |
| Maria F. d' Oliveira | 2,000 | |
| Alice Sarmiento (2 mezes) | 2,000 | |
| Aurora de Sousa | 700 | |
| Jovina Silveira | 1,000 | |
| Maria Helena | 1,000 | |
| Estelvina Sabral (2 mezes) | 2,000 | |
| Anesia de Paula | 1,000 | |
| Virgolina filho | 500 | |
| Dalvina Honorata | 1,000 | |
| Aurora de Andrade | 400 | |
| Para o Hospital | 400 | |
| " o Harmonio | 1,000 | |
| Desp: | | |
| Para o Hospital | | 5,000 |
| " o Sanatorio | | 10,000 |
| Saldo para Novembro | 194,400 | 182,400 |

Relatorio do mez de Setembro de 1938

| | | |
|--------------------------------|---------|-----------------|
| Saldo do mez de Agosto | 118,400 | |
| Contribuições: | | |
| Maria Leijunho | 1,000 | |
| Aurora de Andrade (2 mezes) | 2,000 | |
| Maria Perseveranda (2 mezes) | 3,000 | |
| Rosa Reguina | 1,000 | |
| Maria Perseveranda (Mistão Ca) | 2,000 | |
| Aurora de Souza (2 mezes) | 3,000 | |
| Estelvina Sabral | 500 | |
| Anna Simões (2 mezes) | 2,000 | |
| Laura Pereira (2 mezes) | 2,000 | |
| Manuela Valcheria | 200 | |
| Amalia Vitorio (2 mezes) | 2,000 | |
| Dalvina Honorata | 1,000 | |
| Maria Helena | 1,000 | |
| Antoniina Santos | 1,000 | |
| Maria Martins | 400 | |
| Alice Sarmiento | 500 | |
| Carmelita Barbosa | 1,000 | |
| Maria Gertrudes | 1,000 | |
| Sr. Andrade | 1,000 | |
| Jovina Leite | 1,000 | |
| Florinda Mendes | 400 | |
| Costa woodora | 20,000 | |
| Hospital | 4,900 | |
| Saldos: | | |
| Para Missões Estrangeiras | | 10,000 |
| " Hospital Paulista | | 5,000 |
| " Harmonio (C. Reguina) | | 20,000 |
| Contribuições: | | |
| Lydia de Assis | 1,000 | |
| Estelvina Sabral | 500 | |
| Antoniina Santos | 1,000 | |
| Edolária Severina (2 mezes) | 2,500 | |
| - A transporte | | 73,300 - 35,000 |

| | | |
|------------------------------------|---------|---------|
| Transporte | 73,300 | 73,300 |
| Costas de uma viagem por equivooco | | 2,000 |
| Saldo para Outubro | | 36,300 |
| | 73,300 | 73,300 |
| Saldo de Setembro | | 36,300 |
| Laura Pereira | 1,000 | |
| Rosa Reguina | 1,000 | |
| Leonora Trunk | 1,000 | |
| Jovina Leite | 1,000 | |
| Aurora de Souza | 1,500 | |
| Lydia de Assis | 1,000 | |
| Maria Constança | 1,000 | |
| Florinda Mendes | 400 | |
| Rosa Reguina | 1,000 | |
| Anna Simões | 1,000 | |
| Maria Chamy | 1,000 | |
| Floriga Araújo | 500 | |
| Orabette | 500 | |
| Alice Sarmiento | 500 | |
| Carmelita Barbosa | 1,000 | |
| Estelvina Sabral | 500 | |
| Laura de Souza, Sr. Trunk | 20,000 | |
| Recebido por Hospital R. S. Costa | 5,100 | |
| Colleta "Ore Tempo Amadado" | 14,000 | |
| Alto de da Costa Reguina | 12,000 | |
| Contribuições para o Hospital | | 5,000 |
| Para a Igreja de Anasabul | | 13,000 |
| Saldo para novembro | | 50,300 |
| | 100,300 | 100,300 |
| Theresinha Patrícia K. Suzana | | |

Anexo 12

1

Homagem

Srta. Anália Ambrozina de Azevedo



1.ª Baileira da Família dos Fundadores

#

Data: 06 e 07 de maio de 2000.

Anexo 13



Templo atual da Igreja Batista de Três Lagoas construído em 1991 (fonte: PIB é a pioneira em Três Lagoas. Boas Novas. 1ª Quinzena de março de 2002, ano II, n 19, p. 3).

Autorizo a reprodução não comercial deste trabalho.
Dourados, 30 de junho de 2009.

ADEMAR ALVES DA SILVA